



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE ARTES
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES
ESPECIALIZAÇÃO LATO SENSU**

**PRÁTICAS DOCENTES NA CONTEMPORANEIDADE: UMA
REFLEXÃO COM PROFESSORES DE ARTES SOBRE MEIO
AMBIENTE, MULTICULTURALISMO E CULTURA VISUAL**

Jaison Couto de Souza

Orientadora:

Prof. Dra. Claudia Mariza Mattos Brandão

Jaison Couto de Souza

**PRÁTICAS DOCENTES NA CONTEMPORANEIDADE: UMA
REFLEXÃO COM PROFESSORES DE ARTES SOBRE MEIO
AMBIENTE, MULTICULTURALISMO E CULTURA VISUAL**

**Monografia apresentada como requisito
parcial para a obtenção do título de Pós
Graduação em Artes Visuais -
Especialização em Ensino e Percursos
Poéticos da Universidade Federal de
Pelotas/UFPEL**

Orientadora: Prof^a Dra. Claudia Mariza Mattos Brandão

Área de Concentração: Educação

Pelotas

2013

Esta Monografia foi defendida perante a seguinte Banca:

Orientadora: Profª Dra. Claudia Mariza Mattos Brandão – C.A. UFPel

Banca Examinadora: Profaª Dra. Maria de Lourdes Valente Reyes – C.A. UFPel

Banca Examinadora: Profª Dra. Dilza Pôrto Gonçalves – PUC RS

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha mãe Alda Couto de Souza “in memoriam”.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que, de alguma forma, contribuíram para a conclusão desta monografia, em especial à orientadora deste trabalho, Profa. Dra. Claudia Mariza Mattos Brandão, bem como, à banca examinadora, composta pela Profa. Dra. Maria de Lourdes Valente Reyes e a Profa. Dra. Dilza Pôrto Gonçalves.

Agradeço também, com muito carinho, às arte/educadoras que gentilmente concederam entrevistas para a realização deste trabalho.

RESUMO

Este trabalho trata-se de uma pesquisa sobre as tendências do ensino das Artes Visuais nas práticas docentes. Tem como objetivo principal verificar se as professoras de Artes atuantes em seis escolas na cidade de Pelotas seguem algumas das tendências contemporâneas deste componente curricular, como meio-ambiente, multiculturalismo e cultura visual. São objetivos específicos da investigação: elaborar um resumo histórico sobre o ensino das artes no Brasil; problematizar as tendências contemporâneas em estudo neste trabalho; identificar as práticas docentes em artes nas escolas investigadas; analisar os depoimentos dos professores entrevistados; relacionar os resultados obtidos nas entrevistas com o ensino de artes no Brasil em acordo com as tendências contemporâneas aqui apresentadas. A pesquisa é de cunho qualitativo e contemplou os seguintes procedimentos metodológicos: levantamento bibliográfico sobre o tema em questão; realização de entrevistas semi-estruturadas com quatro professoras de artes do município de Pelotas; análise crítica e reflexiva dos dados; problematização dos dados à luz das tendências pedagógicas apresentadas. São referenciais teóricos da investigação, Ana Mae Barbosa (2002, 2005, 2010), Michel Maffesoli (1995, 2001) e Edgar Morin (2003, 2007). Os resultados indicam as reais condições de trabalho nas instituições de ensino e um olhar crítico das educadoras sobre suas práticas pedagógicas em relação ao ensino das Artes Visuais no contexto das tendências contemporâneas.

Palavras-Chave: arte-educação, meio-ambiente, cultura visual, multiculturalismo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 FORMAÇÃO DOCENTE EM ARTES VISUAIS	13
1.1 Uma breve história da arte/educação no Brasil.....	14
1.2A escola e a sociedade contemporânea.....	18
1.3A formação docente em Artes Visuais	20
2 MEIO AMBIENTE, MULTICULTURALISMO E CULTURA VISUAL NAS AULAS DE ARTES	24
2.1 Meio Ambiente.....	25
2.2 Multiculturalismo	28
2.3 Cultura Visual.....	30
3REFLEXÕES SOBRE A DOCÊNCIA EM ARTES	33
3.1 As professoras e a prática docente em artes	34
3.2 Reflexão, ação e reflexão	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	54
ANEXO 1 - ENTREVISTA COM A Professora 1.....	57
ANEXO 2 - ENTREVISTA COM A Professora 2	66
ANEXO 3 – ENTREVISTA COM A Professora 3	73
ANEXO 4 – ENTREVISTA COM A Professora 4.....	87

INTRODUÇÃO

Neste trabalho tenho como objetivo inicial investigar como algumas das tendências contemporâneas para o ensino das Artes Visuais são abordadas nas aulas de artes por quatro educadoras, em escolas do município de Pelotas (RS). Isso se deve ao fato de que ao longo da minha formação acadêmica em Artes Visuais – Licenciatura – Centro de Artes/UFPel, bem como atualmente, no Programa de Pós Graduação – Especialização em Artes: Ensino e Percursos Poéticos/UFPel, o que tem movido meu interesse é a busca por um melhor entendimento sobre a função da arte na educação escolar contemporânea e, como fazer da disciplina, visto que sou professor em exercício da função, algo cada vez mais significativo tanto para os estudantes, quanto para mim mesmo.

A pesquisa ora apresentada dá segmento a investigações desenvolvidas desde o ano de 2007, enquanto graduando na Licenciatura em Artes Visuais, momento em que focalizei as questões interdisciplinares entre a arte/educação e a educação ambiental, uma das tendências contemporâneas para o ensino das Artes Visuais. Os resultados positivos deste trabalho somados a alguns questionamentos levantados durante o curso do Programa de Pós Graduação – Especialização em Artes estimularam o prosseguimento dos estudos no campo do ensino em Artes Visuais.

Entendo que o ensino deve estar em consonância com a contemporaneidade, assim como, a interdisciplinaridade deve contribuir para a produção de novos sentidos para as práticas docentes. Isso, pois a construção do conhecimento se dá a partir do reconhecimento das práticas sociais, através da valorização das diferentes culturas, valendo-se dos recursos disponíveis em cada comunidade, e da contextualização desta realidade perante o contexto global. Nesse sentido, é possível considerar que:

A interdisciplinaridade é a condição epistemológica da pós-modernidade, e a interculturalidade, a condição política da democracia. A aliança entre essas duas condições basilares da vida, contemporâneas às tecnologias flexíveis e multiplicadoras, garantirá um humanismo em constante reconstrução para responder às imponderáveis e permanentes mudanças sociais (BARBOSA, 2005, p. 111).

Frente às transformações sociais, as quais se refere a autora, em especial às decorrentes da ação humana sobre a natureza, e de todo processo evolutivo e tecnológico, resta-nos sem dúvida, repensar a todo instante nossas ações e modos de agir, viver e conviver em sociedade. No caso do professor, mais profunda deve ser essa reflexão, pois este profissional tem de estar preparado para ser um agente transformador frente à complexidade social, comprometido com as inúmeras necessidades em sua área de atuação e criativo para propor estratégias educativas que ultrapassem o campo do senso comum.

Em meio à complexidade das diversas organizações da sociedade contemporânea e, entre elas a escola, esta pesquisa procura verificar como a educação escolar em arte é apresentada aos alunos e, de que forma assuntos referentes à conservação do meio ambiente, multiculturalismo e cultura visual são discutidos em sala de aula.

Como foi mencionado no primeiro parágrafo desta introdução, este trabalho tem como objetivo geral, **investigar como algumas das tendências contemporâneas para o ensino das Artes Visuais (multiculturalismo, cultura visual e meio ambiente) são abordadas nas aulas de artes em 6 escolas na cidade de Pelotas RS**. São objetivos específicos da investigação: elaborar um resumo histórico sobre o ensino das artes no Brasil; problematizar as tendências contemporâneas em estudo neste trabalho; identificar as práticas docentes em artes nas escolas investigadas; analisar os depoimentos dos professores entrevistados; relacionar os resultados obtidos nas entrevistas com o ensino de artes no Brasil de acordo com as tendências contemporâneas aqui apresentadas.

A pesquisa é de cunho qualitativo e contemplou os seguintes procedimentos metodológicos: levantamento bibliográfico e documental sobre o tema em questão; realização de entrevistas semi-estruturadas com 4 professoras de artes do município de Pelotas; análise crítica e reflexiva dos dados; problematização dos dados à luz das tendências pedagógicas aqui apresentadas.

O levantamento de dados desta investigação deu-se através de depoimentos orais de educadoras, com o intuito de preencherem as lacunas deixadas pelas fontes escritas e, por acreditar que os relatos sobre as práticas docentes têm muito a nos revelar além das diversas teorias apresentadas sobre as mesmas. Isso, pois cada professor decide por qual caminho trilhar a partir dos currículos que lhes são apresentados pelas redes escolares, sejam elas, municipais,

estaduais ou particulares. Sobre o assunto a historiadora Marieta de Moraes Ferreira nos diz que:

Os arquivos escritos dificilmente deixam transparecer os tortuosos meandros dos processos decisórios. Muitas decisões são tomadas através da comunicação oral, das articulações pessoais; o número de problemas resolvidos por telefone ou pessoalmente não para de crescer. Para suprir essas lacunas documentais, os depoimentos orais revelam-se de grande valia (FERREIRA, 1994, p.7).

Em busca de tais revelações, através das entrevistas procurei respostas referentes às transformações nas formas de olhar e ver as imagens e o meio ambiente que habitamos, além das interferências multiculturais que possam contribuir no processo de educação em arte na atualidade.

Como referencial teórico na área de arte/educação, trago a professora Ana Mae Barbosa (2002, 2005, 2010), visto que, na maioria das vezes, sua teoria vem norteando os projetos que desenvolvo nesta área; pela relevância de seu trabalho no contexto nacional no que tange a arte/educação.

Michel Maffesoli(1995, 2001) é outro importante referencial para este trabalho, na medida em que propõe a valorização da coletividade através das novas formas de convivência, estilo e comunicação. Ele também alerta para a transmutação de valores e pela transfiguração das imagens na pós-modernidade.

Edgar Morin(2003, 2007)é o teórico que me ampara nas discussões acerca da complexidade contemporânea. O autor considera que os antigos paradigmas não são mais suficientes para suprir as necessidades das atuais sociedades ocidentais, cujas culturas priorizam o consumo, fazendo dele um indicador social que despreza e refuga quem o recusa.

O excesso de informação e as novas formas de comunicação e de interação interpessoal; o consumo das imagens e o culto da própria imagem em redes sociais, as novas maneiras de entretenimento, entre tantas experiências da sociedade contemporânea, estão transformando drasticamente sistemas já consolidados e instituições tradicionais da sociedade, como por exemplo, a família e a escola. O mundo e a vida humana, de modo geral, tornaram-se cada vez mais complexos e sofisticados e, compreender esse mundo de complexidades, acaba por ser o grande desafio imposto pela contemporaneidade. Este desafio para o século XXI requer do professor, sensibilidade para educar e decifrar com seus alunos essa

enigmática mutação tanto na dimensão material, quanto na imaterial, e os caminhos a seguir para garantir educação, integridade, cidadania e sustentabilidade em uma sociedade que se reconfigura a cada dia.

Se é verdade que o gênero humano, cuja dialógica *cérebro/mente* ainda não está encerrada, possui em si mesmo recursos criativos inesgotáveis, pode-se então vislumbrar para o terceiro milênio a possibilidade de uma nova criação cujos germes e embriões foram trazidos pelo século XX: a *cidadania terrestre*. E a educação, que é ao mesmo tempo transmissão do antigo e abertura da mente para receber o novo, encontra-se no cerne dessa nova missão (MORIN, 2007, p. 72).

O paradigma da complexidade, segundo Morin, visa associar as diversas formas de conhecimento, derrubando as velhas verdades absolutas e as hierarquias arbitrárias, apontando a incerteza como parte da certeza, a ordem como parte da desordem, a matéria como parte do espírito e vice versa, não mais assegurando certeza ou estabilidade ao conhecimento. Para a sociedade, isso implica em romper com o pensamento simplificador e linear já instituído, propondo, de forma geral, ressignificação às ações individuais e às práticas coletivas.

Existe complexidade, de fato, quando os componentes que constituem um todo (como o econômico, o político, o sociológico, o psicológico, o afetivo, o mitológico) são inseparáveis e existe um tecido interdependente, interativo, e inter-retroativo entre as partes e o todo, o todo e as partes (MORIN, 2003, p.14).

Atualmente, os componentes citados pelo autor são os que constituem o todo. Eles rompem com a forma estável de disposição do tempo e do espaço, abalando as certezas da sociedade e das formas de ser, agir e habitar a contemporaneidade e a instabilidade que ela apresenta. Esta nova condição em que estamos imersos, nos leva a rever como a educação em arte pode contribuir, para que haja melhor entendimento entre os vários setores da sociedade a respeito de interesses comuns, reafirmando no imaginário social, a verdadeira função da arte e da escola.

No caminho traçado para a pesquisa, a monografia foi dividida em três capítulos, do seguinte modo:

O capítulo 1 abrange temas relacionados com a formação docente em artes, e está subdividido em três partes. Primeiramente, um breve histórico da arte/educação no Brasil desde a chegada da Missão Artística Francesa, até nossos

dias. Em um segundo momento, abordo questões relacionadas à escola e a sociedade contemporânea e, finalmente, uma discussão em torno da formação docente em Artes Visuais na atualidade.

No segundo capítulo apresento alguns autores e suas considerações em relação ao meio-ambiente, a cultura visual e ao multiculturalismo e às possíveis relações destes temas com as aulas de artes e com o contexto escolar de modo geral.

No terceiro capítulo, apresento as arte/educadoras, sujeitos desta pesquisa e suas reflexões em torno de questões voltadas a área da arte/educação em algumas escolas na cidade de Pelotas, seguida por uma análise das falas destas professoras em relação às tendências contemporâneas deste componente curricular, tais como, meio-ambiente, multiculturalismo e cultura visual.

1 FORMAÇÃO DOCENTE EM ARTES VISUAIS

As Artes Visuais, em suas diferentes linguagens e manifestações, se fazem presentes na vida de todos, porém, muitas vezes não são percebidas, entendidas e valorizadas. Apesar da arte/educação estar inclusa nos currículos escolares há algumas décadas em nosso país, sua fraca disseminação nas escolas e desvalorização como área do conhecimento, ainda oculta os múltiplos aspectos educativos do universo da arte. A função da arte na escola está em proporcionar aos alunos o conhecimento histórico através dos registros artísticos deixados pela humanidade ao longo dos tempos, de forma a ampliarem suas capacidades de melhor compreensão do mundo em que vivem, bem como sua diversidade. A disciplina de artes possibilita a compreensão dos estudantes sobre sua cultura e os valores a ela enraizados. Hoje, a disciplina de artes é considerada como uma área do conhecimento que engloba a experiência de fazer as formas artísticas, de fruir as formas artísticas e de refletir sobre a arte como objeto de conhecimento (BRASIL, 1997, p.19). Além disso, as práticas pedagógicas em artes estimulam a percepção, despertam a sensibilidade, bem como, outros canais geralmente adormecidos.

A arte enquanto expressão cultural, social e política de todos os povos, é passível de inúmeras formas de leituras, visto que, ela não trata de um estudo exato para a sua tradução e compreensão. A cultura e a arte são componentes essenciais de uma educação completa que conduza ao pleno desenvolvimento do indivíduo, visto que;

A educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido à experiência humana: o aluno desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação, tanto ao realizar formas artísticas quanto na ação de apreciar e conhecer as formas produzidas por ele e pelos colegas, pela natureza e nas diferentes culturas (PCN's, 1997, p. 19).

Além disso, a educação pela arte estimula o desenvolvimento cognitivo e pode tornar o conhecimento adquirido pelos educandos e, a forma como aprendem, mais relevantes face às suas necessidades e das sociedades em que estão inseridos.

A educação em Artes Visuais vai além da produção e apreciação de objetos artísticos e não está embasada em dom ou talento pessoal. Esta prática educativa visa o desenvolvimento cognitivo e estético, a percepção visual, a sensibilidade e a criatividade; como também diz respeito à dimensão social das manifestações artísticas ao longo da história. Nesse sentido, nas últimas décadas, acompanhamos várias e significativas mudanças no ensino da arte no Brasil, que vão desde os conteúdos ministrados nas aulas e, que perpassam por questões pedagógicas e curriculares, como também, em sua nomenclatura.

1.1 Uma breve história da Arte/Educação no Brasil

A Educação Artística através do ensino formal no Brasil deu-se inicialmente em 1816, com a chegada da Missão Artística Francesa e a fundação das Escolas de Belas Artes, que desenvolviam como principal atividade, a reprodução mimética de obras de arte clássicas produzidas por renomados artistas europeus. Estas atividades perduraram por algum tempo, na maioria das vezes, sob influência da iniciativa privada de diferentes ordens religiosas católicas, reproduzindo um espírito nos moldes medievais aqui no Brasil.

No decorrer do século XIXa educação elitista perde lugar para alunos de classes populares na então denominada Academia Imperial das Belas-Artes. Com ideários românticos os aristocratas buscaram conjugar nomesmo estabelecimento escolar duas classes de alunos, os artesãos e os artistas, frequentando juntos às mesmas disciplinas básicas, tornando-se o lugar de convergência entre a elite cultural que se formava em torno da corte e as camadas populares que buscavam conhecimentos específicos exigidos pelo mercado de trabalho (FUSARI, FERRAZ 1993).

No final do século XIX, os ideais liberais introduziram o ensino do desenho na educação numa perspectiva anti-elitista, preparando o alunado como mão-de-obra para as indústrias, a partir do modelo americano.O século XX é marcado pela tendência pedagógica tradicional de ensino, que tem suas raízes no séc. XIX, onde o processo de aquisição do conhecimento reduzia-se a um ensino mecanizado, desvinculado dos aspectos do cotidiano, tendo na figura do professor, o detentor de verdades absolutas.

A pedagogia tradicional é uma das práticas pedagógicas mais aplicadas em nossos dias. Neste modelo pedagógico, a educação se efetiva através do ensino padronizado sem preocupar-se com a inovação. Desenvolve nos alunos, apenas a memória e a retenção de informações, sem dar espaço aos pensamentos e questionamentos críticos. Nas aulas de artes, isso implica em repetições, cópias do original, com objetivo de desenvolver a coordenação motora e a percepção visual dos alunos.

Nas décadas entre os anos 1930/1960, o arte/educador estimulava a livre expressão entre os alunos, propondo novas experiências cognitivas e valorizando as necessidades individuais de cada um. Tal postura seguia a filosofia do americano John Dewey (1859-1952), através da prática do "aprender fazendo", deslocando o foco da questão pedagógica do intelecto para o sentimento, da teoria para a prática, do professor para o aluno. Herbert Read (1893-1968) é outro importante autor a influenciar o pensamento dos educadores em Arte neste período, defendendo a ideia de que a base da educação e da democracia está na liberdade individual, integrada à função social dos indivíduos. Em sua obra "A Educação pela Arte (2001)", o autor diz não conseguir desvincular a arte da educação, pelo motivo de ambas estarem ligadas ao homem como indivíduo, como ser cultural e como cidadão do mundo. Colocar a arte e a educação lado a lado é, para o autor, imprimir um ritmo mais criativo, livre e lúdico ao ensino. Através da educação dos sentidos, na qual se fundamenta a consciência, a inteligência e o raciocínio, somos capazes de estabelecer uma melhor relação com o mundo exterior e suas complexidades.

No ano de 1971, a (LDB) Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 5692/71, determina a inclusão da Educação Artística; não como disciplina obrigatória, apenas como atividade aos currículos escolares de 1º e 2º graus, com polivalência nos conteúdos de música, teatro, dança e artes plásticas. A polivalência no ensino das artes consistia em um único professor ministrar aulas que contemplassem conteúdos da música e do teatro, bem como da área da dança e das artes plásticas. Em 1973, para suprir essa demanda, foram criados os cursos de graduação em Educação Artística, na modalidade de licenciatura curta, visando formar um profissional capacitado para atender essas quatro modalidades artísticas.

Essas transformações curriculares aconteceram concomitantemente à implantação da pedagogia tecnicista em nosso país, momento esse em que a Educação Artística atravessava problemas estruturais pela falta de condições para o

trabalho na escola pública e na formação insuficiente aos estudantes da Licenciatura Curta em Artes. Neste mesmo tempo, o sociólogo e educador Paulo Freire retornou ao Brasil após exílio durante a ditadura militar, difundindo a proposta de uma pedagogia voltada à transformação social das classes populares, propondo a alfabetização de adultos como forma de combater a opressão pelas classes dominantes. Em decorrência das ideias de Freire aconteceu uma divisão do pensamento dos educadores em relação à qual pedagogia a ser adotada, bem como, nas correntes ideológicas e filosóficas a serem seguidas e suas relações com o ensino escolar.

Os anos 1980 foram marcados por dúvidas e pouca discussão a respeito da fragilidade metodológica da Educação Artística, em contrapartida, análises mais amplas a esse respeito deram origem às associações de Arte/Educadores em diversas regiões do país. É constatada neste momento, uma prática pouco fundamentada, onde métodos e tendências de ensino se misturam, sem maiores compromissos com o conhecimento em arte. Como destacam Fusari e Ferraz:

Dentre os problemas apresentados no ensino artístico, após a Lei 5692/71, encontram-se aqueles referentes aos conhecimentos básicos de arte e métodos para apreendê-los durante as aulas, sobretudo nas escolas públicas. O que se tem constatado é uma prática diluída, pouco ou nada fundamentada, na qual métodos e conteúdos de tendência tradicional e novista se misturam, sem grandes preocupações com o que seria melhor para o ensino de Arte (FUSARI; FERRAZ, 1993, p.39).

Como uma reação aos problemas destacados pelas autoras, temos nos anos 1990, a abordagem triangular proposta pela educadora Ana Mae Barbosa, marcando o cenário educativo da arte no Brasil. A metodologia tem por base três fundamentos, que são a fruição do objeto artístico e das imagens em geral, a produção artística e a contextualização destas com o cotidiano dos alunos. Neste sentido, a professora Ana Mae Barbosa propõe uma educação em arte que busca formar um observador crítico que consiga decodificar as imagens às quais está exposto, tanto no sentido formal, quanto no sentido conceitual, pois:

O Ensino da Arte na escola orientado pela Abordagem Triangular pretende formar o conhecedor, o decodificador da obra de arte e das imagens do cotidiano ou da cultura visual. Ou seja, este ensino promoverá uma reconhecimento, uma reinvenção dos sujeitos envolvidos e estes se ressocializarão e se humanizarão (BARBOSA, 2010, p. 133).

Com a integração do fazer artístico, leitura e contextualização das imagens da arte e do cotidiano com as diferentes realidades dos alunos, a abordagem triangular compromete-se também com a cultura dos educandos, na medida em que, proporciona além dos conhecimentos artísticos, conhecimentos históricos, antropológicos e sociológicos.

A formulação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) no ano de 1996, a educação em Artes Visuais se fortalece e se constitui como componente curricular obrigatório nos diversos níveis de educação básica, no intuito de promover o desenvolvimento cultural dos alunos. A partir desta relevante mudança curricular, o significado da arte no contexto escolar busca o aprofundamento dos conhecimentos artísticos e às contribuições que delas decorrem ao desenvolvimento cognitivo e social humano. Este documento estabelece e define as diretrizes desta atividade curricular de ensino:

(...) situa-se a área de Arte dentro dos Parâmetros Curriculares Nacionais como um tipo de conhecimento que envolve tanto a experiência de apropriação de produtos artísticos (que incluem as obras originais e as produções relativas à Arte, tais como textos, reproduções, vídeos, gravações, entre outros), quanto o desenvolvimento de competência de configurar significações por meio da realização de formas artísticas. Ou seja, entende-se que aprender Arte envolve não apenas uma atividade de produção artística pelos alunos, mas também a conquista da significação do que fazem, pelo desenvolvimento da percepção estética, alimentada pelo contato com o fenômeno artístico visto como objeto de cultura através da história e como conjunto organizado de relações formais. É importante que os alunos compreendam o sentido do fazer artístico; que suas experiências de desenhar, cantar, dançar ou dramatizar não são atividades que visam distraí-los da "seriedade" das outras disciplinas. Ao fazer e conhecer Arte o aluno percorre trajetórias de aprendizagem que propiciam conhecimentos específicos sobre sua relação com o mundo. Além disso, desenvolvem potencialidades (como percepção, observação, imaginação e sensibilidade) que podem alicerçar a consciência do seu lugar no mundo e também contribuem inegavelmente para sua compreensão significativa dos conteúdos das outras disciplinas do currículo (PCNs, 1997,p.32).

As necessidades suscitadas pelo mundo contemporâneo, capitalista e compartimentado estão em produzir novos olhares sobre as formas de efetivar a educação de forma a realizar um trabalho com os demais componentes do currículo dando sentido às atividades artísticas, proporcionando que esses cruzamentos entre as diversas áreas do conhecimento possibilitem gerar nos alunos mobilizações e reflexões críticas.

Na atualidade, as tendências pedagógicas do ensino das Artes Visuais sugerem ações reflexivas e interdisciplinares voltadas à valorização das várias

culturas, à educação estética e a cultura visual, assim como questões relacionadas ao meio ambiente, entre outras. Estas tendências direcionam para uma educação capaz de acompanhar a complexidade da realidade que nos cerca, potencializando nos alunos além da apropriação do conhecimento artístico, possibilidades de novos caminhos e reflexão crítica sobre os modos de agir em sociedade, contribuindo para os questionamentos para a validação ou não, das práticas sociais vigentes.

1.2 A escola e a sociedade contemporânea

As imagens veiculadas pelas diferentes mídias trazem em sua essência um discurso conceitual que precisa e deve ser adotado a partir da estética e dos conteúdos das Artes Visuais nas escolas. Os alunos estão cada vez mais expostos às tecnologias de mídias, e estas se fazem cada vez mais presentes e necessárias, possibilitando o intercâmbio de informações, como também, o acesso e a socialização do conhecimento. A escola precisa acompanhar esta realidade para que não seja omissa na formação dos alunos, permitindo que eles sejam consumidores passivos dessas informações e dos meios tecnológicos, sem orientação, reflexão e responsabilidade.

Inúmeras escolas públicas brasileiras continuam em descompasso em relação ao ensino/aprendizagem das Artes Visuais. A formação dos profissionais desta área é precária devido à escassez de pesquisas e atualizações que trate deste assunto específico; sem falar no preconceito que ainda existe em relação ao ensino escolar da arte, que insiste em classificar a arte/educação ao nível de atividade recreativa.

O universo escolar e os métodos de ensino em geral, foram ao longo dos tempos constituídos pela humanidade como os únicos meios de acesso ao saber. A escola é uma gama de relações complexas, o resultado de um conjunto que envolve os mais variados fatores, como por exemplo: os alunos, os professores, os gestores, a comunidade em que a escola está inserida, fatores culturais e geográficos, climáticos, entre outros. Cabe ao professor, tomar consciência de sua verdadeira função tanto na sala de aula, quanto na comunidade escolar, mas principalmente, fundamentar sua ação pedagógica em arte como área do conhecimento que dispõe de conteúdos e legislações específicas.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) sugerem uma abordagem ampliada em relação ao ensino das Artes Visuais, começando pela terminologia que, por si só, tenta elencar outras linguagens artísticas às tradicionais. Essas novas formas de expressões artísticas como a fotografia, o cinema, as animações, o grafite, a computação gráfica, entre outros, somadas às tradicionais linguagens artísticas, são capazes de promover conhecimento em arte, assim como, o desenvolvimento intelectual, cultural, social e estético dos alunos.

A informação codificada através das imagens faz parte do cotidiano de todos nós. Este processo intensifica-se a cada dia e se faz necessário à apropriação da linguagem imagética para que haja uma clara decodificação do mundo que habitamos para que sua produção e consumo não se mantenham à sombra da escrita e da comunicação verbal, dominantes na produção do conhecimento. A tradução dos códigos das Artes Visuais é fundamental aos cidadãos, no intuito de ampliar a possibilidade de construção de significados de seu universo interno dominado pela imagem, assim como, apropriar-se do imenso repertório imagético e seu contexto artístico, histórico, social, cultural, político, ecológico, econômico...

Vivemos imersos em um mundo tecnológico visual extremamente sofisticado e difícil, em que as imagens que usamos no cotidiano para nossa comunicação, instrução e conhecimento transformam-se em uma mercadoria valiosa e indispensável. Consequentemente, os estudantes necessitam compreender como e por que são seduzidos por um imaginário do cotidiano e de que forma podem mediar essa relação com sujeitos agentes (BARBOSA, p.284, 2005).

O ensino escolar da Arte na contemporaneidade está diretamente vinculado às imagens e, não somente aquelas de obras clássicas que ilustram a maioria dos livros. O uso da imagem intensifica-se a cada dia, na mesma medida em que novas formas de reproduzi-las estão sendo apresentadas. A cultura da imagem assume um papel fundamental na sociedade contemporânea e, está na escola e no professor de Artes Visuais, a função de educar esteticamente, buscando no vasto repertório de imagens disponíveis, as que possam ser relevantes na formação crítica desses indivíduos. Na diversidade do conhecimento e das experimentações artísticas, os alunos desenvolvem a percepção e o senso estético, essenciais para a compreensão do mundo através de um diálogo efetivo com seu espaço e sua realidade cotidiana.

Novas poéticas e linguagens artísticas propõem inusitadas formas de comunicação, possibilitando que os alunos reconheçam nesses referenciais imagéticos e criativos a importância da autoria de seus trabalhos e de seus colegas, bem como, de suas escolhas em relação às imagens da arte e em geral. A arte constitui-se na necessidade humana de expressão; é o reflexo de uma sociedade, por isso precisa-se estar atento às manifestações artísticas atuais para analisar, refletir e melhor entender o cotidiano, na busca de sentido à evolução humana.

1.3 A formação docente em Artes Visuais

As metas definidas pelo governo federal para a educação em nosso país, como também, a qualidade do ensino estão diretamente e cada vez mais atribuídas à figura do professor. Segundo os PCNs, os professores de Artes Visuais deveriam responder questões que fundamentam a atividade pedagógica e aos conhecimentos que caracterizam a área de arte e sua função na sociedade contemporânea. Porém, a realidade nos espaços formativos dos profissionais nesta área, assim como nas escolas públicas não condizem com as exigências estabelecidas pela legislação vigente, nem tão pouco conseguem acompanhar o processo evolutivo dos demais segmentos da sociedade. Na prática escolar os professores e demais profissionais da educação constataam o distanciamento entre a teoria e a prática em relação ao ensino/aprendizagem da arte e do processo educativo como um todo.

Na atualidade, a formação no ensino superior na área de arte é diversificada, oferecendo distintas licenciaturas no campo da arte e das Artes Visuais. Apesar de cada área ter formação específica; como por exemplo, a música, o teatro, a dança, as artes visuais (licenciatura, bacharelado) o professor de arte na escola pública deve desempenhar todas essas funções, conforme exigência da legislação vigente, que de forma mascarada ainda exige a polivalência aos profissionais em arte-educação.

Há também uma regulamentação do Conselho Nacional de Educação (CNE) que atinge todas as licenciaturas, propondo alguns itens previstos na formação dos professores de arte, a saber: o ensino visando a aprendizagem do estudante; o acolhimento e o trato da diversidade; o exercício de atividades de enriquecimento cultural; o aprimoramento em práticas investigativas; a construção

de projetos; o desenvolvimento de conteúdos curriculares; o uso de tecnologias da informação, da comunicação e das inovações no âmbito escolar e, por último, o desenvolvimento do trabalho em grupo.

Ainda na esteira das mudanças, no governo do presidente Luis Inácio Lula da Silva, mais precisamente no ano de 2003, foi criado um conjunto de políticas públicas no intuito de recuperar a dívida do governo brasileiro para com os africanos e seus descendentes. A arte e cultura africana, assim como, posteriormente, o ensino da cultura e da arte indígena são partes integrantes desta reformulação, ampliando os conteúdos das escolas para além da dominante arte branca.

É preciso, portanto, estar aberto e flexível na ação didática. Perrenoud (2001) diz que ensinar é agir na urgência e decidir na incerteza; essa máxima, expressa na atualidade, a realidade sobre as novas orientações no trabalho dos professores e as inúmeras transformações na sociedade contemporânea e as deficiências apresentadas principalmente pela escola pública, que cada vez mais se distancia da realidade de seus alunos.

As sociedades se transformaram, formaram-se, avançam, retrocedem, param, refazem caminhos, avançam novamente e assim por diante. As tecnologias mudam o trabalho, a comunicação, a vida cotidiana, o pensamento, o homem. As desigualdades, a exclusão, se deslocam, agravam-se, ampliam-se e recriam-se em novos territórios. As pessoas estando ligadas a múltiplos campos sociais – como a família, trabalho, associações, escolas – sofrem com o novo contexto; a modernidade não permite a ninguém a se proteger das contradições do mundo. Assim, se a sociedade muda, e se as pessoas mudam, e se a sociedade e seus integrantes estão dentro da escola tanto quanto a escola e seus integrantes estão dentro da sociedade, esta inevitavelmente irá sofrer mudanças também, assim como todos os sujeitos de que dela fazem parte (MELO in CLEBSCH, 2009, pg.102).

Está na consciência de cada educador repensar a escola em seu tempo e espaço, transformando-a em um lugar significativo de aprendizagem e de reelaboração pessoal frente à cultura acumulada pela humanidade. Em arte, o professor é um agente transformador de realidades e da democratização do acesso à produção cultural e artística. Tais produções, não indagam sobre estágio de operação mental, série ou idade do alunado, portanto, está no professor a missão de mediador entre seus alunos e à arte, possibilitando que ela cumpra o papel a que se propõe. Somente um profissional consciente e comprometido será capaz de dar legitimidade à sua prática docente, colocando o ensino da arte em igualdade de

importância com as demais áreas do conhecimento, como também, no currículo escolar.

A forma pelo qual o poder público enfrenta o desafio em oferecer educação de qualidade em nosso país está distante da realidade e das necessidades tanto dos alunos, quanto dos professores e profissionais da área da educação. As escolas públicas estão em descrédito com a sociedade e o alunado insatisfeito com as propostas pedagógicas apresentadas, descontextualizadas de seu universo priorizado pela informação em tempo real, pela cultura da imagem e na urgente carência em aprofundamentos na formação cidadã, ética e criativa, frente às necessidades de transformação social, educacional, cultural, política, ambiental, em nosso país.

Atualmente difunde-se a proposta de uma escola reflexiva, elencada por educadores atuantes que repensam diariamente sua prática pedagógica, que se mantêm bem informado e em constante formação pessoal. Para nós, arte/educadores, é fundamental o contato direto com a produção artística e cultural contemporânea, assim como, com as diversas mídias comunicativas que oferecem possibilidades de trabalho em sala de aula, transitando pelos campos da reflexão, da ação, da curiosidade, do questionamento e da descoberta dos alunos. Professores amantes de sua profissão e comprometidos com a produção do conhecimento desenvolvem com seus alunos vínculos de amizade e respeito entre si e pelo saber. Valorizam em seus alunos os conhecimentos assimilados pelas experiências vividas, estabelecendo autoridade, respeito e afetividade; fatores essenciais para o processo educativo, pois:

A geração atual aprende se houver inovação, novas abordagens, ressignificação do conhecimento e contextualização daquilo que lhes é proposto. Então, os educadores precisam ser valorizados à medida que forem especiais, diferentes e fizerem a diferença dentro da escola e da sociedade. Assim, neste início de século, é importante considerar que – para ser diferente e compreender os educandos – é necessário estar continuamente em processo de atualização. No momento em que os professores estiverem com “o prazo de validade vencidos”, os alunos não mais o aceitarão (WERNECK in CLEBSCH, 2009, p.129).

O prazer pela aprendizagem nasce do desejo e curiosidade dos alunos em relação às suas inúmeras indagações e às demais que possam surgir durante as aulas. No entanto, para que isso aconteça, o papel do professor deve ser o de facilitador da aprendizagem, capaz de provocá-los ao desejo de aprender e assimilar

conhecimentos que possam ser revertidos em ações relevantes ao bem comum e na construção do cidadão consciente de seu papel na sociedade contemporânea.

2 MEIO AMBIENTE, MULTICULTURALISMO E CULTURA VISUAL E AS AULAS DE ARTES

Como o ensino não deve nem pode ser estático e unidirecional, é preciso termos consciência de que a sala de aula não se reduz aos conteúdos teóricos. Ela é também, o espaço de aprendizado e das vivências acerca dos valores e comportamentos essenciais aos indivíduos, possibilitando-os o desenvolvimento cognitivo e reflexões críticas sobre a vida em sociedade, contribuindo assim, para transformações criativas em suas relações nos meios cultural, social e natural.

Neste sentido, busco com esta pesquisa, verificar se os profissionais em arte/educação nela envolvidos desenvolvem em suas aulas de artes atividades que promovam o conhecimento artístico e, que, além disso, transitem em meio às questões cotidianas relacionadas ao meio-ambiente, à cultura visual e ao multiculturalismo. Entendo que estas tendências para o ensino da arte estão diretamente relacionadas à vida dos alunos e devem estar em pauta diariamente em seus contextos escolares, para que assim tenham melhor entendimento do espaço em que habitam, rompendo a barreira do medo imposto pela cultura tradicional e seus valores já consolidados, de forma a tomarem atitudes coerentes e inovadoras frente às necessidades de mudanças apresentadas no dia a dia.

Penso que, além de buscarmos um avanço progressivo na aprendizagem dos alunos, nós educadores, temos entre tantas missões a cumprir, motivá-los a darem sentido a esta aprendizagem estimulando-os a análises, reflexões e elaboração de metas em relação aos questionamentos e problemas apresentados em sua escola e comunidade, a fim de encontrarem caminhos que possam lhes dar referências da importância de seu papel nestes espaços, bem como, em suas famílias.

É necessária uma nova consciência em relação à educação como responsabilidade da sociedade como um todo e não apenas da família e da escola, que até então, não definiram seus papéis neste jogo. Devemos estar lúcidos de que somos todos responsáveis pelo mundo contemporâneo e suas conseqüências nem sempre desejadas.

A contemporaneidade impõe novas formas de relações em todos os setores da sociedade e aponta tendências globalizadas em defesa da vida com qualidade em um ambiente sustentável. Esse fato é resultante da crescente conscientização da sociedade globalizada e das mobilizações disseminadas através das mídias entre as diversas culturas. É um momento crucial para a educação, onde os alunos estudam cada vez menos e, que na maioria das vezes, as escolas não conseguem acompanhar o desenvolvimento intelectual, emocional, cultural e social dos estudantes e, ainda está incumbida de promover entre eles, formas de ler e inserirem-se neste mundo adverso e de complexidades.

2.1 Meio Ambiente

No início da década de 1960, os problemas ambientais já mostravam a irracionalidade do modelo econômico capitalista. Devido aos impactos ambientais ocorridos nestas últimas décadas, provocados pela atividade humana em todo o planeta ao longo do tempo, as atenções das autoridades competentes e de uma parcela da população em geral, estão voltadas às questões ambientais. Estas questões não dependem somente de iniciativas das instituições responsáveis, mas também da tomada de atitudes por parte de todos os segmentos da sociedade, a fim de reverter o quadro degenerativo em relação aos meios naturais.

Félix Guattari (1990) destaca como principais deficiências na sociedade contemporânea, o descompasso que nos encontramos em relação ao processo evolutivo dos meios tecnológicos e da informação, bem como, ao império dominante do mercado, que coloca em um mesmo patamar de equivalência os bens materiais, os bens culturais e os bens naturais.

Assim, para onde quer que nos voltemos, reencontramos esse mesmo paradoxo lancinante: de um lado, o desenvolvimento contínuo de novos meios técnico-científicos potencialmente capazes de resolver as problemáticas ecológicas dominantes e determinar o reequilíbrio das atividades socialmente úteis sobre a superfície do planeta e, de outro lado, a incapacidade das forças sociais organizadas e das formações subjetivas constituídas de se apropriar desses meios para torná-los operativos (GUATTARI, 1990, p.12).

Inúmeras são as organizações trabalhando em defesa da vida na terra, assim como grandes e numerosas são as campanhas publicitárias em prol desta

causa. Porém, há uma dificuldade por grande parte dos cidadãos a cerca de uma nova mentalidade e práticas coletivas em relação ao consumo consciente dos recursos naturais e a responsabilidade ambiental para o desenvolvimento das atividades humanas. Ainda não temos consciência suficiente para compreender que é impossível reverter o quadro degenerativo dos ecossistemas em nosso planeta, mas é o momento de uma nova ordem do pensamento e de conscientização a respeito das formas de habitá-lo. Nesse sentido, concordo com Guattari quando afirma que:

Certamente seria inconcebível pretender retornar a fórmulas anteriores, correspondentes a períodos nos quais, ao mesmo tempo, a densidade demográfica era mais fraca e a densidade das relações sociais mais fortes que hoje. A questão será literalmente reconstruir o conjunto das modalidades do ser-em-grupo. E não somente pelas intervenções "comunicacionais", mas também por mutações existenciais que dizem respeito à essência da subjetividade (GUATTARI, 1990, p. 16).

O autor parte do princípio de que o sujeito só existe no momento em que pensa e aprende a si mesmo e põe-se a compreender o outro. A subjetividade humana, segundo alguns de seus estudos, desencadeia experiências antiecológicas e, por sua vez, desastrosas e, deve-se levar em conta que, em todas as esferas da sociedade, as práticas dos indivíduos refletem-se na coletividade.

Por muito tempo, as sociedades estiveram despreocupadas com as questões ambientais e de conservação dos meios naturais. Foi preciso que a própria natureza desse alguns sinais, de que a humanidade, coletivamente, estaria colocando em risco todas as formas de vida em nosso planeta.

No ano de 1992, durante a ECO 92 ou Rio 1992 - Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e Desenvolvimento, realizada em julho deste ano, na cidade do Rio de Janeiro, vários países reúnem-se com o objetivo de conciliar o desenvolvimento socioeconômico com a conservação e proteção dos ecossistemas existentes em nosso planeta. Neste momento consolida-se o conceito de desenvolvimento sustentável, bem como, o reconhecimento de que os maiores danos ao meio ambiente eram de responsabilidade dos países desenvolvidos.

O desenvolvimento sustentável, segundo Holmberg (1995), baseia-se na produção e exploração de recursos e energias renováveis (sol, mar e ventos), na otimização dos recursos e energias não renováveis (água potável, terra e ar), no destino adequado do lixo produzido (doméstico, natural, industrial, nuclear,

hospitalar,...) e no consumo consciente dos bens disponíveis no espaço ambiental, indispensáveis à vida humana.

A cadeia de produção de bens de consumo visa apenas o crescimento econômico e, pouco tem se preocupado com questões de cunho socioambientais na interdependência entre o homem, a natureza e a economia. O desenvolvimento sustentável assume um compromisso com as gerações futuras, no sentido de assegurar a transmissão do patrimônio natural, histórico, sociocultural e econômico, proporcionando melhor qualidade de vida aos cidadãos ao longo dos tempos.

Em busca de melhor qualidade de vida e sob uma nova perspectiva perante as atuais e futuras condições de vida em nosso planeta, se fazem necessárias atitudes urgentes no que diz respeito à educação ambiental e toda forma de informações pertinentes a esta causa elementar. Direcionar todas as áreas do conhecimento a favor da causa ambiental é uma alternativa eficaz para a construção de uma nova consciência voltada ao desenvolvimento sustentável, solidário e criativo. Isso, pois:

Se o desejo é o motor do desenvolvimento sustentável, a criatividade é o seu combustível: é a criatividade que dará impulso ao empreendedor para imaginar um produto ou serviço que ofereça mais (satisfação às necessidades) com menos (recursos e trabalho). É a criatividade que vai permitir ao pesquisador encontrar soluções elegantes para problemas cada vez mais complexos. E finalmente, é a criatividade que vai dar vontade ao consumidor, ao eleitor, ao investidor de escolher um desenvolvimento que tenha mais sentido (THOUVENOT, apud KAZAZIAN, 2005, p.8).

No momento em que conseguirmos sensibilizar a nós mesmos, bem como os alunos para a consciência de responsabilidade pela qualidade ambiental, começará a construção de um novo tempo, em que será possível reverter o quadro crítico que vivemos e contrariar as caóticas estimativas futuras, garantindo às gerações que nos seguem, a vida em um ambiente sustentável e íntegro. No papel de educador, entendo que:

Não se trata, portanto, de comunicar de maneira geral a gravidade do problema ambiental (uma comunicação necessária, mas sempre exposta ao risco de saturação: A partir de um certo momento, as pessoas se cansam de ouvir más notícias). Trata-se, isso sim, de veicular mensagens precisas a certas pessoas, dando-lhes instrumentos para aumentar suas capacidades: a capacidade de reconhecer o efeito de suas escolhas e a capacidade de reconhecer e praticar as alternativas, mesmo quando essas vão de encontro a comportamentos e critérios de valores já consolidados (MANZINI, 2002, p.70).

A transição em direção a uma relação mais saudável entre o homem e seu meio, acontecerá no momento em que todos nós tenhamos capacidades em perceber, reconhecer e agir frente aos problemas ambientais.

2.2 Multiculturalismo

Ao longo das últimas décadas, o movimento multicultural vem tomando espaço em discussões nas esferas sociais, políticas, econômicas, culturais e educacionais em todo o mundo. Este movimento tem como premissa básica o reconhecimento da existência de indivíduos e grupos distintos entre si, que não se anulam em termos de direitos nem de oportunidades, tanto em relação a sua identidade, quanto à sua condição humana.

Na esfera econômica, este momento histórico é denominado globalização econômica, sustentada na internacionalização do capital e no consumo voltado ao mercado mundialmente padronizado, dominado pelos novos meios de produção e pela tecnologia. Politicamente, o ideal neoliberal prevalece favorecendo os grandes bancos, às empresas multinacionais, o livre comércio e as privatizações. Culturalmente, as novas mídias da comunicação e a diluição das fronteiras geográficas apontam para a diversidade cultural, desafiando-nos a conviver com as diferenças. Na educação, convivemos com algumas heranças remanescentes dos distintos momentos vividos nas esferas políticas e sociais do país nessas últimas décadas.

Os padrões impostos pelas culturas brancas, letradas, masculinas, heterossexuais e cristãs, ainda estão arraigados no imaginário social da humanidade ao longo da história. Esses padrões são, na maioria das vezes, definidos e impostos pelas culturas e identidades autoproclamadas superiores, restando aos grupos minoritários, a discriminação, o preconceito e a exclusão. Considerar culturas mais ou menos desenvolvidas depende unicamente do ponto de observação em que estamos ou nos colocamos. Visto que,

A cultura é um conjunto de elementos e de fenômenos passíveis de descrição. O imaginário tem, além disso, algo de imponderável. É o estado de espírito que caracteriza um povo. Não se trata de algo simplesmente

racional, sociológico ou psicológico, pois carrega também algo de imponderável, um certo mistério da criação ou da transfiguração. A cultura pode ser identificada de forma precisa, seja por meio das grandes obras da cultura, no sentido restrito do termo, teatro, literatura, música, ou no sentido amplo, antropológico, os fatos da vida cotidiana, as formas de organização de uma sociedade, os costumes, as maneiras de vestir-se, de produzir, etc. O imaginário permanece uma dimensão ambiental, uma matriz, uma atmosfera, aquilo que Walter Benjamin chama de aura. O imaginário é uma força social de ordem espiritual, uma construção mental, que se mantém ambígua, perceptível, mas não quantificável (MAFFESOLI, p.75, 2001).

O multiculturalismo defende a pluralidade de identidades culturais e opõe-se à padronização e uniformização definida pelos grupos dominantes, aceitando diversos pensamentos sobre um mesmo tema, abolindo o pensamento único. Para entender como as formas de tratar a diversidade vêm contribuindo no processo de inclusão ou exclusão, retomamos a história para lembrar que nossa sociedade adotou um modelo de escola que ignora as diferenças e continua, ao longo dos tempos, a reproduzir este mesmo sistema. O sistema educacional brasileiro, só a partir do século XX; como reflexo da escolha da democracia como a melhor forma de organização social, passou a questionar os regimes autoritários. Foi a partir deste momento que o papel da escola começou a ser também questionado, enquanto reprodutora de um modelo social excludente.

Neste sentido, a escola e os professores estão cada vez mais incumbidos a repensar seu papel diante de tantas transformações sociais e exigências enquanto cidadãos. Os maiores desafios estão em buscar soluções aos impasses sociais provocados pela lógica do mercado, do capital e do consumo, respeitando o direito a pluralidade e às diferenças culturais, pois cada grupo social interpreta a realidade a seu modo, atribuindo a ela diferente sentido e significação. A pluralidade cultural no âmbito da educação implica em repensar formas de reconhecer, valorizar e incorporar as várias identidades em uma única política pedagógica e em um único currículo escolar.

A escola e o professor devem situar-se em um contexto mais amplo frente às propostas associando a educação ao multiculturalismo, pois as escolas no Brasil ainda privilegiam uma formação sem compromisso político, social e cultural com a diversidade, bem como não cumprem seu papel em formar sujeitos históricos, ativos, criativos e interessados na emancipação humana como finalidade de todo processo educativo.

Atualmente, a escola necessita novas formas de conceber a prática educativa por parte dos alunos, das famílias e da sociedade em geral, para uma ação eficaz diante dos novos modelos de informação e produção de conhecimento. As mudanças resultantes dos avanços tecnológicos da informação apontam para uma perspectiva contemporânea onde a cultura da imagem ganha cada vez mais espaço na sociedade, estetizando e derrubando as fronteiras do mundo cotidiano.

As Artes Visuais, no contexto global assumem papel fundamental entre as várias produções artísticas, as diversas identidades culturais e o público consumidor e expectador, também diversificado, que cresce a cada dia. As tecnologias da comunicação além de estreitar as distâncias, estão proporcionando a popularização da arte, assim como, estão universalizando a cultura visual colocando a imagem em evidência na contemporaneidade, como vetor de união (MAFFESOLI, 1995).

2.3 Cultura visual

A partir da década de 1980 as abordagens e interesses pelo campo da visualidade acentuam-se em escala global. A visualidade toma uma nova dimensão a partir da difusão tecnológica da informação, ultrapassando fronteiras geográficas, étnicas, culturais, sociais, políticas, entre outras. De maneira irreversível, essas transformações têm provocado indagações de toda ordem e impõem mudanças no que tange o ensino da arte e o processo de decodificação da imagem.

Trataríamos de considerar a arte, os artefatos que integram a cultura visual, como formas de pensamento, como um idioma que deva ser interpretado, como uma ciência, ou um processo diagnóstico, no qual se deva tentar encontrar o significado das coisas a partir da vida que os rodeia (HERNANDEZ, 2000, p. 53).

Atualmente, a sociedade de consumo vincula-se mais na imagem e em sua significação, do que em um produto específico propriamente dito. Fundamentado nesta condição, a contemporaneidade rompe com categorias formais até então institucionalizadas, como arte, artesanato, arte popular, imagens da arte ou imagens publicitárias... A interpretação de objetos e imagens é uma prática que além de mobilizar a memória visual, reúne sentidos da memória social construída pelos indivíduos, influenciados pelo imaginário coletivo. Essa prática de interpretação

remete-nos a construção de sentidos e significados, ampliando cada vez mais o território visual e consecutivamente nossas relações com o mundo:

A imagem, não devemos esquecê-la, sempre foi suspeita, na tradição ocidental. Era a "louca da casa", passível das piores perversões. Por uma curiosa transmutação dos valores, esta imagem se torna "religante": ela une ao mundo que cerca, ela une aos outros que me rodeiam. Ela pode ser ilustrada por uma de suas modulações: o objeto. Além da estigmatização ou da condenação moralista, tentarei mostrar que o objeto não isola, mas que, ao contrário, é um vetor de comunhão. Tal como o totem para as tribos primitivas, ele serve de pólo de atração para as tribos pós-modernas (MAFFESOLI, 1995, p.18).

O autor complementa,

Pode-se dizer o mesmo da comunhão induzida pelos objetos de consumo de massas: eles induzem coletivamente, a um reino terrestre, muito mais efêmero e trágico do que o paraíso cristão, mas afinal de contas, cada época tem o paraíso que pode (ou que merece) (MAFFESOLI, 1995, p.124).

Os princípios pedagógicos propostos pela cultura visual demandam uma nova relação com objetos e principalmente com as imagens, possibilitando aos alunos uma dialógica entre as produções e representações artísticas históricas e o mundo da visualidade contemporânea.

Hernandez (2007) define por cultura visual ou estudos visuais, o campo de estudos recentes em torno da construção visual nas artes, na mídia e na vida cotidiana. Portanto, uma prática de educação da cultura visual que valoriza as representações cotidianas é uma experiência pedagógica significativa por adotar uma visão diversa da cultura, por desenvolver uma visão crítica e a imaginação, como também, despertar entre os alunos a consciência social, ambiental, política...

No universo cotidiano permeado pelas imagens é imprescindível decifrar, decodificar e dar significados a essas imagens que perpassam por diferentes disciplinas curriculares, como por exemplo, a história, a lingüística, a literatura, os estudos culturais, as ciências, entre outros. É importante termos clara compreensão do papel do professor no processo de mediação entre os alunos e o imenso repertório imagético disponível em nosso cotidiano, para que possamos elaborar estratégias de ensino capazes de estimular os alunos ao desejo da investigação, das descobertas, das iniciativas e da experimentação. É necessário, a nós educadores, melhor observarmos os espaços que habitamos, a fim de ampliarmos nosso repertório imagético e cultural, de forma a oferecer aos nossos alunos, saberes

artísticos e estéticos capazes de ampliar seus campos visuais e as demais percepções que, com certeza, decorrerão destas experiências.

3 REFLEXÕES SOBRE A DOCÊNCIA EM ARTES

Nos capítulos anteriores deste trabalho, foram desenvolvidas reflexões elencando autores e conceitos que problematizaram as questões levantadas. Este último capítulo tem por fim, apresentar os sujeitos nela envolvidos, bem como, as análises obtidas a partir das entrevistas semi-estruturadas, aplicadas às profissionais da área de arte/educação. Este trabalho a partir de entrevistas orais, analisadas pelo viés da pesquisa qualitativa é abrangente, pois através da oralidade, questões humanas, sociais, históricas e culturais vão ganhando profundidade, possibilitando assim, re-significação e sentido às práticas educativas em reflexão. Neste sentido,

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa com um nível que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes (DESLANDES e MINAYO, 2008, p.21).

De forma a conhecer as diferentes realidades vividas pelas educadoras em pesquisa, e pelo fato de não podermos quantificar as ações e reflexões sobre suas práticas docentes, busquei aqui verificar, em nível qualitativo, parte da realidade social destas profissionais da área da arte/educação, como citam as autoras acima. Foram entrevistadas quatro arte/educadoras que se dedicam exclusivamente à docência em artes. Todas elas são graduadas em Artes Visuais, pela UFPel, porém, com diferentes formações devido às nomenclaturas adotadas nas épocas em que os cursos foram concluídos. Ainda sobre a formação das arte/educadoras em questão, cabe destacar que todas cursaram ou estão cursando especialização na área da educação.

Busquei fazer um percurso progressivo em relação à trajetória profissional das educadoras, levando em consideração o tempo que atuam em sala de aula frente à disciplina de artes, sendo que esse tempo de prática docente entre as entrevistadas tem variação de um ano a dezoito anos na profissão. Destaco também, que as professoras atuam em instituições de ensino que vão desde escolas

públicas municipais de periferia, escolas estaduais, bem como tradicionais educandários particulares de formação católica, todas situadas na zona urbana de Pelotas.

3.1 As professoras e suas práticas docentes em artes

As entrevistas com as arte/educadoras foram gravadas entre os dias 17 e 24 do mês de abril do ano de 2012 em suas respectivas escolas e, encontram-se em anexo a esta monografia. Para preservar a identidade das profissionais envolvidas nesta pesquisa, vou numerá-las de um a quatro, garantindo assim, maior liberdade na análise e exposição de seus relatos, de forma a não comprometer a liberdade de expressão desses sujeitos, evidenciando apenas, o que de fato, possa vir interessar e contribuir em relação às práticas na docência em artes e a educação de modo geral.

A *Professora 1* concluiu o curso de Licenciatura em Artes Visuais no ano de 2010. Sua pesquisa no campo das Artes Visuais esteve sempre ligada ao desenho, com enfoque na valorização e preservação do patrimônio histórico e cultural da cidade de Pelotas. Ela está em atividade docente há um ano em uma escola particular e recentemente ingressou em outra instituição de ensino, também particular, porém, com formação católica franciscana. Embora ambas as instituições localizem-se no centro de Pelotas e atendam a públicos favorecidos social e economicamente, a educadora aponta diferenças entre essas instituições, tanto no trato com seus alunos, quanto ao ensino da arte como disciplina obrigatória em seus currículos. Entre as duas escolas, a educadora trabalha com dez turmas de, no máximo, vinte e cinco alunos em cada turma, sendo que apenas uma das escolas, a aparentemente menos estruturada, dispõe de sala específica para as aulas de arte e, de forma organizada capta e oferece o material didático compatível com a necessidade dos trabalhos propostos aos alunos no decorrer do ano letivo.

A arte/educadora ao longo de sua fala reafirma o alto nível de qualidade do ensino nas escolas particulares onde atua, destacando a prioridade, no cotidiano e na visualidade da escola de formação religiosa, o catolicismo e os hábitos franciscanos.

Para ela, a educação escolar em arte tem, além de outras funções, a capacidade de proporcionar um olhar sensível entre seus alunos. Como ela própria diz: tem que ter muita arte no coração para olhar para a realidade, na maioria das vezes dura, e conseguir enxergar além do que está aparentemente visível e, usar de criatividade para transformá-la da melhor forma possível.

A *Professora 2* é licenciada em Artes Visuais e concluiu o curso em 2008. Em sua pesquisa de conclusão de curso investigou, e ainda investiga no curso de especialização, questões relacionadas com o ensino/aprendizagem da arte contemporânea aos alunos do nível fundamental de ensino nas escolas onde atua.

Há três anos trabalha em duas escolas municipais de periferia na cidade de Pelotas. Entre as escolas, a professora atende a vinte e três turmas, formadas por aproximadamente trinta alunos cada. As precárias condições físicas das escolas e a baixa qualidade do ensino na rede municipal são os pontos em destaque do relato desta profissional. Ela aponta inúmeras deficiências não apenas relacionadas à escola, mas também as interferências negativas advinda das próprias famílias dos alunos e da comunidade em que estão inseridas. O descaso das autoridades competentes com estas instituições educativas e a precariedade do sistema social dispensado a estas comunidades são para esta educadora, os propulsores da violência, da drogadição e de todas as formas de degradação humana em que nossa sociedade encontra-se vulnerável.

Para a educadora, a arte está presente na vida de todos, mesmo quando despercebida. Ela acredita no poder que às imagens disseminadas pela mídia exerce sobre as comunidades em que atua e, apropria-se das mesmas, como instrumentos de leituras tanto no sentido formal, quanto conceitual em suas aulas de artes, ampliando o campo visual de seus alunos partindo do seu próprio cotidiano.

A *Professora 3* tem uma trajetória de doze anos na área da arte/educação. Em 1998 concluiu o curso de Licenciatura Plena em Educação Artística, com habilitação em Artes Plásticas, sendo Especialista em Educação Infantil.

Natural de Jaguarão (RS), ela desenvolveu seus projetos e pesquisas tanto em escolas no Brasil, quanto em escolas no Uruguai, devido à localização de sua cidade natal na fronteira entre esses dois países. Alunos uruguaios estudam em nosso país, assim como, muitos alunos brasileiros são educados no Uruguai, devido ao fato de um expressivo número de famílias constituírem suas origens nestas duas nacionalidades.

Nestes últimos cinco anos, ela reside e trabalha em uma comunidade na cidade de Pelotas. Além de atuar como arte/educadora, é vice-diretora em uma escola estadual de ensino fundamental. Há alguns anos participa de outras funções na coordenação escolar e destaca a importância do professor de artes fazer parte desta equipe, para que possa dar maior visibilidade à disciplina de artes, desmistificando e quebrando antigos preconceitos, abrindo espaços na escola, e até mesmo fora dela, para as ações artísticas e educativas.

Pelo fato de estar trabalhando na equipe diretiva da escola, a *Professora 3* tem apenas três turmas de alunos em sala de aula, porém, conhece todos os alunos da instituição pelo nome, assim como de seus familiares. Ser moradora do bairro onde atua profissionalmente é fundamental para que ela possa desenvolver um trabalho não apenas com os alunos, mas também, com toda a comunidade. Para esta educadora, a arte está, ou deveria estar, em todos os lugares, principalmente, nas escolas. Ela relata que o dinamismo de seu trabalho e a paixão pelo que faz a tornaram uma figura popular na sua comunidade; um elo entre a escola e as famílias envolvidas.

O depoimento da *Professora 4* foi marcado pela emoção. A dedicação dispensada nos últimos dezoito anos à arte/educação transparece nas lágrimas e na sua euforia durante a entrevista. No ano de 1990, concluiu o curso de Licenciatura em Educação Artística, com habilitação em Artes Plásticas, ela é especialista em Educação e Arteterapia.

Há quatorze anos trabalha em um instituto estadual de educação, uma das maiores e mais tradicionais escolas públicas, localizada no centro da cidade de Pelotas. Atua juntamente ao ensino médio com a disciplina de artes, bem como, com alunos do curso normal, também conhecido por magistério, com a disciplina de didática da arte, totalizando dez turmas.

Com o passar do tempo, muitas mudanças e adaptações ocorreram no espaço físico desta escola com a finalidade de suprir a demanda de alunos, que cresce a cada dia. Nestas mudanças, o atelier de artes que a escola dispunha foi transformado em sala de aula, desta forma, reduzindo as possibilidades de práticas artísticas com seus alunos.

A educadora vê a arte como um agente social capaz de desestabilizar esta formatação e uniformização em que nos encontramos na contemporaneidade. Tem na arte um instrumento que provoca a curiosidade em seus alunos e os leva a serem

mais reflexivos, pacientes, críticos e perspicazes, de forma a adquirem capacidades para melhor interagir em seu próprio espaço.

Dedicada à sua missão de educar através da arte, esta professora muito se emocionou ao conceder esta entrevista em que relatou momentos específicos e especiais de sua trajetória profissional. Foi um momento surpreendente e inesquecível e, sem dúvida, dará relevante significado a este trabalho, bem como à minha formação pessoal na área da educação em Artes Visuais.

Partindo dos depoimentos das professoras aqui apresentadas, buscarei elencar em nível qualitativo, as potencialidades e as necessidades do ensino escolar em artes nas instituições onde atuam, bem como, uma reflexão sobre suas metodologias e experiências com as tendências contemporâneas para o ensino das artes em pesquisa neste trabalho.

3.2 Reflexão, ação e reflexão

Para Paulo Freire (1987) a educação é um processo político que, ou reforça as injustiças sociais pelo controle da consciência, ou promove mudanças por meio da reflexão crítica, também denominada de conscientização. Nesse sentido, entendo que a educação atualmente é a engrenagem mestre capaz de ajustar o descompasso social, ambiental e político em que se encontra nossa sociedade. Porém, para que ela assuma seu devido papel, precisamos ir além das desejadas transformações nas escolas; se faz necessário um novo olhar da sociedade e do poder público aos professores, bem como, uma reflexão dos próprios professores enquanto educadores, mediadores do conhecimento e formadores de opiniões, elementos fundamentais na formação de todo e qualquer cidadão.

Rever diariamente suas práticas docentes de forma crítica é uma alternativa daqueles professores que apostam em uma educação de qualidade e fazem de suas aulas um terreno fértil aos questionamentos da sociedade atual e às práticas educativas que sigam nesta direção. Pois,

...na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente sobre a prática de hoje e de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática (FREIRE, 1996, p.39).

E é justamente a partir da reflexão acerca das declarações recolhidas com os sujeitos da pesquisa, que poderei traçar um panorama referente às suas práticas docentes em artes, identificando se assuntos de particular interesse à sociedade contemporânea, tais como, meio-ambiente, multiculturalismo e cultura visual, estão sendo difundidos, discutidos e desenvolvidos em suas aulas de artes.

Neste contexto, os dados obtidos nesta pesquisa revelam resultados um tanto óbvios quando se tratam das condições do ensino público, tanto em nível estadual, quanto municipal. As professoras entrevistadas apontam insatisfações referentes às condições de trabalho nas unidades públicas de ensino e ao descaso das autoridades competentes às inúmeras deficiências do sistema educacional. Estas insatisfações vão desde a desvalorização profissional e os baixos salários e, perpassam pela insalubridade dos espaços físicos das escolas, pela escassez dos materiais disponíveis para o trabalho, bem como, pela insuficiência de formação adequada aos profissionais atuantes nesta área; elementos imprescindíveis ao desenvolvimento humano e social.

A formação continuada dos profissionais da área da arte/educação nas redes públicas de ensino, segundo as professoras entrevistadas, quase não se efetiva, devido à falta de incentivos voltados à área e, ao modelo tradicional de educação vigente, que há tempos vem sendo questionado e reproduzido. As profissionais atuantes nas escolas públicas tratam assuntos referentes à educação em reuniões trimestrais, na maioria das vezes, com temas atuais e pertinentes, porém, com abordagens superficiais. A busca por aperfeiçoamento profissional se dá, na maioria das vezes, por iniciativa e com recursos próprios do interessado e, na medida em que conseguem ausentar-se das escolas por este motivo. Nas considerações das educadoras entrevistadas, percebe-se uma carência em relação à formação continuada condizente com suas realidades, para que assim, possam dar maior valor e sentido à sua prática docente. Isso, pois:

A formação continuada possibilita o encontro sistemático entre professores para fomentar diálogos em torno de suas práticas pedagógicas, dos problemas que enfrentam e das soluções que tecem. Tal situação favorece o entrelace de idéias, valores, costumes e de vivências constituintes do

cotidiano da escola e da sala de aula. Este entrelace compõe redes de aprendizagem dos docentes ao fazer da reflexão fundamentada da prática pedagógica individual e coletiva o cerne do processo formativo na escola. É da natureza pedagógica da formação continuada socializar saberes e experiências didático-pedagógicas entre os professores (SILVA e ALMEIDA, 2010, p. 17).

Nesse sentido, os meus sujeitos da pesquisa se sentem desvalorizadas profissionalmente. Elas acreditam que devido à falta de formação efetiva e coerente com as exigências previstas na legislação, muitas vezes se sentem perdidas em relação a qual caminho tomar frente às adversidades encontradas no desempenho de suas funções. Porém, elas acreditam na importância de seu trabalho e depositam na educação a esperança para a (re)construção de uma sociedade mais justa e humana.

Duas das seis escolas onde trabalham as professoras entrevistadas dispõem de atelier específico para as aulas de artes, visto que, a escola estadual onde leciona a *Professora 4*, recentemente reativou sua sala específica para as aulas de artes.

As escolas públicas pesquisadas oferecem material didático específico para desenvolver trabalhos práticos com seus alunos, porém de forma precária e insuficiente. É recorrente entre as professoras entrevistadas atuantes na rede pública de ensino, o fato de todas oferecerem com seus próprios recursos, algum material didático para que os alunos possam desenvolver trabalhos práticos e experiências estéticas em suas aulas. A *Professora 3*, atuante em escola da rede estadual diz que é raro na escola alunos extremamente pobres, relatando que, alguns estudantes possuem aparelhos de telefone celular de alto valor no mercado, porém, não trazem de casa um material sequer para as aulas de artes. Ela acredita que o professor deve ser incisivo com esses alunos quanto à aquisição dos materiais necessários, em sua fala ela reafirma que: "...um aluno que tem condições de ter um celular de quase mil reais, também tem condições de comprar uma régua, lápis de cor, folha de ofício, enfim, de comprar materiais".

Nas escolas particulares os materiais didáticos são disponibilizados pelas famílias dos estudantes, assim aumentando o acesso e as possibilidades destes alunos às práticas artísticas e as experimentações estéticas. Por se tratar de alunos economicamente favorecidos, os materiais são solicitados no início do ano letivo e distribuídos entre as turmas conforme as suas necessidades.

Em nenhuma das escolas são utilizados livros didáticos nas aulas de artes. Este material não é disponibilizado ao ensino fundamental da rede pública de ensino, tanto estadual, quanto municipal, bem como, qualquer outro material similar que contemple a disciplina de artes. Em meu entendimento, o livro didático poderia ser um aliado nas aulas de artes, favorecendo tanto a leitura textual quanto a leitura de imagens e a interpretação destes textos, visto que, este material pode ser um instrumento pedagógico eficiente, dependendo da forma como é utilizado pelo professor.

As escolas particulares onde atua a *Professora 1*, não aderem ao livro didático nas aulas de artes, porém, a educadora declara que apropria-se das atividades neles propostas, por serem práticas e inteligentes e, na maioria das vezes, não demandam de muitos materiais para sua realização.

As escolas pesquisadas possuem laboratórios de informática, porém, estes espaços não vêm sendo utilizados nas aulas de artes por motivos unânimes: as professoras alegam que esses laboratórios são destinados às disciplinas específicas às tecnologias da informação e, em outros casos, estão em desuso pela falta de profissional com formação específica para atuar nesta área. Assim sendo, percebe-se uma resistência das escolas locais no que se refere ao envolvimento dos professores e seus alunos com o conhecimento tecnológico, suas ferramentas e processos. Tal realidade contradiz o entendimento de que:

A função do material didático, aliado às novas tecnologias, deveria ser estratégica, para que nossos alunos aprendam os procedimentos para uma aprendizagem constante. A tecnologia entra como um papel fundamental na atualização constante do conhecimento educacional respondendo às reais necessidades dos jovens e colocando nossas escolas como suporte básico necessário ao caminho exploratório das diferentes parcelas desta citada realidade, proporcionando novas experiências a estes alunos como parte de uma sociedade altamente coletiva que se divide entre o particular e o global. A tecnologia (em especial a digital) hoje é o meio mais rápido para facilitar este tipo de ação em busca do conhecimento, pois favorece o professor a ensinar a relacionar, estabelecer sentidos, ou seja, a compreender ao invés de decorar (BRUZZI in CLEBSCH, 2009, p.185).

Entendo que as novas tecnologias não devem ser o centro da mudança educacional, porém, se faz necessário à inclusão de todos os sujeitos envolvidos, tanto no ensino quanto na aprendizagem, a estes meios comunicativos. Desse modo se torna possível interagir diretamente com o conhecimento compreensivo e significativo, significando as informações disponibilizadas pelos novos meios digitais,

possibilitando a reavaliação de práticas e valores, e oportunizando a esses sujeitos, novas formas de ver, pensar e responder às questões cotidianas.

As escolas, de modo geral, são adaptadas aos portadores de necessidades especiais em relação à mobilidade. Porém, nenhuma delas dispõe de profissionais capacitados para atuarem com alunos especiais, juntamente com o professor titular dentro da sala de aula. Apenas uma, dentre as escolas públicas pesquisadas, dispõe de turma específica para alunos cegos. Todas as entrevistadas acreditam que alunos especiais requerem escolas especiais, ou, ao menos, turmas específicas. É oportuno observar que nenhum dos sujeitos da pesquisa teve em suas formações acadêmicas, de graduação ou pós-graduação, habilitação para trabalhar com alunos com algum tipo de necessidade especial.

A Lei N° 7.853, de 24 de outubro de 1989, dispõe sobre normas gerais em relação aos portadores de necessidades especiais. Na área da educação, esta lei garante a estes alunos a oferta de vagas, a inclusão gratuita e obrigatória em estabelecimentos públicos de ensino que abranjam desde as modalidades da educação precoce à formação profissional destes indivíduos. O capítulo 5º, das Leis Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996, garantem atendimento aos alunos com necessidades especiais, preferencialmente na rede regular de ensino, assegurando aos mesmos, professores especializados para atendê-los em classes comuns.

Há um distanciamento entre às legislações vigentes e as realidades apontadas pelas professoras atuantes na rede pública de ensino. A inclusão e permanência de alunos especiais em escolas regulares esbarram na carência de formação dos educadores para trabalhar com estes alunos, bem como, na insuficiência dos demais profissionais para atuarem juntamente nesta área e de espaços físicos adequados a esta finalidade.

As profissionais apresentam, de modo geral, insegurança frente às inúmeras responsabilidades que lhes são atribuídas diariamente. Pois acreditam que sua formação é insuficiente, bem como, dos demais profissionais da área da educação, para lidar com o alunado cada vez mais diversificado, numeroso e exigente em um terreno de complexidades e de adversidades que é a escola. Na verdade, apesar das inúmeras deficiências apontadas no sistema público de educação em nosso município, o que move estas educadoras é a qualidade do ensino que dispensam aos seus alunos, na formação de cidadãos éticos, responsáveis e sensíveis às

questões humanas, bem como, no desejo de formarem profissionais responsáveis e capacitados para atenderem as necessidades do mercado.

Assim sendo, entendo que a educação escolar em artes na contemporaneidade apresenta forte relação com a Pedagogia Tradicional, que teve suas raízes no século XIX e apogeu no século passado. Os conteúdos reprodutivistas ainda são recorrentes nas aulas de artes ministradas pelas professoras pesquisadas, bem como, o uso de algumas linguagens visuais voltadas ao trabalho, como por exemplo, o design e as mídias na área das comunicações. Estas linguagens são dominantes, principalmente nos cenários das duas escolas particulares nas quais a *Professora 1* atua, pois ambas instituições, suscitam em seus alunos a idéia de educação como mecanismo de ascensão social.

De modo geral, nós, professores de artes, ainda estamos mais preocupados com os conteúdos que devemos repassar aos alunos, do que propriamente com os alunos e seus interesses. Preparamos esses conteúdos a partir de documentos selecionados da cultura universal acumulada e usamos em aulas expositivas, auxiliados por leituras e releituras de imagens e exercícios de fixação quando se trata da história da arte.

Embora a pesquisa realizada tenha mostrado que algumas instituições de ensino básico ainda não incluem em suas práticas a utilização das novas tecnologias e seus equipamentos, se sabe que as possibilidades de trabalho oferecidas pelo mercado estão cada vez mais próximas do público que domina as novas linguagens comunicativas. Sendo assim, fica claro que para uma educação em sintonia com o seu tempo histórico “o professor não precisa repetir o que está nos livros, nos vídeos, mas ser um orientador de processos significativos de aprendizagem, o que inclui interpretar textos, contextualizá-los, relacioná-los com a vida dos alunos, com seu futuro, profissão, com novas práticas” (MORAN in CLEBSCH, 2009, p.175).

De certo modo, as professoras entrevistadas se sentem responsáveis por várias etapas da formação de seus alunos, inclusive, na inserção destes em ambientes informais e profissionais. Este percurso permeia os caminhos da prevenção, da educação propriamente dita, bem como, da profissionalização de seus alunos.

Quando o assunto está relacionado ao meio ambiente e os princípios de sustentabilidade ambiental, todas as educadoras entrevistadas declararam abordar

conteúdos que contemplam informações sobre a produção, consumo e o tempo de vida dos materiais descartáveis e seu destino final. O aproveitamento de materiais, além de uma atitude educativa em relação à preservação da natureza é uma alternativa capaz de suprir a necessidade de materiais didáticos específicos para a produção artística em sala de aula. Segundo Manzini (2002), estender a vida dos materiais significa fazê-los viver por mais tempo do que duram os produtos que estes materiais estão compondo.

A reciclagem de objetos descartáveis e práticas relacionadas ao ciclo de vida dos diversos materiais é uma atitude de fácil incorporação nos hábitos dos estudantes e, através da educação preventiva podemos auxiliar os alunos na construção de uma nova ótica face à realidade. Além da produção artística e de todo o processo artístico e pedagógico desenvolvidos, está intrínseco neste processo, a experiência estética, a experimentação dos diversos materiais, preocupações referentes aos elementos visuais, entre outras vivências que possam desenvolver a criatividade entre os alunos.

Conscientizar os alunos em relação à defesa do meio ambiente requer sensibilização diária para que se efetive uma transformação nas suas mentalidades e nos seus comportamentos, com vistas a uma nova relação ética dos sujeitos consigo mesmos, com os outros e com o meio em que vivem. Segundo as arte/educadoras, ao transformar o lixo em objetos de arte, têm-se a possibilidade de apresentar aos alunos, além da importância e necessidade dos métodos de reciclagem de materiais, os benefícios relacionados à qualidade de vida que um ambiente limpo oferece em relação ao grau de bem-estar. Porém,

Para que tudo isto possa surtir efeito no quadro da redução dos consumos materiais que, todavia, vai ser necessária, é preciso que sejam transformadas os juízos de valores e os critérios de qualidade que interpretam a idéia de bem-estar. Para delinear o nosso cenário neste terreno é, pois, necessário imaginar que haja profunda mudança na cultura até aqui dominante (MANZINI, 2002, p.55).

A partir da possibilidade de conscientização dos alunos com relação às questões ambientais e a uma visão integrada do mundo, as escolas são hoje, espaços propícios para a reflexão e implantação de uma nova cultura acerca dos valores sobre qualidade de vida. Os sujeitos da pesquisa apostam nas gerações formadas em um modelo educacional voltado à valorização da vida, sob uma nova

perspectiva em relação a si mesmo, aos outros e à natureza, favorecendo uma melhor compreensão global da importância de todas as formas de vida coexistentes em nosso planeta.

Acredito que dentro e fora da escola devemos buscar meios para que cada aluno compreenda as ações humanas e os fenômenos naturais consequentes destas ações. Além disso, é fundamental a análise crítica dos princípios que têm levado à inconstante destruição dos recursos naturais e à extinção de inúmeras espécies da fauna e flora.

Analisando os relatos, vejo que as estratégias seguidas pelas educadoras podem conduzir os estudantes à reflexão em relação à finitude dos recursos naturais e à necessidade de um consumo responsável, evitando os desperdícios, e estimulando a reciclagem como processo primordial nas atividades propostas. Assim sendo, teremos a escola como o locus fundamental de sensibilização para as ações ambientais, com probabilidades de dar sequência a esse processo de socialização fora do âmbito escolar.

Das tendências contemporâneas para o ensino da arte estudadas neste trabalho, a cultura visual é, sem dúvida, a mais difundida nos espaços educativos pesquisados. Para a educadora Ana Mae Barbosa (2010), sonegar na escola as manifestações da cultura visual é negligenciar na formação dos alunos, na medida em que essa cultura exerce influências diretas no comportamento social em relação às influências e desejos dos mesmos. Pois, a escola pode ser um espaço para o favorecimento da igualdade e da emancipação dos indivíduos desde que a aprendizagem tenha por base as experiências dos próprios sujeitos que constituem o centro do processo educativo (HERNANDEZ/2007).

As imagens do cotidiano e, principalmente, as disseminadas pela TV são referenciais para a maioria dos alunos das escolas investigadas. As entrevistadas declararam que buscam cada vez mais aproximar seus alunos destas imagens, propondo sua decodificação e um melhor entendimento das mensagens subliminares, de seus usos, funções e intencionalidades. Neste sentido, as imagens da arte e da cultura visual devem ser analisadas com rigor crítico na sala de aula, como forma de combate à colonização das mentes e comportamentos dos alunos.

A cultura visual vem reconhecendo as diversas identidades a partir dos movimentos sociais, culturais e ambientais que cada vez mais se apropriam dos recursos da imagem para manifestar sua cultura, suas causas e seus interesses. As

imagens têm a capacidade de nos aproximar das culturas distantes e nos conectar ao nosso próprio ambiente e à nossa realidade individual e social, segundo Maffesoli (1995), a imagem na pós-modernidade tornou-se um vetor de comunhão.

De modo geral, as imagens que povoam as escolas onde atuam as quatro educadoras são as disponíveis nos canais abertos de TV. O repertório imagético dos alunos é pequeno, geralmente relacionado às telenovelas e aos programas humorísticos, além das imagens das grandes campanhas publicitárias, que estão em nosso meio para vender determinado produto, que ditam o que vestir e comer, os padrões das aparências e do pensar.

Os símbolos das grandes marcas da indústria estão arraigados no imaginário de grande parte dos alunos, independente de classe social, e, na maioria das vezes, estes signos são reproduzidos nos trabalhos em sala de aula, como relatam as professoras.

A televisão exhibe nas casas dos alunos, as cenas que muitas vezes tentamos reprimir na escola, diz uma das entrevistadas, referindo-se a cenas de violência, sexo e drogas. Nesse sentido, é possível considerar uma desordem cultural introduzida pela TV nas famílias, de modo em geral. Isso, pois a televisão expõe para as crianças, a qualquer hora do dia, imagens que lhes foram ocultados durante séculos, e:

É justamente na cena doméstica que o des-centramento produzido pela televisão evidencia as figuras mais íntimas da desordem cultural. Porque, enquanto a cultura do texto criou espaços de comunicação exclusiva entre os adultos, instaurando uma marcada segregação entre adultos e crianças, a televisão provoca um curto-circuito nos filtros da autoridade parental, transformando os modos de circulação da informação no lar (MARTIN-BARBEDO, 2001, p. 54).

Sendo assim, é possível afirmar que a televisão vem sendo ao longo do tempo a mídia mestre dos meios de comunicação, o veículo de maior popularidade e influência formadora das identidades culturais. Ela é um agente fundamental na cultura de massa, capaz de articular milhares de telespectadores em um único momento, sem qualquer tipo de filtro ou seleção deste público. Para Maffesoli (1995), o fenômeno da televisão é, sem dúvida, uma forma interativa que favorece a comunhão, mesmo que repouse no vazio. O autor discute um estudo realizado sobre as telenovelas no Brasil, cujos resultados revelam que no momento de exibição da

novela das nove horas, exibida na rede Globo, quase todo país participa de uma espécie de sacramento de união, de eucaristia profana.

A evolução tecnológica dos meios de comunicação de massa colocou a informação ao alcance de grande parcela das camadas sociais, nos mais inusitados lugares, em tempo real. Os *reality shows* são na atualidade, os programas televisivos de maior audiência e que maior discussão e polêmicas provocam nos demais meios de comunicação, no cotidiano dos telespectadores, bem como nas salas de aula das professoras entrevistadas. A mídia televisiva está presente na linguagem, nos gestos e nos movimentos dos alunos. Escola e televisão não são instâncias separadas em nossa sociedade, mas, sim, um terreno fértil, capaz de proporcionar, além de outras funções, subsídios para transformar os alunos em agentes críticos e responsáveis por seus processos de recepção destas imagens e das demais que permeiam o seu cotidiano.

A valorização do repertório imagético dos alunos é uma preocupação comum dentre as quatro professoras, pois há variações deste repertório entre as comunidades e nas formas como é feita a leitura destas imagens pelos alunos. Elas consideram que o maior desafio está em promover entre seus estudantes a decodificação das imagens midiáticas e da cultura visual, buscando seu verdadeiro sentido e intenção.

A leitura de imagens de reproduções de obras de arte e de imagens que povoam o cotidiano dos alunos, bem como, às veiculadas na TV, são importantes instrumentos de trabalho nas aulas de artes. Lidar com as imagens advindas da cultura visual em sala de aula exige uma nova forma de pensar o mundo, o outro, assim como o processo educacional diante da diversidade cultural e das mudanças sociais marcadas pela proliferação da imagem, pela aceleração do tempo e pela velocidade da informação.

Ao discutir com as entrevistadas sobre multiculturalidade nas aulas de artes, observei certa resistência com relação a este assunto, talvez pela abrangência do tema. Na minha opinião, a diversidade cultural vem sendo tratada nas escolas apenas como um indicador das diferenças culturais existentes entre as sociedades. Entretanto, para a educadora Ivone Richter (2003), a educação multicultural reconhece as similaridades entre grupos étnicos em vez de salientar as diferenças, buscando promover o cruzamento cultural das fronteiras entre grupos culturais sejam eles quais forem. A autora propõe que:

Os (as) educadores devem criar ambientes de aprendizagem que promovam a alfabetização cultural de seus (suas) alunos (as) em diferentes códigos culturais, a compreensão da existência de processos culturais comuns às culturas, e a identificação do contexto cultural em que a escola e a família estão imersas. Este último aspecto não deve ser descuidado, pois a escola, como instituição formal, deve também desenvolver capacidades específicas, voltadas para a atuação na sociedade em que o (a) estudante está, vive e à qual pertence (RICHTER, 2003, p.28).

Viver a diversidade é um dos principais desafios dos professores na atualidade, afirma a *Professora Nº1*, devido às diferenças características culturais do público escolar, os grupos a que pertencem e os estilos visuais adotados pelos estudantes. Em meio aos *piercings*, tatuagens, rituais, músicas e vídeos, as professoras têm em seus alunos, material suficiente para desenvolverem atividades que contemplem este tema. Isso, pois devemos fazer da escola o lugar da eliminação, tolerância e respeito às diferenças, e não vê-las como um desvio às normas da sociedade, algo que deve ser reparado ou corrigido.

Para que a escola seja de todos e para todos, deve deixar claro que em seu universo coexistem diferentes valores. Entendo que a escola tem o papel de conceber e implementar projetos cujos objetivos e conteúdos oportunizem igualdade de aprendizagem para todos, revelando a partir deles, a diversidade do mundo social.

Segundo a entrevistada, *Professora 2*, as minorias, os grupos marginalizados ou vulneráveis socialmente são hoje favorecidos por políticas públicas compensatórias, que ao invés de valorizá-los, estão cada vez mais, colocando-os em vulnerabilidade em outros aspectos e em desigualdade sob o ponto de vista social e humano. As alternativas por uma sociedade menos excludente perpassam todos os setores da sociedade, porém, é na escola que depositamos a superação dos preconceitos e as barreiras impostas pela própria sociedade ao longo dos tempos. É no ambiente escolar que vislumbramos um ambiente em que o diálogo, o questionamento, a solidariedade, a cooperação, o respeito às diferenças e a justiça social movam as demais ações.

De acordo com o acima exposto é possível reiterar que os interesses das sociedades contemporâneas estão diretamente relacionados aos fortes apelos visuais que envolvem as ações cotidianas dos indivíduos, capazes de fomentar e massificar opiniões, comportamentos e valores. Sendo assim, entendo que a

educação não deve constituir-se em regras impositivas, visto que, a formação plena dos indivíduos requer compreensão, respeito à multiplicidade das realidades culturais e à singularidade de cada educando. No entanto, os relatos de pesquisa deixam clara a importância das escolas oferecerem recursos em consonância com as exigências da contemporaneidade, como subsídios estruturantes de práticas pedagógicas diferenciadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O papel desempenhado pelo professor na contemporaneidade é um tema que questiono e pesquiso desde o momento que ingressei no curso de Licenciatura em Artes Visuais na UFPel no ano de 2007. A partir dessas discussões, no Programa de Pós-Graduação em Artes, surgiam outras dúvidas em relação a nós, professores de artes, não possuímos claramente concepções paradigmáticas relacionadas à docência, bem como, em relação à sucessão de práticas educacionais e metodologias já ultrapassadas ainda em uso.

Diante das inúmeras mudanças no contexto social, político e econômico em escala global, se faz necessário, oportunizar nos espaços escolares novas formas de relação e convivência entre todos, para que possamos melhor entender a pluralidade do mundo que habitamos, de forma a valorizar e respeitar a singularidade de cada um.

O mundo contemporâneo voa nas asas da comunicação e, têm-se hoje, na cultura e nas imagens, fontes promotoras de conhecimento. Diversidade, multiplicidade, interatividade e tudo mais que estiver relacionado à comunicação social e às novas experiências e tecnologias, são palavras de ordem na atualidade. As novas tecnologias da informação têm viabilizado novas formas de relações interpessoais, dissolvendo fronteiras, porém, padronizando e formatando a todos pela voracidade da sociedade de consumo.

O consumismo tem sua origem na falta de consciência em relação à finitude dos recursos naturais e das formas de energias vitais disponíveis na natureza. A velocidade da devastação das áreas naturais do planeta não permite que a educação escolar sozinha, seja o agente de mudanças de comportamentos, pois o processo de conscientização ambiental nas escolas, apesar de eficiente, é lento. É dever de todo cidadão, tornar-se um vetor de informação àqueles que ainda não desenvolveram esta consciência voltada às relações entre a qualidade de vida e ao fator ambiental.

Para que tenhamos um melhor entendimento sobre este novo contexto, se faz necessário uma reflexão em relação ao processo educacional na pós-modernidade, suas progressões e retrocessos, para constatarmos o descompasso

em que a escola, de modo geral, anda em relação com os demais setores da sociedade. A escola ainda mantém-se presa a velhos paradigmas, que vão desde a supremacia das linguagens hegemônicas tais como a fala e a escrita, na preponderância das ciências exatas às demais disciplinas, bem como, no modelo e organização da sala de aula e demais espaços físicos destinados aos alunos.

As escolas, em sua maioria, estão aquém da expectativa dos alunos e distantes do ideal desejado pela sociedade. Têm-se hoje, um sistema educacional que compra o alunado com programas sociais que atende a uma grande parcela da população, incapaz de entender que é elemento fundamental deste sistema insuficiente e precário, que pouco tem mostrado resultados relevantes para a sociedade como um todo.

As estatísticas das pesquisas na área da educação apresentam números surpreendentes que não condizem, pelo menos, com as escolas públicas elencadas nesta pesquisa. Ao contrário do que vemos e ouvimos diariamente nos anúncios veiculados pelas instituições governamentais, há uma lacuna entre o modelo de escola que desejamos aos nossos estudantes e a escola real que eles freqüentam.

Ao longo da história, podemos observar o declínio das instituições públicas de ensino em nosso país. Em verdade, no Brasil, tivemos escolas públicas de qualidade em tempos que a educação não era pensada nem direcionada para todos. Ao propor uma reflexão histórica sobre a educação no Brasil, vale lembrar que, só em meados do século XX começou o processo de expansão da escolarização básica, e que o seu crescimento, em termos de rede pública de ensino, se deu no fim dos anos 1970 e início dos anos 1980.

Porém, essas últimas décadas foram marcadas por transformações em relação à ampliação ao acesso às escolas. No entanto, esse número cada vez maior de alunos, encontra-se em desigualdade de oportunidades pela baixa qualidade e eficiência da educação, que não teve proporcional crescimento. O analfabetismo funcional de pessoas entre 15 e 65 anos foi registrado em quase 30% no ano de 2010 (IBGE); 34% dos alunos que chegam ao 5º ano de escolarização ainda não conseguem ler; 20% dos jovens que concluem o ensino fundamental, não dominam o uso da leitura e da escrita.

Os professores, de modo geral, tornaram-se alvo da sociedade, que se encontra em crise política, econômica, social, ambiental, etc. Visto que, as críticas da sociedade em relação ao sistema educacional, cobram diretamente dos

professores cada vez mais trabalho, como se fossem os únicos responsáveis por reverter todos esses problemas ora apresentados.

O fato é que a qualidade da educação está diretamente relacionada à qualidade de formação dos professores e demais profissionais da área da educação. Investir no desenvolvimento dos profissionais da área da educação é uma condição para a renovação da educação como um todo. Esta renovação se efetivará, no momento em que a formação dos professores deixe de ser um processo lúdico ou de atualizações superficiais, e se converta em situações fundamentadas na educação para a contemporaneidade e aos desafios que ela impõe.

Neste trabalho, o objetivo principal foi investigar como algumas das tendências contemporâneas para o ensino das Artes Visuais (multiculturalismo, cultura visual e meio ambiente) são abordadas nas aulas de artes em seis escolas na cidade de Pelotas. Mas além destas questões, juntamente com as professoras envolvidas na pesquisa, foi possível desenvolver reflexões em relação às suas práticas docentes, e demais aprofundamentos pertinentes a área da arte/educação, proporcionados pelo encontro pessoal e à amplitude que a entrevista oral favorece.

É possível delinear nesta pesquisa, a partir dos diferentes percursos e realidades das professoras entrevistadas, que as escolas onde atuam são pouco incisivas nas questões ambientais, visto que, não desenvolvem nenhum projeto extraclasse ou interdisciplinar que sigam nesta direção. Apesar das educadoras realizarem tarefas nas aulas de artes, que contemplem essas questões, no meu entendimento, pouco tem sido feito para que se efetivem em suas escolas as transformações culturais de que tanto necessitamos em relação ao meio ambiente. Estas transformações culturais estão pautadas na solidariedade, na igualdade e no respeito às diferenças; condições básicas para que possam ser desenvolvidas quaisquer atividades na área da educação

O crescente interesse pela visualidade e o consumo desenfreado de imagens tem levado profissionais de diferentes áreas do conhecimento a discutirem sobre essas imagens e a necessidade de uma alfabetização visual. Porém, o foco de um trabalho de compreensão crítica em relação à cultura visual, não repousa no que pensamos sobre estas representações, mas sim, no que podemos pensar sobre nós mesmos e da sociedade como um todo, a partir delas. Neste sentido, as escolas onde atuam as professoras entrevistadas realizam aproximações e investigações, tanto em relação às produções visuais consagradas pelo sistema cultural dominante,

quanto às produções relacionadas ao cotidiano dos alunos. Elas acreditam que se soubermos interpretar as imagens da cultura visual conseguiremos, de certa forma, interpretar o mundo contemporâneo. Em unanimidade, as professoras têm em seus alunos excelentes fruidores de arte e produtores de objetos artísticos surpreendentes. Elas reafirmam que seus alunos são comprometidos com os trabalhos propostos em aula e, que raramente apresentam problemas relacionados à indisciplina, o que reafirma serem as aulas de artes a porta de entrada para as questões discutidas nesta pesquisa.

O campo do multiculturalismo lentamente vem ocupando lugar nas discussões educacionais e nos ambientes escolares, até por que trabalha com questões polêmicas nas sociedades, como por exemplo, gênero, sexualidade, etnia, identidade... Porém, várias mudanças na legislação vigente, principalmente na área da educação, levantam essas questões humanas e sociais antes envoltas pelo silêncio ou pela dissimulação e, apontam formas de fazer educação que demandam sérias reflexões curriculares e na construção de um campo de saberes transdisciplinares.

A cada dia surgem novas linguagens, novos conceitos, valores morais, modas, etc. A sociedade contemporânea vive constantes transformações e essa dinâmica exige professores reflexivos frente a essas inovações, bem como, quanto a sua formação profissional e humana, de forma que sua prática docente não perca o sentido. Devido às constantes transformações das comunicações, da sociedade, da família e, conseqüentemente, do ser humano, se faz necessário também uma reformulação da escola pública em nosso país, voltada não somente às condições físicas das mesmas, mas também, aos profissionais desta área e sua formação continuada, a fim de ampliar as possibilidades de produção de conhecimento e melhor entender e acompanhar essas transformações.

É de fundamental importância a atuação de grande parte dos profissionais da área da educação, em especial às professoras participantes desta pesquisa, pois devemos a eles, os avanços em que esta área vem alcançando; pelo altruísmo e coragem em refletir abertamente sua própria prática pedagógica. Pois há anos estes profissionais sofrem pelo descaso, seja pela desvalorização profissional, seja pela falta de incentivos destinados para projetos educativos comprometidos com a sociedade e com o futuro de nosso país.

Além das várias questões aqui levantadas e discutidas em relação aos alunos, escolas e professores, há muitas outras questões latentes em relação à arte/educação. As relações entre família e escola são relevantes estudos quando tratamos dos temas aqui abordados e os demais que permeiam o processo educativo. De que forma os pais participam do conhecimento que o filho recebe na escola quando tratamos de práticas sociais? O que garantirá continuidade nas atitudes e comportamentos dos alunos fora da escola, se suas famílias não tiverem interagindo aos conteúdos aos quais os alunos estão desenvolvendo em aula? Que mecanismos são necessários para aproximar a realidade da escola com as diferentes realidades do alunado?

Enfim, espera-se que o presente estudo possibilite um olhar crítico sobre a prática pedagógica em relação ao ensino das Artes Visuais no contexto das tendências contemporâneas, voltados ao crescimento integral dos alunos e seu desenvolvimento cultural e social. Independente das diferentes concepções de ensino das Artes Visuais ao longo da história, caracterizado como técnica, expressão, atividade; finalmente a educação em artes vem se consolidando como um amplo campo do conhecimento, capaz de agregar saberes, experiências, vivências...

No meu entendimento, a formação docente em artes deve preocupar-se com educadores reflexivos, conscientes das necessidades de serem constantes pesquisadores no seu dia a dia, possibilitando aos alunos conhecimentos e fazeres artísticos voltados às suas realidades e ao mundo que pertencem, para que se tornem participantes ativos na construção dos diferentes conhecimentos e capazes de promover as transformações que tanto desejamos à nossa sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Ana Mae; **Arte/educação contemporânea: Consonâncias internacionais**. São Paulo: Cortez, 2005

BARBOSA, Ana Mae; **Inquietações e mudanças no ensino da Arte**. São Paulo: Cortez, 2002

BARBOSA, Ana Mae. CUNHA. Fernanda Pereira; **Abordagem Triangular no Ensino da Artes e Culturas Visuais**. São Paulo: Cortez, 2010

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Lei 9.394 de Diretrizes e Bases da Educação**. Brasília: MEC/Casa Civil 1996, Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm> Acesso em: 23/05/2013

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental, **Parâmetros Curriculares Nacionais/Arte**. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro06.pdf>> Acesso em: 08/03/2012

BUORO, Anamelia Bueno. **Olhos que pintam**. São Paulo: Cortez, 2003

CLEBSC, Júlio, **Educação 2009 – As mais importantes tendências na visão dos mais importantes educadores**, Curitiba: Multiverso, 2009

DESLANDES, Suely Ferreira; MINAYO, Maria Cecília de Souza, **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro: Vozes, 2008

FERREIRA, Marieta Moraes, **Entre-vistas: abordagens e usos da história oral**. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 1994

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia, saberes necessários à prática educativa**, São Paulo: Paz e Terra, 1996

FOUCAULT, Miclel; **As palavras e as coisas**: São Paulo: Martins Fontes, 1999

FUSARI, Maria F de Resende; FERRAZ, Maria Heloisa C. de T; **Arte na educação escolar**. São Paulo: Cortez, 1993

FUSARI, Maria F de Resende; FERRAZ, Maria Heloisa C. de T; **Metodologia do ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 1993

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. São Paulo: Papyrus, 1990

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Ed. DP&A, 2000

HERNANDEZ, Fernando. **Catadores da Cultura Visual**. Porto Alegre: Mediação, 2007

HERNANDEZ, Fernando. **Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho**. Porto Alegre, Artmed, 2000

KAZAZIAN, Thierry. **Haverá a idade das coisas leves**. São Paulo: Senac, 2005

MAFFESOLI, Michel. **A contemplação do mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995

MAFFESOLI, Michel. **O imaginário é uma realidade**. Porto Alegre: Revista FAMECOS nº 15, 2001

MANZINI, Ezio. VEZZOLI, Carlo. **O desenvolvimento de produtos sustentáveis**. São Paulo: Edusp, 2002

MARTIN-BARBEDO. Jesús; REY, Germán, **Os exercícios do ver**. São Paulo: SENAC, 2001

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à Educação do Futuro**. São Paulo: Cortez, 2007

MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003

PILLAR, Analice Dutra. **A Educação do Olhar.** Porto Alegre: Mediação, 1999

READ, Herbert. **A Educação pela Arte.** São Paulo: Martins Fontes, 2001

RICHTER, Ivone Mendes. **Interculturalidade e Estética do Cotidiano no Ensino das Artes Visuais.** São Paulo: Mercado das Letras, 2003

SILVA, J. F; ALMEIDA, L. A. A. **Política Permanente de Formação Continuada de Professores: entraves e possibilidades.** Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2010

Professora 1**Formação:**

Artes Visuais - Licenciatura

Instituição:

UFPel

Ano de conclusão:

2010

Área de pesquisa:

O patrimônio como forma de reconhecimento e valorização da cidade de Pelotas

Há quanto tempo trabalha na escola, e quanto tempo tem de experiência profissional?

Na escola Nossa Sra. Da Luz, vai fazer um ano, no São Francisco de Assis, comecei esse ano, no início da ano letivo.

Escola onde atua:

Eu trabalho em duas escolas particulares na cidade de Pelotas, Escola nossa senhora da Luz e Escola São Francisco de Assis.

Endereço da escola:

as duas escolas na área central de Pelotas

Nº de alunos na escola:

Na escola Nossa senhora da Luz, tem em média trezentos alunos... com 25 alunos por turma. Na escola São Francisco de Assis são bem mais alunos, em média setecentos alunos, com média de trinta alunos por turma, seis turmas, trabalho só com sétima e oitavas séries, quatro sétimas e duas oitavas. Nas oitavas tenho trinta e cinco alunos em cada turma,

Nº aprox. de alunos por turma:**Quantas turmas tens hoje?**

Entre as duas escolas, tenho dez turmas.

Nº aprox. de professores e de professore de Arte na escola:

Na Luz, professor de arte, tem dois. Trabalho eu, no período da manhã, e outra professora no período da tarde com os alunos menores, Por que lá, eles dividem assim: até o quarto ano é na tarde, e do quinto ano até a oitava série e de manhã. Então, uma professora a tarde e, eu trabalho de manhã. Opção minha, por que eu gosto muito de trabalhar com adolescentes. Não tenho nenhuma experiência para trabalhar com os pequeninos, acho muito trabalhar arte com os pequenos. Entre dez e

quinze professores no máximo. No São Francisco de Assis, são em média sessenta professores, são muitos professores, são muitas turmas, professora de arte, sou a única. Parece mentira, na maior escola, só uma. Sou a única professora de arte, por que? ... São Francisco tem algo muito interessante: não tem professor de artes, as pedagogas, professoras do pré ao quarto ano, dão aulas de arte, do quinto ano até a oitava série é dividido. Tem uma professora de matemática que tem um projeto de xadrez com os alunos, e dá alguma coisa de arte, mostra alguns artistas que trabalham com geometria, coisas relacionadas... em artes, ela não dá matemática. Ela dá artes, mas tudo voltado a esse projeto de xadrez. E eu pego a sétimas e oitavas e trabalho arte, como se deve realmente (risos).

A escola dispõe de sala específica para as aulas de Arte? A escola dispõe de material didático específico para as aulas de Arte?

A escola N. Sra. Da Luz, a escola menor, tem uma sala fantástica, com tudo que eu possa precisar, com tudo, tudo, tudo! Tudo que eu quero numa sala de arte, tem lá! Todo material, tá tudo lá, por que eles fazem assim: tipo uma cooperativa, eles pedem todo material no período de matrícula, e a gente repõe aquele estoque, eles não precisam trazer nada durante o ano. Tem pinceis, tintas papéis, todo, argila, qualquer coisa. Tudo o que possa precisar! Divido as turmas pela metade, uma parte fica comigo, outra vai para o laboratório de informática, tenho aulas em média com quatorze alunos. No São Francisco, eu não tenho sala de arte, até pelo número de alunos, dou aula para vinte cinco alunos em sala de aula, então fica bem limitado o trabalho, não posso trabalhar com tinta, tem muitas coisas que não posso fazer por que tenho dois períodos por semana, mas não é dobradinha. Tenho dois períodos separados, então fica bem limitado! Não tem sala de arte, agora a escola abriu mais umas salas, e vão disponibilizar uma sala de arte pra mim, então vou ter minha sala. O trabalho no São Francisco, vai mudar... Quanto aos materiais, peço a cada aula, e eles levam. São bem responsáveis, não preciso ficar pedindo! São sempre dois, três de cada turma que não levam... Escola particular é bem diferente. Está previsto em contrato, os pais já sabem disso. Eles não pedem material no início do ano, não pedem nada a não ser os livros, tem no contrato que pode-se pedir coisas durante o ano. Então, é assim que acontece sempre. A gente pede o que precisa.

A escola tem laboratório de informática? Os recursos oferecidos pelas novas tecnologias são utilizados nas aulas de Artes? Quais são e como são utilizados?

As duas! Eu utilizo tudo que posso! No São Francisco eu utilizo a lousa, agora tem a lousa digital, utilizo data show, tem a sala de informática, onde posso levar os alunos para fazer pesquisa. Este recurso, não usei ainda, mas vou usar há duas semanas, vamos pesquisar sobre os duzentos anos de Pelotas. Na Luz, não tenho recursos na sala de informática, por que justamente neste horário, tem a professora que trabalha com a metade da turma que estou. Tenho data show, mas eu sou meio antiga (risos), uso muito o reto projetor, tanto pra mostrar imagem, como pra produzir trabalhos com ajuda da ampliação, e tudo mais...

@ profess@r utiliza livros didáticos?

Não, em nenhuma das escolas. Não tenho livro didático, é a minha proposta. Eu que elaboro todo conteúdo do ano, todinho...pras duas escolas. Eu que criei todinho. Do São Francisco, mesmo, mudei todinho. Por que ano passado, a professora era muito rígida em alguns aspectos, e eu acho que a arte não precisa tanto! E eu mudei todinho, deixei todo currículo bem flexível. Trabalhar com experimentações... de materiais, trabalhar com coisas que eles nunca viram. Eu levei pastel oleoso para eles trabalhar, eles ficaram impressionados! Nunca tinham visto aquilo na vida! É coisa simples! E eu tornei a arte mais simples para eles. A gente trabalha com desenho de observação e não tem mais aquela preocupação. Eu peguei alunos completamente preconceituosos, que detestavam seus desenhos. Não sei desenhar! É a primeira coisa que eles dizem. Completamente preconceituosos, então, foi um trabalho bem difícil. Está sendo, ainda, por que estou recém no início, faz três meses praticamente que estou dando aula, e está melhorando... Na escola da Luz, fiquei preocupada, por que lá, tinha uma professora, que eu considero uma das melhores professoras que conheço, que é a professora Rosah, e eu fiquei meio assim de substituí-la, por que ela é uma pessoa maravilhosa, professora fantástica! Tanto que minha proposta, na escola da Luz, não mudei em nada, segui os passos da Rosah em tudo. Mudei algumas coisas por que tinha que mudar, a gente teve que inserir música no currículo, e algumas coisas modifiquei. Mas no São Francisco, foi muito tranquilo a substituição, pois os alunos não gostavam da professora, pois ela era muito rígida. Eles queriam trabalhar mais soltos, e ela não permitia. Muito rígida! Tinham que fazer aquelas figuras, rostos, figura humana. Tinha que ser perfeito. E eu sei de relatos das mães que nunca foram eles que fizeram aquilo, elas que faziam em casa pra eles. E pra mim, aí não tem aprendizado nenhum em arte aí.

Há portadores de necessidades especiais na escola? Como se da (se existe) o processo de inclusão nas aulas de Artes?

Eu tenho alguns alunos com problemas de aprendizagem, mas na minha aula nunca vi problemas. Tenho um menino com disritmia, que dá uns ataques na aula. Mas comigo não. Ele adora as minhas aulas. Ele tirou dez comigo. Ficou com dez na primeira nota. Então, eu acho que vai muito do professor essa função de inclusão. No São Francisco, eu posso dizer que tenho três alunos que posso considerar com um pouco de deficiência em aprendizagem, só. Não é físico, é déficit de aprendizagem, mas é tranquilo. Trabalho com eles, avalio dentro das possibilidades deles. Na Luz, eu tenho um menininho, que está aceitando bem as propostas. Eu acho que tem que ter pai e mãe. Acho que os pais têm que estar presente na escola, que eles podem viver tranquilamente numa escola desde que a turma seja trabalhada e, que a escola esteja envolvida também. E os pais, principalmente os pais, têm que estar presente para a gente conversar, mostrar resultados, mostrar o que está sendo feito, os pais ajudarem em casa. E a direção junto com o professor em qualquer problema que aconteça... Lá na escola, sei de um menino dos mais novinhos, que tem síndrome de down, e ele trabalha perfeitamente, mas a presença dos pais dele é constante na escola. Então, eu acho que com a família junto, tudo funciona.

Que imagens e sons povoam a sala de aula e a escola?

Olha, no São Francisco de Assis, ele é muito religioso! Eles primam pelos valores católicos. Os valores franciscanos é o que mais soa lá dentro. Então, qualquer coisa que aconteça, os valores franciscanos em primeiro lugar! Paz e Bem! Quando tu me falou em som, a primeira coisa que me veio na cabeça, foi a mensagem do dia, que

tem todos dias pela manhã. Tem um sistema de rádio dentro da escola. Então a irmã diretora, ou a coordenadora, alguém sempre vai lá e passa uma mensagem, geralmente uma oração, ou passam instruções para os alunos, ou até mesmo represarias quando eles estão fazendo muita bagunça no recreio, estão brigando! Não é pra fazer isso! Interessante, os valores, é o que tu mais respira dentro desta escola. Da certo! Por que eu te digo assim, se fosse na escola da Luz, vinte e cinco alunos, em sala normal, eu não ia dar conta! Por que no Nossa Senhora da Luz, não tem esses valores... Eles têm a mesma idade, mas percebo que, a sétima série do São Francisco, eles são muito infantis. São bem crianças e os da Luz não, já estão namorando, é diferente a questão dos valores.

Que tipos de atividades relacionadas às Artes Visuais no geral são desenvolvidos?

Eu tenho comigo assim: eu não consigo dar aula de arte se eu não pesquisar o artista. Se não fizer o que o artista fazia dentro da sala de aula. Faço na sala de aula, o que os artistas faziam. Pesquiso tudo, como eles faziam. Se quero trabalhar com impressionismo, aí eu vou lá, e vejo: o que Monet fazia? Como ele fazia? Ele usava que tinta? Ele ia pra rua? Qual a palheta dele? Então, tudo isso a gente faz. Trabalho renascimento, é óbvio. Temos que fazer afresco. Não tem como não fazer afresco. Como não vou fazer uma têmpera, uma tinta com ovo. Tenho que fazer isso com eles. Então, trabalho com eles, tudo o que os artistas faziam, é o que a gente faz na sala de aula. E eu procuro, me esforço, pra fazer assim no São Francisco. É mais difícil, mas pelo menos apresento para eles como era feito. Mas tento fazer sempre com eles, as técnicas dos artistas. E, dentro disso aí, eu contextualizo e, falo da história da arte e tudo mais.

Meio ambiente, multiculturalismo, cultura visual

Duas realidades bem diferentes essas minhas duas escolas. Eu tenho uma que é muito preocupada com meio ambiente, tanto é, que a questão do lixo lá é reciclado, não se amassa papel pra colocar no lixo, o papel tem que ser inteiro para ser reciclado, é uma questão de educação total. Na outra escola, que a gente não trabalha isso, eu já procuro levar pra sala de aula, materiais do tipo, caixa de leite, caixa de maçã. Eu tento trazer muita coisa reciclada pra sala de aula, bandejas de isopor, aquelas de carne, vou juntando, e a gente trabalha com aquilo ali. Muito é falado, na escola que não se trabalha com isso. Eu falo muito. Até por que, estou muito adaptada a esta escola que trabalha com essas questões ambientais muito fortes. O cuidado com a água, coma utilização de tudo... é uma escola de valores franciscanos. A gente conhece toda história de São Francisco de Assis, a natureza, né? A escola já tem isso... a escola tem cento e vinte e três anos e eles trabalham os valores franciscanos em todos os sentidos. Questões de meio ambiente, eles trabalham há muito tempo, muito antes de se pensar em falar em cuidar do meio ambiente. De cuidar dos animais, de cuidar da água. Lá não tem desperdício de água. Não tem essas de ir a toda hora ao bebedouro. Cada aluno tem sua garrafinha de água, em sala de aula. E, tem a questão das tribos na sala de aula. Eu fiz um trabalho, pesquisa, e foi bem interessante, pois eles trouxeram coisas que eu nunca tinha visto. Tribos lá do Japão, e foi bem interessante! Já no São Francisco não tem disso. É bem diferente uma escola da outra. A Luz é bem urbana. Chega lá o "esqueitista", o "nerdzinho" com o pai, os "emo", tem uns quatro ou cinco deles. E tu tem que lidar com essas diferenças em aula. E eles discutem na aula,

brigam na aula defendendo seu espaço, claro né? E eu sempre digo pra eles: vocês querem brigar, vocês têm que ter fundamento! Vocês não podem brigar, sem saber por que tu tem essa franja? Tu é "emo"? Por que? De onde tu viu? É moda? É só pelo cabelo e pela roupa? De onde vem isso? Eu vejo assim: que a influência da televisão é muito forte, geralmente negativa. Eles assistem programas muito ruins, e levam tudo pra sala de aula. Eles assistem o que a televisão mostra pra eles. E quando tento mostrar outras coisas pra eles, eles não aceitam muito bem. Por exemplo, agora vou trabalhar Hermeto Pascoal com eles, pois tenho que trabalhar música contemporânea, vamos criar instrumentos. Eles odiaram jazz, não gostaram do ritmo, que é o que trabalha o Hermeto. Ele trabalha com instrumentos diferentes, chaleiras, cano, e eles acham tudo isso estranho, mas não acham Michel Teló estranho. Eles gostam do Michel Teló! Tem coisas na sala de aula, como sou muito pilhada, deixo eles também a mil, eu chego na aula enlouqueço eles. Eles tão paradinhos, e eu enlouqueço eles. E converso com eles...e falo com eles e eles já ficam bem louquinhos. E começam a cantar! E já começam: para nossa alegria! Eu detesto. Nem sei de onde saiu isso: do pânico, péssimo programa! Ou então aquele, começa de um lado: tchá, e eu quero tchu, e eu quero tchá, quando vê, está toda turma cantando. E eu, enlouquecida, mandando parar: vamos parar galera! deu, agora chega (risos)! Mas eu sei que eu que provoço isso neles. Como na sala de aula os outros professores são muito rígidos, nas outras disciplinas, prestar atenção, ficarem quietos... quando eu chego, eu vejo, é quase como quando chega o professor de educação física, todo mundo correndo. Eu chego na aula: e aí professora! Descontraí. O meu método de trabalhar... na minha aula todo mundo conversa, todo mundo conversando, não tem silêncio! Todo mundo conversando, interagindo, trocando materiais: me empresta a tesoura, me empresta não sei o que, a régua...

Os alunos são participativos em aula, realizam as tarefas propostas?

Bah, todo mundo faz tudo! Eu tenho um aluno muito problemático na Luz, já é bem mais velho, repetente, repetente, repetente do repetente, já rodou uns três anos. Então eu vejo, na sala dos professores, nas discussões na hora do recreio, que se junta todos os professores a falar mal desse aluno. E eu fico quieta, ele faz tudo na minha aula. Ele adora minha aula. Me dou muito bem com ele, converso com ele, e vejo que ele precisa disso. Ele precisa sentir confiança, que ele não sente nos outros... Esse ano eu tive um problema lá na escola, eu dou uma aula só por semana, e os alunos da oitava queriam que eu fosse a professora representante, e a direção achou por bem que eu não seria uma boa representante, por que dou uma aula por semana, vou pouco na escola. Até entendo isso daí, mas também coloque pra elas lá, que elas repensassem essa escolha deles. Por que eles me escolheram? Por que sou a única professora que escuta eles. Que respeita eles, e que trata eles com amor e com carinho. Eu vejo os outros, aquela coisa só profissional, que vai lá, dá sua aulinha e vai embora. E tchau! E eles não querem isso! Tem que se envolver!

Qual é a metodologia desenvolvida?

Quais os conteúdos desenvolvidos? Os PCNs da área são observados?

Isso pra mim é coisa pra faculdade! Eu não uso nada disso! Posso estar falando a maior barbaridade do mundo, mas pra mim, isso não faz diferença nenhuma. Não me baseio neles em nada, mas eu vejo eles nas minhas aulas, mas é intuitivo! Eu faço

minhas propostas, e é muito intuitivo. Eu vejo o PCN na minha aula, mas eu não busco ele pra nada! Não busco LDB, não busco nada! Esses planos nacional de educação, não vejo nada disso! Não leio isso, não busco isso pra fazer minhas aulas. Eu busco os artistas. Como sou professora de artes, busco quem? os artistas. São eles que me orientam.

Que repertório artístico é levado às crianças? O repertório cotidiano é valorizado? Como?

Os pequenininhos, ainda estão com aquelas coisas das professoras de pedagogia: trabalhinhos, colar coisinhas, datas comemorativas... presente das mães... o que fazer? O que vocês sugerem? A gente tem isso, isso e isso, o que a gente pode fazer? Eu escuto muito eles, e troco meu plano para fazer o que eles queiram fazer. E eu troco, troco mesmo, sem problemas, se eu vejo que aquilo vai ser legal para turma. Certamente troco, na hora... Eu tenho alunos que gostam muito de arte. Que os pais são arquitetos, que levam eles em exposições, então eles me trazem muita coisa, dois três alunos que fazem isso. Trouxe um material do Iberê Camargo, mandou pelo *facebook*. Vamos tentar. Vou falar com a direção. Fui lá falei com a diretora, e ela obviamente falou que não. Por que não pode sair da escola, por que jamais vamos a Porto Alegre. Aí eu trouxe o Iberê Camargo para eles. Já que não podia levar eles ao Iberê, eu fiz uns slides com várias imagens da fundação, pra eles conhecerem a fundação. Eles trazem coisas, eles me pedem pra fazer coisas, e a gente faz. Os alunos do São Francisco querem fazer teatro. Então vamos fazer teatro. Não tenho formação? Não tenho! Mas vou buscar. Até por que na faculdade foi assim: a professora dava a ideia e a gente e a gente corria atrás. Faço assim como professora também, querem música, vou estudar música. Querem trabalhar com teatro, vamos lá trabalhar com teatro... modifiquei algumas coisas no conteúdo, por eles.

Quais livros/autores são utilizados pel@ profess@r?

Eu uso algumas coisas de história da arte, eu tenho muita coisa em casa pra mim pesquisar. Uso o Argan, pra trabalhar a parte do modernismo. Um livro que eu achava que jamais usaria, que eu achava horrível, que eu achava receita de bolo, e que hoje eu uso muito, o livro das trezentas propostas pedagógicas, eu uso direto aquele livro, para pegar alguma proposta, alguma coisinha rápida. E vivo lendo a Mirian Celeste, que eu acho ela fantástica, a Ana Mae, leio muito Ana Mae, e conheci alguns autores novos na minha pós graduação... mas é isso, Ana Mae e Miriam Celeste são os meus nortes.

Que atividades extraclases são promovidas na escola e na sala de aula? São realizadas saídas de campo, visitas a museus, etc...?

Na Luz a gente não pode sair. É uma regra da diretora, não sai da escola. Não tem jeito! Nada, nada, nada! Quase não posso sair da sala de aula. É difícil, só saio da sala pra ir pra sala de informática, onde tem o data show. No São Francisco, as saídas são direto. A gente vai para qualquer lugar onde possa apresentar alguma coisa pra eles, a gente vai. O São Francisco, como é bem no centro a gente vai a pé a tudo, museu... vamos acompanhados pela coordenadora da escola...vamos sempre no máximo em duas turmas. É dividido... Nesta semana mesmo, estou indo com eles para a praça, para começarmos o projeto dos duzentos anos de Pelotas. Vai ter uma grande mostra

de todas as disciplinas, é um grande projeto que vai acontecer para comemorar os duzentos anos da nossa cidade... alguns vão desenhar os casarões, outros vão fotografar. Tudo isso antes de um preparo antes, trabalhei um pouco com desenho de observação com eles, para que eles conseguissem fazer um desenho legal, trabalhei introdução à fotografia também, com o pessoal que vai fotografar, mostrei para eles algumas imagens de Pelotas, dei algumas ideias legais pra eles, apresentei alguns fotógrafos de Pelotas, com fotos artísticas, para que eles tenham bastante ideias.

Como é realizada a avaliação? Em que momento? De que instrumentos @profess@r se utiliza para realizar a avaliação dos alunos?

A minha avaliação é feita pelos trabalhos. Faço duas avaliações por trimestre, uma no meio, outra no final. Essa do meio do trimestre é mais tranquila, pois quem não entregou todos os trabalhos, pode ir entregando até o fim do trimestre. Na luz, os trabalhos ficam na sala de arte. Tem uma grande estante para todas as séries... No São Francisco, eu tenho pastas em casa. Tenho seis pastas, uma para cada turma, ficam todos trabalhos comigo, e eu avalio em casa. Na Luz, eu avalio lá mesmo... Divido o numero de trabalhos pelo valor da nota total... A minha avaliação é pelo aluno, pela evolução do aluno, como ele trabalha na sala de aula, não é só aquele trabalho. Não avalio aquele trabalhinho que está lindo e maravilhoso, aquele desenho bem feito, não é isso que avalio. Tenho alunos com muitas limitações, como esse aluno que disse que tem disritmia, ele tem muita limitação para desenhar, mesmo assim ele ficou com dez. Por que? Ele é um aluno que se esforça, entrega tudo no dia, ele faz os trabalhos em aula. Ele é muito dedicado! Não posso avaliar ele, da mesma forma que avalio outros alunos que fazem desenhos perfeitos, não tem como... por isso que é muito difícil ser professor de arte na hora da avaliação, tem que ter muito bom senso, muito discernimento na hora de avaliar. Tu não pode colocar todos numa caixinha e dizer: a turma tem nota tal. Não pode ser assim. Tem que avaliar aluno por aluno, sua produção, sua evolução...

Em teu ponto de vista, quais seriam as prioridades para a formação de professores e em especial aos professores de arte para melhor atender crianças e jovens na atualidade?

As disciplinas pedagógicas, são fraquíssimas as que a gente tem. Até por que a faculdade não dispõe. A gente tenta se matricular nas disciplinas de inclusão, e a gente não consegue nunca. A própria faculdade não dispõe. Eu acho muita demagogia da universidade dizer que tem isso, tem aquilo, mas a gente que não é daquele meio, lá da FAE, só pode assistir algumas aulas, quem é da educação. E como somos licenciatura de outro instituto, não podemos participar... Achei muito fraco os estágios, sinceramente, gostaria de ter feito bacharelado. Eu acho que estaria muito mais preparada pra ser professora fazendo bacharelado do que licenciatura. A licenciatura é muito fraca! Tudo o que aprendi, foi com os professores do bacharelado, não foi com os professores da área pedagógica. Eu aprendi tudo com os professores de disciplinas do bacharelado!

Qual a função da arte/educação escolar na contemporaneidade?

Nossa! Toda! Toda! Toda! Por que hoje em dia se tu não tiver criatividade, tu não consegue emprego, começa por aí. Tu está formando cidadãos. Como tu vai formar um cidadão que não consegue enxergar? Que não consegue ver? Ver o mundo! Ver o mundo com doçura que seja, pois a arte traz esse olhar sensível. Tu vai olhar para aquele mendigo ali, mas vai olhar com outro olhar. Não com aquele olhar seco: Ah aquele cara ali que não quis trabalhar! Não! O cara que tem o coração artístico, como digo para meus alunos, muita arte no coração. Tem que ter arte no coração! Para ser sensível, e olhar para aquele cara, e ver que ele não teve oportunidade na vida. E ver que esse mendigo, e ver que esse cara não está ai por que não trabalha, ele não teve oportunidade, teve algum problema, ninguém está ali por que quer! E é isso que eu tento mostrar para meus alunos, ser sensível, ser criativo. É ter problemas e saber solucioná-los da melhor forma possível. E isso a arte traz, que é a criatividade! A melhor forma de fazer, da melhor maneira e mais barato. É assim que as empresas querem seus funcionários e a arte pode fazer isso aí. Eu acho que a arte tem toda a função....toda...toda...toda....

Outras funções na escola, gestão, coordenação? Quais? Colocam a arte/educação em evidência?

Não. Docência! Até por que sou professorinha nova (risos).

Como tu vê a educação no brasil hoje?

O caos, uma vergonha! Principalmente a pública! Te digo assim: na privada, não vejo tanto problema. Mas na pública, é um fiasco! Já começa pelo ENEM, o ENEM já é um fiasco anual. É fiasco todo ano! Todo ano tem fracasso, todo ano tem um erro, todo ano tem um escândalo. Eu acho que a educação brasileira é um fiasco. Uma vergonha! E é o retrato do nosso país é isso aí: um povo sem educação. O que digo para meus alunos: vocês virariam uma lata de lixo na rua? E eles dizem: não professora! Eu digo: por que não virariam? E eles ficam pensando. Não sabem responder! E eu digo: por que vocês têm educação. E agradeçam aos pais de vocês, que cuidam disso para vocês... por que quem faz isso não tem educação, não tá nem aí, não tá nem aí pra nada! E é assim que está o país! Todos esses problemas sociais que existem, é por que as pessoas não têm educação. E educação é tudo e aqui no país a gente não têm nada! É um fracasso total, inclusive nossa formação, que é muito deficitária... falta muita coisa. Então a gente tem que buscar. A gente tem que correr atrás. Pois só se da bem quem corre atrás! Quem corre atrás é bom professor, é dedicado, e consegue aquilo que outros não conseguiriam (risos).

Como professor qual o teu papel na sociedade hoje? Como tu te vê como professor?

Eu acho que eu sou única! Sou a única! É como se não existissem outras disciplinas, só existisse a minha! Eu vejo isso! Eu vejo eu como responsável total da educação dos meus alunos. Não me vejo como parte. Eu acho que eu estou lá com muito compromisso com o que estou falando para eles. Eu tenho que ter muito fundamento no que estou falando para eles. Por que para mim, sou única! Então essa questão de educação para a vida deles. Eu me sinto responsável. Sei que não é só responsabilidade da escola... sei que somos uma equipe, mas nisso aí, ainda estou

pecando (risos), é que me vejo responsável demais por cada um deles, como se eu fosse a única professora deles. Eu sei que não sou a única professora, mas quando estou na sala de aula, eu me vejo única lá dentro. Tem uma coisa que acontece, que é muito, muito interessante, eu entro na sala de aula, eu sinto uma transformação em mim. Não sou eu! É outra pessoa lá dentro. É uma transformação que na hora....quando entro na sala de aula, alguma coisa me toma, algo me toma, e eu não sei explicar... mas aí eu já estou lá, e já estou falando, e estou com eles, motivando eles, e indagando eles, algumas coisas. E eu não sei te explicar, é coisa...assim... são mistérios, mistérios da vida, e então, eu não sei te explicar o que acontece. Mas essa questão de ser única, de ser responsável demais pelo que falo, isso é uma coisa minha, e sei que tenho que mudar, tenho que ver que tem outros professores, e que é uma equipe. Mas tenho muita responsabilidade por eles. Parece que tudo que acontece, e que vai acontecer na escola, tem coisas minhas, assim né? Então, as vezes tenho que tomar cuidado com que falo com eles em sala.

Professora 2**Formação:**

Artes Visuais – Licenciatura/UFPel

Pós graduação – especialização em ensino e percursos poéticos – UFPel (em curso)

Ano de conclusão:

2008

Área de pesquisa:

Arte contemporânea no ensino fundamental

Há quanto tempo trabalha na escola, e quanto tempo tem de experiência profissional?

Três anos que atuo nas escolas

Escola onde atua:

Eu trabalho em duas escolas da rede municipal de Pelotas, na escola Olavo Bilac, e na escola Dr. Alcides Mendonça Lima

Endereço da escola:

As escolas são no Fragata, uma delas na Cohab do Frafata, outra no Fragata.

Nº de alunos na escola:

Em uma sei que tem em média quatrocentos, na outra não sei.

Nº aprox. de alunos por turma:

Em média 30 alunos

Quantas turmas tens hoje?

Tenho que fazer a conta... tenho dez turmas, e na outra escola... vinte e três turmas no total.

Nº aprox. de professores e de professore de Arte na escola:

De artes, numa tem quatro professores em outra, três. No mais contando com EJA, acho que deve ser uns cinquenta professores.

A escola dispõe de sala específica para as aulas de Arte?

Não, em nenhuma das duas.

A escola dispõe de material didático específico para as aulas de Arte?

Material didático, tipo livro, tem na biblioteca alguma coisa, mas é pouco. Outros professores pediram, pediram, e a escola comprou, adquiriu. A escola tem o material do arte na escola, que foi enviado para todas as escolas da cidade, que são os DVDs aqueles... E o material para trabalhar em sala de aula, tem mais é o básico. Passo uma listinha do que vamos precisar, lápis de cor, giz de cera, tinta guache... e o resto, folha de ofício, conforme vou usando, vou pedindo. As crianças não levam o material, pouquíssimos. Poucos levam. Alguns têm. A escola me dá o básico, eu empresto, tem uma cestinha onde boto o material, e eles pegam usam, limpam e me devolvem. Esse material que a escola empresta pra eles. E papel colorido, esses tipo de coisas, as vezes a escola me dá, e quando não, compro com meu dinheiro. Se eu preciso de algum material e vejo que a escola não vai me dar, eu compro com meu dinheiro! Ótimo! Eu ganho bem né, então! Não tem problema! (risos)...

A escola tem laboratório de informática? Os recursos oferecidos pelas novas tecnologias são utilizados nas aulas de Artes? Quais são e como são utilizados?

Sim, uma tem e está em uso, e a outra... tem os computadores, mas não foi feito o espaço para os alunos utilizarem, para colocar os computadores. Os recursos, não. A escola que tem o laboratório de informática funcionando, eles têm já uma grade certa de horários divididos entre os professores, e neste horário, não está incluído as aulas de arte. Os professores de arte não usam. E o resto sim, DVD e TV, que é para todos, a gente marca o horário na sala, e usa... Data show uma escola tem, mas a gente não pode utilizar, estamos numa discussão em cima disso!

@ profess@r utiliza livros didáticos?

Tem alguns, como te falei... mas geralmente vejo minhas colegas fazendo assim: tem os livros em casa e leva para a escola, tuas imagens. A gente adquire para a gente, e leva para a sala de aula, entendesse? Tem na biblioteca alguma coisa, mas tem pouco. E aquela coisa assim, aqueles tipo de moldes, que eles compram pensando que vão facilitar a vida do professor de arte e não tem nada a ver.

Há portadores de necessidades especiais na escola? Como se da (se existe) o processo de inclusão nas aulas de Artes?

Sim, eu tenho uma aluna cadeirante, mas também tem uma deficiência mental. A gente acha que ela tem, mas até hoje não veio um laudo do que ela tem exatamente. Mas ela tem dificuldade de coordenação, tem as mãos como se fossem atrofiadas, e as pernas também, ela usa cadeira. Ela não se alimenta sozinha, ela tem uma dificuldade na fala. Três anos que sou professora e ela é minha aluna... e ainda tenho dificuldade de entender o que ela fala. Então, eu ancho que tem que haver a inclusão, mas tem que ser bem feita, e não é bem feita. Eu tenho aluno com síndrome de down, e é mais fácil para mim, por que eu tenho criança com síndrome na família, e mais facilmente lido com eles. Essa menina que é cadeirante, tenho maior dificuldade de lidar com ela, pois ela não segura o lápis, ela não come sozinha, então, na sala de aula é só eu. Pela

lei a turma deveria ser reduzida e não é! Normal, e ela na sala de aula. Na hora do lanche, a gente tem que dar o lanche para ela, com canudinho, tem que dar pra ela na boca. Atendo todos os colegas, depois vou lá, seguro a mão dela. Tem que pegar a mão dela e fazer o trabalho junto, ou encaixo, faço uma bucha assim no pincel, com fita ou alguma coisa, para encaixar na mão dela, para que ela consiga pegar sozinha e eu não fique o tempo todo, até por que eu não posso ficar o tempo todo com um aluno. Então, acho que deve haver, mas deve ser bem feito!

Que imagens e sons povoam a sala de aula e a escola?

O que eles cantam o tempo todo são essas músicas que estão bombando, esse Michel Teló. As gurias tiveram a fase do, esse menino, o sertanejo Luan Santana, então eles vão muito na onda. Tem os grupos de contra cultura, digamos assim. Mas eles vão mais na onda mesmo. Eu vejo mais assim nas quintas séries, que são maiores, essas histórias de jogar *vídeo game* e na *internet*, os maiores, pois os pequenos, pouco vejo, poucos têm computador em casa. É mais a TV, e TV aberta, TV a cabo também não, são as duas escolas de periferia. Poucos têm TV a cabo por exemplo.

Que tipos de atividades relacionadas às Artes Visuais no geral são desenvolvidos? Qual é a metodologia desenvolvida?

Bom, eu gosto bem variado! Sempre uma coisa nova que vejo na TV, por exemplo, e como é isso mesmo que eles vêm, eu tento levar pra sala de aula, eu levo e aproveito para discutir. Pois eles levam questões. O que começa a ficar muito repetitivo na televisão, eles estão debatendo, falando aquilo. Todo mundo tá falando, então eu procuro trazer, se eu tenho alguma imagem disso, e pergunto o que eles viram, tento discutir questões que eles levam para a sala de aula. Gosto de trabalhar com fotografia, tem crianças que não têm máquina fotográfica em casa, e foi engraçado uma vez que fiz um trabalho com fotografia, um não queria de jeito nenhum, aí saí da sala com ele, e ele não sabia onde tinha que apertar para tirar a foto, claro, não tinha prestado atenção quando eu estava explicando. Levo imagens de artistas também. Na rede municipal, e gente recebe da secretaria de educação, um folheto, dizendo assim: tem que trabalhar linha, ponto, plano no ensino fundamental. Procure trabalhar com fotografia. É um pacote amplo, muito amplo! Então, não tem dividido por séries o que tem que dar, que matéria tem que dar. Não está dividido. No fundamental, de pré ao quarto, não é dividido. De quinta a oitava, tem uma divisão, eles pegaram as vanguardas artísticas e colocaram, quinta série, futurismo, não sei o que, não sei o que... impressionismo... e desligaram da história. Em uma escola que trabalho, a escola fez um plano alternativo vinculado com a história. O período que eles estudam na história, não é um trabalho interdisciplinar, mas tem um diálogo entre a história e a arte na história, mas é só nesta escola. A escola fez isso aleatoriamente, nem pediu permissão para a secretaria, e a outra é assim, cada um faz o que quiser. Como eu faço? Eu fiz, mais ou menos, pra mim, essas questões formais de linguagem visual eu trabalho sempre... Como a maioria dos meus alunos eu acompanho do pré até a quinta, eu fiz um plano, eu trabalho no primeiro ano eu trabalho e essas coisas que se repetem, eu vou colocando questões mais difíceis, trabalhos mais complexos, vou trabalhando assim, assim que eu faço. Um projeto meu.

Meio ambiente, multiculturalismo, cultura visual

A cultura visual, eu trabalho com eles trazem de televisão, jornal, de música, de coisas que eles ouvem também. Imagens que eles têm, deles, eu procuro debater na sala de aula. No caso da fotografia, eu gosto de trabalhar a questão dos dois, três, quatro, cinco lados que têm, eles vem uma coisa no jornal e dizem: professora, saiu no jornal, e tem foto! Como se fosse verdade absoluta. Gosto de trabalhar essas coisas de botar a frente, não, mas olha aqui, tem outro lado! E do meio ambiente, pra ser bem sincera, trabalho pouquíssimo... eu, a professora de ciências e outra professora de artes, estamos bolando um trabalho, um projeto assim, para fazer nos finais de semana, nos sábados trabalhados, um trabalho para chamar os alunos para a reciclagem, entre ciências e artes, trabalho com reciclagem, reaproveitamento, embasar toda a questão, e fazer trabalhos neste sentido. Em uma escola, tem um projeto com uma professora de ciências, de reciclagem, toda a questão de meio ambiente, eles faziam horta, trabalhavam a grama, a terra da escola, o espaço. Nesta escola tem arvores, um pátio bem legal para eles trabalharem isso. Mas parou esse ano, pois a secretaria mandou parar todos os projetos, então está parado agora. Eles fizeram seleção do lixo, neste projeto, os alunos fizeram as lixeiras, pintaram com cores diferentes, para separar o orgânico do lixo limpo. Isso a gente continua fazendo, mas o projeto parou, pois a secretaria cortou todos os projetos.

Os alunos são participativos em aula, realizam as tarefas propostas?

Sim, na maioria sim, numa mesma sala tem alunos que participam e outros que não querem. Geralmente, agora que estou com essas quintas séries, tem bastante diferença dos menores, já tem aqueles adolescentes, que, numa turma por exemplo, tem repetentes e eles já não querem, os outros são crianças e eles não querem se misturar. Ah, eu não quero fazer! Sabe? Então, uns bem participativos e outros, que tem que estar sempre puxando!

Quais os conteúdos desenvolvidos? Os PCNs da área são observados?

(risos)... claro! Quando eu entrei, que eu fiz plano de aula, eu usei pra fazer os planos de aula eu usei os PCNs, mas agora, já tenho o rumo da coisa, e já tenho na cabeça o que é para cada turma, e tal, não uso muito. No primeiro ano em que trabalhei, em 2009, foi tranquilo, em 2010, a secretaria pediu para a coordenação de cada escola um plano, assim: primeiro trimestre, o que vai trabalhar? Em cada turma, em cada série... quando eu fiz para entregar, é que fiz pra mim, pois não tinha um planejamento para o ano todo... não tenho plano esmiuçado, eu tenho um caderno, onde eu boto por dia, um pra cada ano, e cada ano eu refaço...e vão aparecendo coisas pelo caminho que tu não esperava, daí saio daquele plano, boto coisas, tiro coisas, não repito o que não foi legal.

Que repertório artístico é levado às crianças? O repertório cotidiano é valorizado? Como?

Eu levo imagens de revista, da televisão, de propaganda, eu gosto de levar bastante imagens de propaganda, que chama atenção deles e tudo. E de artista, trabalho artistas brasileiros, quanto da daeuropa... tudo misturado... o que ainda não entrou na escola, e não só por mim, foi a arte africana, pois a gente não têm um embasamento,

não tem repertório... o que eu faço, é procurando na internet, e em *sites* confiáveis, pois não vejo assim, estar presente na escola. Procuo levar artistas gaúchos, artistas de Pelotas, também coisas da cidade, de arquitetura, coisas assim, história... mas por minha conta, não vem estipulado nem pela secretaria, nem pela escola.

Quais livros/autores são utilizados pel@ profess@r?

Que atividades extraclasses são promovidas na escola e na sala de aula? São realizadas saídas de campo, visitas a museus, etc...?

Numa escola é promovido pelos professores de área, de quinta para cima. Como sábado, tem que ter aula mesmo. Aula normal no sábado. Só que vai meia dúzia de alunos, e não tem como tu dar uma aula normal. Então os professores resolveram fazer um tipo de projeto, tipo gincana. Já foram para *camping*, construções. Tipo, Capão do Leão. Em uma escola saem, partiu dos professores isso. Então, elaboram três questões sobre meio ambiente, tipo eles iam para o mato, um lugar de natureza e tal, e eles realizavam tarefas e questões que tinham que responder. Foi bel legal. Equanto a museus, levei meus alunos uma vez ao museu, no MALG, quando teve a exposição do Iberê Camargo, só. Nunca mais vi ninguém, nem eu levar. Tem campeonatos de esportes. O que mais tira os alunos da escola são os campeonatos esportivos.

Como é realizada a avaliação? Em que momento? De que instrumentos @ profess@r se utiliza para realizar a avaliação dos alunos?

O que eu levo em conta, serve para todos. O entrosamento do aluno com o conteúdo, se ele se interessou, como ele realizou aquele trabalho. Tem uma diferença dos grandes para os pequenos. Avalio pelo trabalho. Não avalio pelo trabalho final, avalio o processo em sala de aula, como ele foi fazendo. Se é em grupo, tu vê quem se escora, quem não quer nada com nada! Avalio isso, a participação, avalio o que ele realmente entendeu. Aí é que está a diferença: com os da quarta e quinta série, eu faço prova. Eu faço prova, por que? Pra saber, no sentido real o que eles estão entendendo. Pra saber se eu não estou falando grego lá na frente. Entendes? Pois tem uns que não falam, não vem te perguntar nada. E com a prova eu vejo, o que eles estão entendendo, qual foi a questão que mais teve erros, que maior número de alunos errou, e aquilo que eu vejo ali é um diagnóstico. Tem gente que é contra a fazer a prova. Pra ter uma ideia, em uma prova, tinham linhas para colocar se eram verticais, horizontais... e um aluno colocou: norte, sul, leste, oeste (risos)... então, como eu ao saber que aquele aluno, não estava entendendo nada com nada? Foi só na prova que pude ver para trabalhar aquilo de novo...

Em teu ponto de vista, quais seriam as prioridades para a formação de professores e em especial aos professores de arte para melhor atender crianças e jovens na atualidade?

Quando eu saí da universidade... eu achei que ia trabalhar com alunos de quinta a oitava série. Nos estágios, era de quinta a oitava. Eu não tinha ideia que ia chegar, como aconteceu comigo, foi um baque, fui trabalhar com crianças que não sabiam ler e escrever, então, nunca me disseram isso... eu me senti completamente desamparada. Disse: meu Deus! Vi em todo tempo na faculdade, PCNs, arte na educação para alunos

de quinta a oitava. Nunca ninguém me disse que eu ia chegar na escola e ia trabalhar com crianças de pré a quarta série. E o que não bate, são os professores, formadores de professores, sequer pisam na escola, geralmente é isso que eu vejo.

Qual a função da arte/educação escolar na contemporaneidade?

Eu vejo que é importante desde o pré, como é importante para as crianças trabalhar com arte. Conforme fui trabalhando, fui começando a ver como era importante para elas, assim, na vida né? Aquela velha... o mundo é feito de imagens. Então, qual é a aula que te prepara para ter uma consciência crítica? Ler uma imagem, ler o que tu vê na televisão. As propagandas, tudo ali, usa a linguagem da arte. A linguagem visual, digamos assim... de ter noção de que aquilo é dito por alguém, e tem uma intenção quando fala aquilo, então a arte... mesmo que eles não façam nada específico em arte, ela faz parte da vida do ser humano.

Outras funções na escola, gestão, coordenação? Quais? Colocam a arte/educação em evidência?

Não, só na sala de aula.

Como tu vê a educação no Brasil hoje?

Eu conheço mais de perto a realidade daqui, é um descaso total (risos), agora vão fazer um mês que estamos em greve, e o prefeito sequer nos recebe. Era greve do funcionalismo em geral, agora é apenas dos professores reivindicando o piso nacional. Tudo bem. Foi uma lei federal, o piso do magistério, foi uma iniciativa boa, só que a partir que pé lei, eles têm que pressionar cada prefeito, que faça valer a lei em seu município. E não há essa pressão. Não tem empenho em qualificar os professores, nem na estrutura da escola também. Não vejo empenho nenhum pela educação. Tem o FUNDEB... mas se o prefeito não pagar o piso, o FUNDEB dá o que falta, né? Mas para liberarem a verba, o prefeito tem que provar, que tanto do dinheiro arrecadado vai para educação, e não é. Ninguém quer saber... e quem pressiona? Quem vem investigar isso? Ninguém! Um descaso total! Ninguém fiscaliza, ninguém nada!...

Como professor qual o teu papel na sociedade hoje? Como tu te vê como professor?

Assim, claro que a nossa profissão é importante sim, tem dois lados. Tem coisas que nos desanimam, quando tu vê um aluno que abandonou a escola, e está em outras atividades, consideradas ruins. A gente pensa: será que nada que eu... tu te dedica o ano inteiro para aquela turma... e, ao mesmo tempo, eles vem te falar de alguma coisa que tu fez em um dia... já passaram daquela fase, já são adolescentes, e vem te falar: bah, sabe aquilo que a gente fez "sora", eu vi em tal lugar, vou fazer isso, vou fazer aquilo. Tu vê que aquilo ficou na vida daquela criança. Como te falei: sou professora de artes, não vou formar dali, não só artistas, que vão viver só em museus. Mas acho importante a contribuição que a gente dá para a vida. Para que aquela criatura tenha uma vontade. Como eu, um dia, resolvi ser professora por duas professoras minha. Eu poderia até desistir, não tem ninguém na minha família que tenha curso superior nates de mim, e eu poderia também não ter feito. Mas aquelas duas professoras me despertaram a vontade de seguir estudando, em ser professora. Não quero colocar

uma ideia de que meus alunos sejam professores, mas se eu servir para que eles queiram fazer alguma coisa na vida deles, acho que essa é a nossa importância, para a vida deles... que eles sejam um pouco mais do que os pais deles foram e do que eles são hoje, sei lá... Apesar de não ser valorizada, nem em questões de dinheiro, salário, nem pelas pessoas, ser valorizada, gosto de ser professora e me realizo. Gosto de ir lá e de preparar projetos, envolvida com isso tudo. Sou realizada, só a questão financeira que não sou realizada! Na questão pessoal, sou! ... a escola deveria ser um complemento na educação, mas hoje em dia, a escola está fazendo papel de pai e mãe. Tem alunos que não têm responsáveis. Ninguém responsável. Por mais que tenham pai e mãe em casa, não são responsáveis, são drogados. Crianças que ficam sozinhas em casa, e fica para a escola, o papel de: isso não é adequado, isso não pode fazer! Coisas que pais, ou avós, responsáveis em casa deveriam fazer, no caso nas escolas que trabalho, fica pra escola fazer, e até fazer reunião com os pais, e dizer: olha pai... isso aqui, acho que não é adequado fumar maconha na frente do teu filho... parece absurdo, mas é comum a escola chamar os pais e dizer que não é adequado fumar maconha na frente deles, não é adequado transar na frente dos filhos, pois até isso a gente teve de fazer, pois as crianças vão pra escola dizendo o que eles vem. Então, além de ajudar na educação das, a gente tem que ajudar na educação dos pais...

Professora 3**Formação:**

Licenciatura Plena em Educação Artística – Habilitação em Artes Plásticas/ UFPel; Pós Graduação – Especialização em Educação Infantil/ IESG - Jaguarão

Ano de conclusão:

Graduação 1998, especialização 2003

Área de pesquisa:

Ensino de arte no Brasil e Uruguai, na especialização. Foi o primeiro pós-graduação a distância em Jaguarão. Por que na verdade eu sou de Jaguarão. Eu me formei aqui e voltei para a minha cidade... Minha pesquisa foi em cima disso, como as crianças eram trabalhadas no Brasil e no Uruguai, por que tínhamos alunos do Uruguai que vinham estudar no Brasil, pois seus pais haviam casado com brasileiros, e vice-versa.

Há quanto tempo trabalha na escola, e quanto tempo tem de experiência profissional?

Em arte, eu estou fazendo doze anos que dou aula. Aqui na escola cinco anos. Só que eu fiquei dois anos em sala de aula, um ano só na coordenação da escola manhã e tarde, quarenta horas, e agora, vai fechar o meu terceiro ano de vice direção. Eu fiquei dois anos na vice direção e coordenação, esse ano abandonei a coordenação e voltei a dar aula. Estou com três turmas de sexta série.

Escola onde atua:

Escola Estadual de Ensino Fundamental Nossa Senhora de Fátima

Endereço da escola:

Rua Carmen Miranda, 756 - Cohab Fragata – Pelotas RS

Nº de alunos na escola:

Seiscentos e trinta alunos, aproximadamente.

Nº aprox. de alunos por turma:

Nós temos turmas, por exemplo, esse ano, duas turmas de oitava com vinte e dois alunos. Mais ou menos entre vinte e cinco e vinte e sete, tem duas turmas com trinta alunos, mas a gente tenta fazer que não passe muito, principalmente da turma dos pequenos que estão em processo de alfabetização, mas temos dois terceiros anos bem cheios.

Quantas turmas tens, hoje?

Três sextas séries

Nº aprox. de professores e de professores de Arte na escola:

Professor de artes tem dois, pois quando assumi a coordenação da escola, veio uma professora para me substituir, ela é formada em Artes Visuais, agora voltei pra sala de aula, ela ficou com o turno da manhã, e eu com o da tarde. Hoje temos duas professoras de arte na nossa escola. Eu e a professora Ana Beatriz. Os demais professores somam, em média, trinta professores.

A escola dispõe de sala específica para as aulas de Arte?

A escola dispõe de laboratório.

A escola dispõe de material didático específico para as aulas de Arte?

Pra trabalhar em artes? Dependendo do que a gente vai fazer. Por que, na verdade, com os meus alunos eu trabalho muito com reciclagem, eu não dou uma listagem de materiais, depende do projeto que a gente vai fazer a gente vê o material que vai utilizar. Algumas coisas, poucas coisas a escola fornece, por exemplo, quando eu saí da disciplina, e a Ana Beatriz veio, ela deu continuidade no trabalho que eu vinha fazendo. Eu não cheguei a fazer pintura mural naquele ano, aí ela começou. A escola comprou tinta, por exemplo. A escola tem pincel, a escola tem algum material, quando o professor precisa de alguma coisa e vê que os alunos não têm condições de comprar... eu, na verdade, não tinha tanto problema, por que na minha aula, eu comprava uma lata de tinta e distribuía pra todos os alunos, então, dava centavos pra cada um. Então a gente conseguia trabalhar. A gente sempre trabalhou assim, a gente pegava todo o material e dividia o custo entre todos os alunos que iam trabalhar, e dava, no máximo um real, e, olhe lá, pra cada um. Então a gente conseguia fazer! É que a gente tem que ter um jogo de cintura! Mesmo por que a realidade das crianças hoje é diferente. Nós temos crianças que são pobres, paupérrimas, que são raras. Aqui na nossa escola é raro! Claro que tu vai ver em escola de periferia que a maioria é *superhípercarente*. Mas nós temos alunos, que, por exemplo, que não trazem uma régua, mas eles têm celular de quase mil reais. Então, aí também depende de que? Da exigência do professor. Por que um aluno que tem condições de ter um celular de quase mil reais, têm condições de comprar uma régua, lápis de cor, folha de ofício, de comprar material.

A escola tem laboratório de informática? Os recursos oferecidos pelas novas tecnologias são utilizados nas aulas de Artes? Quais são e como são utilizados?

Tem. Eu agora tenho um projeto com eles que a gente vai para o laboratório de informática, um projeto de fotografia. A gente está fazendo um trabalho que é: Um novo olhar para a comunidade. A gente vai fazer uma pesquisa, eles já estão fazendo uma pesquisa, cada grupo vai ter um tema de pesquisa, e eles vão fotografar... a gente vai montar até o dia dezanove de maio, esse trabalho é o nosso primeiro projeto do primeiro trimestre, que a gente fez com algumas disciplinas, pois ano passado a gente voltou com os projetos interdisciplinares, então a gente vai fazer este trabalho, os alunos vão usar máquina fotográfica, eles vão usar celular que possuem máquina fotográfica, a gente vai para o laboratório de informática. Eu já estou baixando algumas fotos de alguns fotógrafos que tenham trabalhos reconhecidos, para mostrar para eles até ângulos diferentes e visões diferentes de uma fotografia, que vou passar no data show, a escola também tem data show, então a gente usa muito o data show, a gente tem uma sala de vídeo, os laboratórios, todos são equipados com TV e DVD, disponíveis a todos os professores.

@ profess@r utiliza livros didáticos?

Não, os livros que uso são livros meus. Mesmo por que na escola, agora a gente desde que eu vim pra cá começamos adquirir material de arte, por que não tínhamos nada de arte na biblioteca. Agora a gente já tem alguns livros de história da arte, de alguns artistas. Mas como eu tenho um material bem bom em casa, quando eu assumi aqui em artes, eu trouxe todo o meu material que eu tinha no meu laboratório pra aluno fazer pesquisa, pra aluno xerocar. O que nós temos de livros? Didático de artes não vem nada. Por que o governo agora, até que está mandando livro didático de inglês, que eu já achei uma evolução! Por que livro de inglês, espanhol, educação física, de artes, não vem nada. Do governo, não vem nada! O ano passado começou a vir os livros de inglês, que eu já achei uma evolução bem grande, assim, mas didático, do governo, nada! A gente têm material nosso, do professor. Os livros que trabalho, todos são meus, nada da escola. Embora agora a gente tenha, está chegando um material, até uns livros que estão chegando do governo, até vieram uns livros bem específicos por áreas e veio alguma coisa de teatro, alguma coisa de arte, mas é livro assim, não é livro didático pra ti trabalhar com os alunos, é um livro para o professor ler, se atualizar, tentar compreender mais a sua disciplina. Está chegando agora, livros do FNDE, inclusive esses que estou registrando, de literatura, tem muito livro bom, de uma qualidade muito boa. E tem alguns didáticos, de matemática, de ciências, alguma coisa de arte.

Há portadores de necessidades especiais na escola? Como se da (se existe) o processo de inclusão nas aulas de Artes?

Não, nenhum. Nós tivemos, quando estava em sala de aula ainda, em 2007/2008 nós tínhamos um cadeirante, tínhamos também uma criança, que com o tempo... o ano passado ele saiu da escola, pois ele tem problema de visão, ele foi perdendo a visão, ele foi encaminhado para escola especial. Eu acho muito relativo, pois tem os dois lados. Eu acho que a gente, na verdade, dizem que vamos incluir todo mundo, pra mim é uma exclusão. Por que tu põe uma criança, por exemplo, esse aluno que a gente tinha aqui, deficiente visual. Só que não temos um professor habilitado pra trabalhar com as diferenças, então pra mim, na verdade, tu não inclui a criança, tu não inclui em lugar nenhum, isso aí é historinha pra inglês ver. Essas coisas que o governo inventa, de que não há reprovação, essa história agora de que a criança não pode reprovar no primeiro ano, nem no segundo, nem no terceiro. Tudo é avanço! Dizer números, que não existem analfabetos no Brasi, é tudo mentira! É tudo palhaçada! É o mesmo que pegar a criança, botar num colégio e dizer que somos uma escola que inclui. Mentira! Não inclui nada! A escola exclui tudo! Por que as crianças, no meu ponto de vista, se tu não tem um profissional pra atender essa criança, tu está excluindo ela. Então, não me venham falar em inclusão, por que esse assunto, sinceramente é uma palhaçada. Tu vê uma criança, que é surda, que é muda e não tem nenhum professor que fale na língua de sinais, como é que vou estar incluindo ela? Uma criança que é cega, ninguém usa o braile, ninguém sabe fazer leitura, como é que tu inclui ela? Aí tu tem uma criança com problemas mentais seríssimos, como é que tu inclui ela? Aliás, problemas que temos demais nas escolas nos dias de hoje, com déficit de aprendizagem, crianças hiperativas, crianças com retardo mental e eles mandam pra cá. E para conseguir enviar essas crianças para uma escola com atendimento especializado é uma novela, por que, assim, o que a gente tinha, nós ficamos um tempo aqui na escola sem orientação, por que o pessoal do SOE, que faz os encaminhamentos, que fazem alguns testes e aquela função toda, o que acontece? Acontece que a criança que a gente encaminhava ficava um ano ou dois na fila, quando a criança ia ser atendida, ela já não tinha mais a idade para ser encaminhada, então, a educação, ela está toda mal. Toda mal! Tu não tem suporte de lugar nenhum! Tirando

alguns professores daqui, e o grupo da escola, que entra em contato com um... entra em contato com a faculdade... aí tu conhece o marido da fulana... que é médico, que é psicólogo, psiquiatra, que consegue uma vaga daqui, uma vaga dali, e a gente vai fazendo uma ginástica para encaminhar os casos mais sérios e urgentes. Mas isso, depende da direção também, pois tem direção, que não está nem aí, que lava as mãos. Na verdade, a inclusão pra mim, se faz inclusão quando tu tem um grupo de professores especialistas nisso e capacitados para trabalhar. Aí sim tu pode dizer que tem uma educação e uma escola inclusiva, caso contrário, é pura balela! Só palhaçada!

Que imagens e sons povoam a sala de aula e a escola?

De som, olha, a nossa comunidade é muito diversificada (risos). Aqui na escola tu não ouve muita coisa. Mesmo que a gente tenha uma rádio instalada na escola, que está parada por que não tem ninguém para cuidar. Então a gente usa para alguns eventos, se tem algum desfile. Eu chego e ponho sempre música na entrada. Eu abro a escola às sete e quinze e coloco música até eles entrarem na sala de aula. Que é o meu gênero, que é outra coisa. Mas o gosto deles, até que eu estou por fora. Eles gostam muito de rap, do batidão, muito dessas músicas que tocam na mídia. Como eu sou evangélica, eu coloco mais louvor, música mais tranquila. Pois o que eu percebo, que as crianças hoje, elas são muito violentas. Muito violentas! E essa violência já vem de casa. Semana passada a gente estava conversando, falando sobre a páscoa, e que as crianças, na verdade, não sabem o sentido da páscoa. E o que é a páscoa? O que é o natal? O porquê das datas comemorativas. E eu estava dando história da arte paleocristã, e falando desta arte mais primitiva, do povo de Roma, que perseguia Cristo, e etc... e tal, e os alunos perguntaram se aquilo era aula de arte. Eu disse sim, por que tem os símbolos, toda uma simbologia, como as pessoas se comunicavam, e a religião que é muito forte na parte da arte, e eu disse: é! Eu até achei estranho, falava sobre a arca de Noé, o peixe grande e Jonas, que são as parábolas, as coisas escritas na bíblia, e tinha outra coisa, Moisés, a história de Moisés relatando algo assim, e eles não sabiam nada, isso na sexta série. Perguntei se alguém já tinha ouvido falar sobre a arca de Noé, ah, eu já vi, por que teve um filme, aquele, Todo poderoso, que tinha uma arca de Noé, acredita que eles não sabem nada, não conhecem uma história bíblica, não conhecem nada! Mas não por que sou evangélica hoje, entendeu? É por que eu sempre tive um conhecimento religioso, por que fazia parte da nossa vida, da nossa formação. Eu ficava indignada, daí perguntei: mas de Jesus, vocês já ouviram falar? Aí disseram assim: Até já ouvimos! Disse pras gurias depois: Eles não tem educação religiosa, eles não sabem de nada! Tem alguns alunos evangélicos aqui, até hoje a gente vê mais alunos evangélicos aqui na escola. Está crescendo um pouco o povo. Mas eu vejo muito eles falarem: fui lá na terreira, que mataram os bichos, que rodopiaram... Nada contra! Entendesse? Nada contra, cada um tem sua religião. Mas eles não têm conhecimento de nada, então eu disse pras gurias, elas disseram: Dulvia, desde quando comecei a colocar o louvor, foi no final do ano passado, um dia coloquei um louvor, e tem em todos os ritmos, tem pagode, música mais tranquila. O que eu percebi. Um dia eu coloquei, coloquei uns dois, três dias coloquei algumas músicas, até por que a gente não tem CD de música nenhuma. Eu não tenho música nenhuma a não ser meus CDs de louvor. Aí disseram, coloca as tuas músicas mesmo! Daí, coloquei! Então virou meu hábito: eu abro a escola, sete e quinze, eu ligo o som, e o louvor fica tocando no pátio! Quando não tem, eles reclamam que não tem. Eles já se habituaram, eles sabem que estou na escola por que eu ligo a todo volume, então, a comunidade toda escuta. Eu boto a todo volume, a comunidade toda escuta. Então, a Dulvia chegou! Já sabem que estou na escola. Eu botei o som, eles já sabem que estou

na escola, eles já começam a vir! Essas músicas também estão na mídia, hoje está havendo uma abertura maior, no programa da Xuxa, no final de semana teve. O Raul Gil, já algum tempo, então, este universo não é desconhecido deles. Embora não seja do hábito, não é desconhecido. Eu digo: é pra vocês chegarem na paz. Todos dizem que a entrada é mais tranquila, pois antes chegavam chutando... Isso acontece no meu turno! No turno da manhã em que sou vice diretora, no turno da tarde, isso não acontece! Quanto a imagens, imagens, o que eles estão conhecendo, assim de imagem dentro da escola, são algumas obras de arte que estão sendo pintadas no muro, não sei se tu viu ali na entrada? Que é uma forma de aprender, eu tenho algumas imagens que as vezes eu empresto para as professoras de currículo, pra elas trabalharem, mas é muito raro os que pedem. Já emprestei livros, apostilas, mas não flui. Elas ainda continuam colando papelzinho, algodãozinho... e tal, toda aquela técnica de motricidade, do fazer, não do criar!

Que tipos de atividades relacionadas às Artes Visuais no geral são desenvolvidos?

Nas minhas aulas, esse ano, assim, eu estou tentando me readaptar voltando para a sala de aula depois de três anos, a minha preocupação maior é que eles tenham conhecimento de arte e que eles criem, pois a parte da criação é uma das partes mais difíceis. Como é que tu ensinas uma criança a criar? Então eu digo: matemática tem um livro que ensina, tudo ensina, todas as disciplinas te ensinam. Arte, tu não tem como ensinar, a não ser uma técnica. Técnica tu ensina, agora, criação é complicado! Fazer criança criar, inventar, viajar... é difícil. Esse ano eu comecei recapitulando tudo de cores com eles, vendo todas as cores básicas, círculo de cores. Eles construindo, vendo o que é bidimensional, tridimensional, fizeram algumas composições com figuras geométricas, falando termos de arte que eles não conhecem. Quando eu falei: organizar uma composição, bidimensional, utilizando uma figura geométrica e policromia, ou monocromia, ou cores quentes ou cores frias, eles não sabiam nada e nem o que significava. Aí tu tem que começar pedacinho por pedacinho, pra eles entenderem o termo correto. O que é uma composição, o que é bidimensional, daí tu vai, todo um processo, o que foi bem legal. Quando eu fui para o tridimensional, eu tive que viajar um pouquinho mais com eles, por que eu não quero dizer direto pra eles o que é tridimensional. Eles sabem que tridimensional tem três medidas, que bidimensional tem duas medidas, mas não queria dizer de cara, vamos fazer isso! Então, eu queria que eles trabalhassem um pouco. Então a minha proposta era: todo mundo trazia um óculos, e a gente saia pra rua, todos de óculos escuros. Então é toda uma história de fantasia pra eles viajarem na maionese! Então eles tinham que colocar os óculos dentro da sala de aula, eles tinham que entender que todos os óculos eram óculos mágicos, óculos que têm super poderes de ver coisa que ninguém vê, que ninguém enxerga. Que a partir do momento que eles saírem da sala de aula pra rua, eles estavam em um outro universo, totalmente diferente e desconhecido, por isso que não era pra conversar com ninguém, por ser tudo estranho. E eu deixei um tempo eles percorrendo o pátio, a rua, alguns lugares da sala de aula, e tal. E eles: professora, á tudo igual! Só que a proposta era de não tirarem os óculos até voltar pra sala de aula. Então esse trabalho, a gente está em andamento com ele ainda. O que era o trabalho então? Ao voltar à sala de aula, eles tinham de me relatar cinco coisas, no mínimo cinco coisas que eles tinham visto neste novo mundo. Não adiantava trocar de óculos por que pra ti os óculos iam funcionar de um jeito, pra mim de outro, nós não íamos nunca ver a mesma coisa. Então, até pra eles não ficarem copiando um do outro. Então não tinha essa de igual por que cada óculos tinha um super poderes, cada óculos enxergava uma coisa. Então eles riram, se divertiram,

eles viajaram na maionese! Teve uma turma, que uns dois ou três que custaram para engrenar, viajaram, que viram um monte de coisas, gente que falava de árvores que corriam atrás de mim... o piso era gelatina... o sol, o céu derretia, era de chocolate, então, eles viajaram um pouco! E era esse meu objetivo, que eles fizessem essa criação. Depois que eles me relataram, eles tinham que escolher uma das coisas relatadas e desenhar, do jeito que era pra eles. Então não tinha certo, nem errado. Se o bicho estava torto, não interessa! Só ele que tinha visto! Era exatamente do jeito que ele viu, que estava desenhado. Então não tem certo nem errado, sabe? Ah, tá torta, se o bicho tem roda, asa. Não tem asa, não importa! Porque? Por que quando a gente trabalha com arte, a primeira coisa é: não se desenhar! Eu não sei desenhar professora! Então o jeito que eles desenhavam ia estar certo! Então, a gente partia desse trabalho. Quando eles escolheram o desenho, eu comecei a montar eles em duplas. Então tu tinha teu desenho, o meu, nós juntávamos uma parte do teu com o meu, e criávamos um terceiro desenho, que era o desenho da nossa dupla. Depois, juntávamos com outra dupla. Era nosso desenho, metade meu, metade teu, a metade dos outros dois, e formávamos um outro desenho. Então a gente pegava parte dos quatro e formava uma figura. E essa figura eles tinham que dar um nome, e esta figura eles tinham que definir as cores. E aí, essa figura eles tinham que dar vida, e essa vida é o tridimensional. Então, é neste processo que a gente está agora, do tridimensional. Daí eles saem do bidimensional, que é o desenho que eles fizeram, para o tridimensional que é a construção que eles vão fazer. Não tem que parecer bonequinha, não tem que parecer robô, não tem que parecer casinha, por que as pessoas estão muito bitoladas ainda, em casinha, solzinho e morrinho, que eu tenho pavor! As pessoas ainda acham que tudo na arte tem que parecer alguma coisa. Ah, isso parece um cachorro, parece uma vaca, parece um carro, parece... comigo, eu abomino esse parece! Não podia parecer! Então todo mundo queria botar olhinho, boquinha em árvore, em cachorro...em tudo! ...e eu mandava eliminar. Eles iam trazendo o que eles iam construindo, e eu ia limpando. Vamos limpar aqui, vamos limpar ali... quando escolheram o desenho final, eles voltavam para a minha mesa, e a gente ia pensando no material que iam usar. Eles estão neste processo agora, de juntar garrafas, latinhas, arames, materiais, tintas, para construir esse objeto, que nós continuaremos, vamos criar uma história, em cima deste objeto. Como ele surgiu? Quem encontrou com quem no caminho? Então, é uma viagem! Por que? Quando se tem o material final, eles não sabem por que tem aquilo ali. E vão saber pela história que eles forem contando. Toda a função, dos óculos, que copiaram, que desenharam, que juntaram, e acabou saindo nisso! Seria muito mais fácil pedir pra trazer umas caixas de papelão, construir um trambolho e dizer: isso é tridimensional, mas eu queria que tivesse toda uma construção deles, todo esse percurso. Quando eu disse que eles iam dar vida, eles quase morreram! Eu pensei em abstrair ao máximo com eles, que também já é a parte realista para a abstração, que a gente está trabalhando, mais cores, mais texturas, mais formas, mais materiais, então em um trabalho a gente engloba tudo, e isso eles têm que entender. Paralelo, estou trabalhando com a professora de História, que ela está entrando com arte medieval e a gente vai entrar com a técnica do mosaico, quero que esse ano eles usem o tecido, e não papel. E a gente também está preparando esse novo olhar sobre a comunidade que é o trabalho fotográfico. Estamos com três trabalhos paralelos.

Meio ambiente, multiculturalismo, cultura visual

Eu vejo, na verdade, nem sei como isto está sendo trabalhado. Pra ser bem, sinceramente, trabalhado na sala de aula. Por que na verdade, a gente trabalha muito com projetos, que de uma forma é legal, por outra forma, um tanto bitolado. Os

professores procuram, alguns deles, eu não acompanho muito todos os professores, o que cada um faz, por que o professor hoje, é muito limitado dentro do conteúdo dele. Mas dentro do conteúdo, ele abrange o que está na mídia, o que está dando no jornal, o que está acontecendo. Eles chegam e contam, como a gente recebe jornal aqui, a gente olha o jornal e diz: olha aconteceu isso. A gente leva pra sala de aula, e vê o que eles sabem, o que eles não sabem. Eu vejo que nossos alunos são totalmente fúteis, eles são fúteis. Falando assim, de cultura, nada interessa! Eles são da futilidade, de malhação, de novela, de fofoca, e como uma boa parte deles têm computador em casa, eles passam o tempo todo em *Orkut, facebook e msn*, então o papo deles é esse. Entendeu? Quando fala em tecnologia, é só rede social. Mesmo por que, minha briga com eles, é por que eles não sabem pesquisar. Tu pede um determinado tema, eles vão na internet, imprimem, então não há pesquisa, eles sequer leem o que está ali. Se tu não aceita o trabalho, o pai vem reclamar: como tu não aceita o trabalho do filho dele, se ele foi lá, pesquisou, imprimiu e te trouxe? Como é que tu não aceita? Entendeu? Então, é outro problema de cultura que vem lá da família! Por que a família hoje, a gente tem outra característica de família. A família hoje, ela simplesmente não existe dentro da escola. Tu pode contar nos dedos com quem tu conta da família. E tu pode ver, as crianças que tem problemas na escola, tu pode olhar pra família. É a família não existe mais. A mãe hoje está com um marido, amanhã com outro, depois com outro. O pai deu pau na mãe, usam drogas, bebem, e tudo na frente das crianças. As crianças assistem tudo! É violência, abuso também. Abuso sexual, que a gente tem muito! Então trabalhar com tudo isso, às vezes tu quer mostrar o belo, até quando estava falando sobre o trabalho fotográfico, eu até falei sobre o belo. O que é o belo? Daí a gente fez algumas brincadeiras. Por exemplo, um homem belo pras gurias, até pra saber, o que é beleza pra eles. Por que a mídia te diz o que a beleza tem que ser de um jeito, e a gente é diferente, as pessoas são completamente diferentes. Então, o que a mídia coloca na mente deles? Pra ti ser um homem bonito tu tem que ser alto, tem que estar sarado, tem que ter o olho claro, tem que ter cabelo... como é esse homem bonito, como é essa mulher que tem que ser bonita. Os guri vão direto né! Professora, tem que ter peito e tem que ter bunda! (risos). Os guri vão direto! As gurias vão meio ããã... já ficam assim, tem que ter olho verde, tem que ter cabelo preto, tem que ser bonito. Dependendo como elas são, elas querem o cara mais alto ou mais baixo, por que elas também não tem essa relação de beleza, entendeu? Quando tu fala em beleza, elas dizem: ah, beleza, bonito é aquele guri que estou de olho. Então isso é beleza pra elas. Por que tem uns na sexta série que são muito crianças, outros são muito adultos! Uns já namoram, já tem diferenças de idades, tem uns repetentes em aula. Até pra descaracterizar a mídia de que a mulher tem de ser magérrima, que tem que ser isso, que tem que ter cabelo... e agora, com a onda de silicone pra lá, silicone pra cá. Aquilo deforma as pessoas, ficam todas deformadas e acham que estão ficando bonitas. É um escândalo! Eu acho o fim! A gente não pode atropelar uma criança que não sabe nem o que é cor primária. Quando uma criança não sabe nem o que é cor primária, tu tem que ir andando pra ti ir chegando onde tu quer, até por que, daqui a pouco, tu vai estar trabalhando com artistas e com obras, e eles vão...

Os alunos são participativos em aula, realizam as tarefas propostas?

Sempre entram em minhas propostas. Hai que não entrem... (risos), pois sempre digo pra minhas colegas: um professor que é convencido do que faz, convence qualquer um. Não querendo falar da minha colega, que está trabalhando comigo. Por que os alunos ficam dizendo; ah, nos abandonou! Por que nossos desfiles traziam multidões pra escola. Ela

tentou seguir fazendo, não funcionou, mirrou, acabou com o desfile! Isso foi um erro meu, pois disse que estava trabalhando isso, e as crianças gostam. Quando vi que não fluiu, daí eu disse: tenta fazer o teu estilo, por que, de repente, ela me disse que gostava muito de escultura, até hoje não vi ela trabalhar com escultura, e fazem seis anos que estou na escola. Segue na tua área, não é por que tu não trabalha com desfile, que tu não vai estar trabalhando arte. Eu tenho noção de costura, eu trago minha máquina de costura, então eu sei lidar com isso. Por isso que eu trabalho com meus alunos. Eu faço, gosto de fazer. Faço roupas e desfilo junto com eles.

Qual é a metodologia desenvolvida?

Quais os conteúdos desenvolvidos? Os PCNs da área são observados?

Trabalhamos apenas com Artes Visuais. Até na verdade é uma surpresa pra mim, pois quando estava na faculdade, a nossa briga durante os quatro anos que estudei, era pra terminar com a polivalência, e o grupo da minha época brigou bastante, pois eu era do colegiado, então eu trabalhava bastante, representava a licenciatura, na verdade eu acho legal o curso que fiz, pois me abriu uma visão, pois tive aula de música, noção de música, a gente tocava flauta, ler partitura, acho que é um conhecimento a mais, a gente fez aula de teatro, fui monitora no teatro, a gente teve muita coisa, fotografia, várias aprendizagens, o que eu achei de ruim, que na verdade a gente não se aprofunda em nada né? Se bem que, o que a gente aprendeu de música, a gente aprendeu! O que a gente teve de jogos teatrais, a gente aprendeu! Mas depois que tu vem pra sala de aula, a escola não te proporciona, tem escolas que nem sala de artes tem. Aqui eu tive a sorte de que tinha uma sala de arte e a gente colocou em funcionamento, reformamos a sala e tal. Foi bem legal, só que assim, eu hoje acho muito complicado, por que se já mudou, a nossa briga era pra que viesse a faculdade de teatro, a de música já tinha, na época que eu fiz tinha habilitação em música, e que viesse de dança, até por que são especificidades totalmente diferente uma da outra. E, o que me surpreende, é agora né, a gente vê, pela 5ª coordenadoria que esses dias a gente teve uma discussão que a professora disse que nós tínhamos que ter conteúdos de música, conteúdos de teatro, e conteúdos de artes visuais, tinha que ter um pouco de tudo. E eu digo não, só um pouquinho! Nós temos pessoas formadas nas suas áreas, nas suas habilitações, temos habilitação em teatro, música, cada um tem que assumir a sua área, e aí, é uma contradição dos PCNs com o governo, que na verdade o governo não quer contratar. Ele quer contratar professore de artes visuais. O concurso quando abre, é para artes visuais, não tinha concurso para música, teatro, pra dança nem pra coisa nenhuma, só para artes visuais. Aí, tu assume uma turma, e tu tem que dar tudo! Aí, no conteúdo diz: que tu tem que trabalhar noções de música, noções de teatro, noções de dança. Tá. Mais e aí? Mesmo sendo noções, não tem como tu dar uma noção para um aluno. Tu tem que saber, tu tem que ter tido essa noção. Isso é uma discussão que a gente tem aqui na escola. Esses dias, a gente estava até falando sobre isso, sobre conteúdos, eu até briguei em cima disso: isso tá errado! O governo, eles criam leis que nem eles mesmos cumprem, né? Eles te exigem coisas que eles já disseram lá atrás que tinha que ser de um jeito, agora, é de outro. Só que a lei não mudou. Não tem uma lei agora dizendo que o professor é polivalente de novo. Não mudou isso! Por isso que criou-se as especificidades de cada um. Então, eu não entendo, assim, que nem a área de concursos, as gurias me disseram que para professor de arte tinham onze vagas na nossa região da 5ª coordenadoria, só em Pelotas, nós precisamos de muito mais de onze professores. Por que a maioria dos professores que entram na sala de aula, não são professores de arte.

Eles não são formados em artes. E se tu precisa ter habilitação em música, teatro, dança e artes visuais, nós não temos em nenhuma escola.

Que repertório artístico é levado às crianças? O repertório cotidiano é valorizado? Como?

Dependendo do que estou trabalhando, estou trabalhando sempre em cima da história da arte, vou trazendo obras referentes àquela época em que trabalho com eles. Sigo algumas imagens clássicas, por que tem uns livros que têm imagens bacanas. Quando eu trabalhava releitura com meus alunos, eu dava o nome de um artista, eles pesquisavam uma obra, eu dizia: esse artista tem "trocentas" obras, e vocês pesquisem a obra que vocês mais gostarem neste estilo, desse autor, desse artista. Então eles vão buscar, eles surgem com obras que nem eu conhecia, por exemplo. Tem algumas referências que tu faz e não tem como fugir, mas não vamos ficar trabalhando em cima de obras específicas. Por que tem artistas, que eu tenho obras em casa, de uma coleção da Caras que eu tinha, tem obras ali, uma é conhecida, outras três, não são. Que a gente bate direto, aquelas da faculdade que a gente fica quatro anos em cima... a mesmice! Por que os artistas passam por vários períodos, um a gente conhece, outro não. Mas isso eu vou construindo ao longo... entendeu? eu não sou uma professora que começa o ano, e olha; isso aqui é tudo o que vou fazer, e cumpro tudo a risca. Não consigo. Se não consegui até agora, creio que não conseguirei, por que não faz parte de mim... por que a arte é um momento. Daqui a pouco tu está construindo uma coisa, de repente, não, para! Isso aí não está rendendo! Vamos parar! Vocês ainda não estão com maturidade para fazer isso. Começamos outra coisa,..., agora deu! Continuamos lá! Então é assim: a gente vai, a gente volta. Por que tem que ver a maturidade da turma. Tem uma coisa que vou conseguir desenvolver com uma turma, e não com outra. Essa semana disse para eles: eu tenho uma turma, que segundo meus colegas, seria uma das melhores turmas da escola. Que seria a meia três, e é a que mais tenho dificuldade para trabalhar. Pois é uma turma muito imatura, as vozes que ouves aqui, é deles, eles falam, falam, falam, o tempo inteiro. Um trabalho que exija muita concentração, tu não consegue fazer com eles. A um e a dois, por eles conseguirem se concentrar, tu consegue ir mais longe. Pois tem o professor recebe uma lista de conteúdos, e não quer nem saber, se esta fluindo ou se não está. Ele tem que cumprir o conteúdo. Meu conteúdo de ponto, linha, texturas, forma, material... eu trabalho tudo numa coisa só. Eles já estão construindo, eles fazem coisas no computador... agora quero começar a ir mais por esta linha tecnológica, tentar construir no computador, construir imagens, vou tentar né! Três anos fora, vou ver o que eles têm de maturidade pra fazer, mas eles são super atinados, muito mais do que a gente.

Quais livros/autores são utilizados pel@ profess@r?

Que atividades extraclasses são promovidas na escola e na sala de aula? São realizadas saídas de campo, visitas a museus, etc...?

Nós temos a escola aberta, que funciona pra comunidade no final de semana, aberta a toda comunidade. Direto, sábado e domingo, sempre. E esse ano o que a gente tem funcionando? A gente tem a banda, o CTG que está meio parado, mas está voltando. Por que o CTG e a banda são muito forte aqui na escola. O CTG, o pessoal começou meio

que sair, e estava ficando um grupo que não era muito da escola, aí a gente deu um tempo, mas vamos remontar. Sábado, está bombando de manhã as aulas de *taekwon do*, pelo que estou sabendo temos mais de cem alunos, da comunidade, alunos nossos, nós temos aulas de futebol, dão treinamento de futebol de salão, nós temos um pessoal que está dando noções básicas de informática, aulas de xadrez. Tem algumas coisas que estamos tendo. Agora, no mais, de educação, que é o turno inverso, não começou. Vai começar daqui a pouco...

Como é realizada a avaliação? Em que momento?

A avaliação deles, eu nem comecei a fazer. O que eu penso em avaliação? É a construção deles. O que eles estão conseguindo acompanhar, o que eles estão conseguindo fazer. Eu levo em conta tudo. Por que de repente tu tem alta habilidade pra desenhar, e eu te peço pra fazer uma construção. Tu vai fazer de olho fechado, enquanto outra criatura vai pensar e não vai ficar a metade do que tu fez. Então eu não avalio, como vou te dizer: ah, o teu tá lindo, o teu tá ridículo. Eu avalio o que tu conseguiu fazer. Por que a gente tem que ver que cada um tem o seu talento... Eu tenho que avaliar o processo, eles entenderam o que eu pedi? Eles conseguiram construir o que eu vim pedindo? E aí, claro! Acabamento, cada um vai ter mais talento, mais habilidade que o outro...O que eu penso? O que eu faço na avaliação? Qual é o compromisso deles? Se eles estão trazendo o material que vou pedindo. Se eles estão participando em aula. Se eles estão entrar em grupos, discutir e chegar a alguma conclusão. Por que até agora, esses trabalhos todos eles estão fazendo em grupos... se eles estão cumprindo os prazos, por que tu tem que ter isso com eles. Se não, no dia que eles quiserem trazer o material, o dia que eles quiserem entregar... Então, não! Eles têm prazo ara entregar, eles têm o compromisso de trazer o material. E essa questão de discutir, eu penso isso, tu pensa aquilo, o que a gente vai fazer?... Pois o professor também tem que entender qual seu papel na sala de aula.

De que instrumentos @ profess@r se utiliza para realizar a avaliação dos alunos?

Em teu ponto de vista, quais seriam as prioridades para a formação de professores e em especial aos professores de arte para melhor atender crianças e jovens na atualidade?

O professor, falando bem diretamente da nossa formação de arte, no mínimo, o professor tem que ter formação em artes. No mínimo! Para estar numa sala de aula, dando artes, falando de artes. Tu tem que ter noção de artes. As escolas fazem assim: tu é formado em história, tem horas sobrando, então tu vai dar arte, pois estamos precisando de quem dê artes. Eu abomino, e não aceito que alguém vá dizer: Dulvia, agora mesmo, estou com uma carga horária de aula sobrando, eu venho para a biblioteca, por que eu quero que a biblioteca funcione, pois quero fazer muita leitura e trabalho na biblioteca com eles, então, tem que andar! Mas já me ofereceram história, já me ofereceram religião, já me ofereceram várias disciplinas. Eu me nego, até me ofendo! Se alguém vem me oferecer alguma coisa que não seja de arte, eu me ofendo! Deve estar brincando! Pra mim é palhaçada! Sou capaz de me avançar, não aceito! O professor tem que saber o seu lugar, o professor de arte tem que saber o seu lugar, ele tem que estar buscando, pois aquele que se acomoda, que aprendeu lá na faculdade e nunca mais fez nada, não está com nada! Vai padecer! A maioria dos alunos que já passaram por mim e saíram daqui, e os de Jaguarão que me encontram com eles: professora, nunca mais tivemos uma

professora como a senhora! Por que eles não têm? Primeiro, que nem sempre é uma professora de artes que vai pra sala com eles, então já vai qualquer um, que não tem o mínimo senso de que é arte. Eles vão fazer artesanato, brincadeira... e coisinhas, desenho livre, e acham que é arte. Então, já não tem conhecimento, não vão produzir. Outra, que o professor, ele tem que estar sempre em busca e, ele tem que criar. E, ele tem que amar o que ele faz! Se um professor não é apaixonado pelo que faz, meu bem, dá a vaga pra outro! O magistério, ele já é difícil, a educação está cada vez mais desvalorizada. Tu ganha pouco, a carga horária de aula é grande. Tu tem turma bem complicada de trabalhar, dificuldades com alunos e pouco suporte. Não tem suporte nenhum. Não tem médico, não tem psiquiatra, tratamento psicológico, nenhum tipo de tratamento dentro da escola. Tu precisaria ter, pra acompanhar alguns alunos, por que os alunos problema, a gente precisa ajudar eles. E o professor precisa de ajuda também. O professor precisa de estar em contato com alguém. Eu não vou muito, por exemplo, lá na faculdade de artes, mas eu sei se eu me aperto, eu ligo para alguém. Se eu quero um material, eu vou lá. Conheço todo mundo. Hoje, com a função da internet, eu vejo muita coisa: vejo o que estão fazendo aqui, o que estão fazendo lá, vejo os artistas que estão sendo trabalhados. Não sou rato de internet, nem vivo, nem amo! Mas quando é necessário, pesquiso. Olha, quero fazer um trabalho. Tenho um trabalho na mente. Será que alguém está fazendo isso? Aí eu pesquiso. Tem alguém que está pesquisando essa área? Vamos ver se eu tenho mais ideias, mais sugestões, por onde posso ir, por onde não posso. Então, o professor tem que ser um pesquisador.

Qual a função da arte/educação escolar na contemporaneidade?

Pra mim, ah eu sou suspeita! A arte pra mim é tudo! Pra mim não precisava ter mais nenhuma disciplina. Tendo arte, bastava! Pra mim, a arte preenche todos os quesitos. Todos! Por que tu trabalha todo processo de criação, se tu quiser trabalhar com matemática, português, história, tu trabalha qualquer disciplina em cima de artes. Então arte pra mim é principal e fundamental. Se não tivesse qualquer outra pra mim estava bom. Existindo artes, não precisava existir mais nada!

Outras funções na escola, gestão, coordenação? Quais? Colocam a arte/educação em evidência?

Sim, atualmente vice diretora no turno da manhã, também já participei da coordenação da escola... As gurias se para com muita burocracia, muita coisinha. O meu olhar é todo artístico, é tudo diferente. Elas dizem : o pessoal de artes é um pessoal diferente. O diferente, é louco! O pessoal é diferente, tem uma sensibilidade diferente! Pra mim, organização é fundamental. Cor é fundamental. Elementos artísticos são fundamentais. Esse ano, elas querem que eu me candidate à direção. Já sei o que vai ser a escola, vai ser quase um museu contemporâneo de arte. Por que um sonho meu, é meter arte aqui, pra todo lado, ter coral, ter banda, ter dança, ter tudo! Atelier de arte funcionado na rua, no pátio, abrir um espaço, vai ter! tem que buscar, mas tem que ver com quem tu tá trabalhando. Por que se o companheiro que tu está trabalhando na disciplina de artes é parecido contigo, tem a mesma visão e os mesmos objetivos, daí, vai. Agora se não, tu fica puxando prum lado, o outro pro outro, e aí tu não consegue trabalhar. Têm profissionais bem complicados para trabalhar com arte. Tem professores muito desorganizados, daí o aluno perde o interesse pela disciplina... Não sou melhor do que ninguém, eu estou aqui com meu propósito. Quando digo para um aluno que vamos fazer

um trabalho, o trabalho tem que sair, e tem que sair perfeito! Tem que sair o melhor que a gente consegue fazer. Não é fazer de qualquer jeito, qualquer coisa. Pra mim, qualquer jeito, qualquer coisa não existe! Tem que ser o melhor de qualquer forma! E como é que tu convence? Eu sou muito engraçada, me acho às vezes, quando estou em sala de aula. Por que na verdade, na sala de aula, quando venho com uma ideia e um aluno me fala alguma coisa, eu já vou viajando na ideia do aluno. Então, por que os professores hoje são muito burros? Eles não pegam as ideias dos alunos. Eu trabalho direto nas ideias dos alunos. Uma vez uma aluna trouxe um texto, era calada e nem dizia nada, lá de Jaguarão. Professora, eu trouxe um texto pra senhora ler. Quando acabei de ler, estava arrepiada até as canelas. Parei a aula. Para tudo! Li o texto, em cima daquele texto já fiz um trabalho... o colégio inteiro fez, uma turma contou pra outra, que contou pra outra, ... todo mundo queria fazer... O professor tem que ter essa sensibilidade. O aluno é criativo. O aluno tem ideias, o aluno vem taca a taca contigo. Claro que às vezes tu tem um conhecimento mais profundo, mas que as vezes, na sala de aula, não adianta nada. Tem muitos conhecimentos, teóricos, teóricos e teóricos que... isso pra mim é uma viagem. Vem com muita teoria, muito distante da realidade dos alunos. Então, eu viajo junto na sala de aula. E eles veem que eu já estou apaixonada e, começo a falar: Visualizei! Parou! Eu sou muito artista... Parou tudo! Tô vendo! Já tive uma visão! Junta grupo agora! Já vamos fazendo! E sai, e eles dão risada! E eles dão risada e já se empolgam e querem fazer. E já se enlouquecem e a coisa sai! Mas o professor tem que ser convencido daquilo que ele quer.

Como tu vê a educação no Brasil hoje?

Caótica! Para mim, está cada vez pior! Não sei como serão nossos alunos, não vou dizer daqui a vinte anos, vamos dizer, assim uns cinco. Não sei, está muito complicado. Por que é muita lei. Muita lei com muita bobagem. As leis que as pessoas que estão à frente da educação formulam... Primeiro, quem formula a questão pedagógica não está na sala de aula toda função pedagógica não está na sala de aula. Por que a fulana de tal de artes disse, que a beltrana de tal, uma sumidade, ah, uma professora pesquisadora. Não queira me comparar um professor pesquisador com o professor na sala de aula. O pesquisador só viaja em teorias. Então, na verdade, o que acontece que tem muita gente fica só na teoria. Inventando! Esses tempos recebemos uns livros sobre arte, da Miriam Celeste, acho que era, eu tenho o material dela... tem vídeo, tenho assistido.. muito bacana. Mas tem umas coisas que elas falam que é uma viagem. Coisas que tu não consegue trazer para a realidade. Professor que não vem pra sala de aula, me desculpa, é um viajante, um mochileiro. Eu tenho uma colega aqui, mestre em educação, ela queria fazer doutorado, mas percebeu no estágio que não poderia fazer doutorado, sem antes vir para uma sala de aula. Se tu esta pesquisando, tu escolhes um tema, tu pesquisa, tu viaja, tu pesquisa autor, tu escreve e o papel aceita tudo. Tu escreve maravilhas! Agora, tu pega tuas maravilhas e vem pra sala de aula com teus aluninhos. Ela pegou uma turma, ano passado, bem complicado com várias deficiências. Agora tu aplica isso aqui! Eu tive professoras na faculdade de artes que eram uma viagem. Ao invés de te incentivarem a ser professor, elas colocavam água gelada em ti. Tem professores ali, se dependesse deles, tu nunca ia te formar, (risos) não tinham nada a te oferecer. Quando tu está numa faculdade e teu professor não tem nada a te oferecer, meu filho: dá o lugar pra outro, cai na real, vai pra sala de aula, trabalha com povo, trabalha com pobre. Trabalha com os riquinhos, que tu tem que dar nota sem eles fazer nada, pois na instituição eles estão pagando... aí tu tem que passar de qualquer jeito... mas aí, depois de passar por tudo

isso, aí tu pesquisa e escreve, mas escreve sobre a realidade! Não dizendo o que o autor diz nos Estados Unidos, ou no raio que o parta, que é outra realidade. Então, eles estão todos fora da casinha. A educação está difícil, por que o governo hoje não te ampara em nada. Hoje o aluno tem direito a tudo. O professor é cada vez mais esculhambado, mais esculachado! O professor é desvalorizado no salário, na formação. O professor tem que ter formação, mas te pergunto: que horário tu é liberado para ter essa formação? Não são oferecidos, mas às vezes, quando tem alguma coisa - por tua conta! Eu sempre ia, por exemplo, nos encontros de arte em Montenegro, adorava! Há anos eu não vou! Por que eu tenho que ficar uma semana lá. Tenho que ter dinheiro para me manter lá, viajar, me hospedar, comer. Não ganho um centavo para ir, e além de ficar uma semana fora, tu tem que chegar e recuperar aulas aos sábados. Então, que incentivos um professor tem? Pra mim, aqueles encontros de Montenegro eram tudo de bom. Eu fui a muitas coisas de arte, mas quando eu ia, há muito tempo atrás, eu aproveitava bastante, por que a gente interage. Tu tá comendo respirando arte o dia inteiro! Tu renova tuas energias, tu volta com um monte de ideias... tu vem com outro ânimo! Eu não vou mais a nada, tu fica num trabalho escravo. Eu entro de manhã, hoje abri a escola as sete e quinze, não fui almoçar, estou direto até aqui. E quando estava na direção, saia daqui as oito da noite, já saí a meia noite, às três da manhã daqui, direto. E tu não tem hora extra, hoje a gente está sem coordenadora, a gente está sem secretaria, a gente está sem supervisão. E aí, quem te apoia? Quem faz este trabalho? Não tem monitor, não tem pessoal para trabalhar na secretaria, não tem funcionário para limpar a escola, não tem! E o governo sabe, e não tem! E aí como tu quer o todo processo funcione? A escola quanto instituição é um corpo com vários membros e tudo tem que funcionar. Se um membro não funciona, fica capenga! E a educação está assim; tá capenga! Por que não funciona!

Como professor qual o teu papel na sociedade hoje? Como tu te vê como professor?

Eu sou bem modesta! Eu acho que eu fui uma grande contribuição para esta escola. Por que meus colegas, quando eu cheguei, eles diziam: nós temos a escola antes da Dulvia e a escola depois da Dulvia. Isso não foi dito por mim. Foi dito pelos professores, pelos meus alunos pelos funcionários, pelos meus colegas quando viram o meu trabalho. Nunca ninguém fez isso. E me diziam Dulvia! Dulvia! Dulvia! E não é a questão de eu me achar mais do que ninguém, é que eu gosto do que faço! E faço! Por que tem gente que diz, por que eu já fiz isso, por que eu fazia isso, e eu nunca vi a criatura fazer nada. Eu não fico me gabando de nada. Eu vou e faço! Quando tá pronto, eu mostro! Ninguém sabe o que eu faço em sala de aula com meus alunos, eu faço com eles, eu viajo com eles por que ninguém me ajuda e, eu não chamo ninguém pra me ajudar em nada, nem da direção, nem da coordenação, nem colega, nada! Não gosto de trabalho com coleguinha, porque eles vêm se escorando na gente depois de tu ter feito o trabalho todo. Eu trabalho sozinha, por que sei que comigo vai funcionar, e do jeito que eu quero, sabe? Eu consegui botar esse colégio todo a desfilar. Eu tinha duzentas crianças desfilando, mais até eu acho, trouxe o CIEPs, no último ano que dei aula, em 2008. Eu acho isso uma grande contribuição pra cá, como foi uma grande contribuição quando voltei para Jaguarão, em que trabalhei na casa de cultura, com grupo de teatro. Organizava via sacra, natal luz, já fiz muita coisa na minha cidade. Só que o meu tempo de contribuição acabou. Foram seis anos, me desgostei com algumas coisas, e como dizem: os incomodados que se retirem. E eu me retirei! E vim pra cá, e cheguei, abalando! Cheguei fazendo, construindo, aprendendo, construindo do zero, pois onde eu chego, eu chego! Eu acho que o professor tem que chegar e deixar a marca dele registrada. Pra isso que a

gente é professor. Se é para ser mais um.. mais um tem um monte aí. Acho que tem que ser mais um melhor! O mais um, realmente mais um! Que realmente faça a diferença. Eu com a função de morar aqui na comunidade, pra mim é muito bom, pois tenho uma afinidade muito grande com os pais. Então, eu resolvo muitos problemas. Quando tem pepino, é comigo! Todo mundo chegava e queria falar comigo, pois estou sempre na escola. Se tu me pede uma coisa, vou lá e resolvo. É agora! Por que se eu deixar para depois, eu vou esquecer. Então, pra eu não esquecer, eu já vou e resolvo. Então é assim, eu brigo com meus alunos e eles são apaixonados por mim. Brigo, beijo, abraço eu xingo eu esculacho, daqui a pouco já estão todos dando risada e é assim. Na hora que tu tem que ter pulso, tu tem que ter pulso! E na hora que tu tem que brincar, que é *light*, tu brinca! Mas eles têm que saber que comigo eles tem um limite. Não é fazer qualquer coisa. Eles sabem se pular o muro, eu ligo pra casa deles e aviso a mãe. E conto! E como eles sabem que falo, eles não fazem... Tenho uma relação boa com meus colegas e com funcionários, nunca tive problema com ninguém, tenho uma relação muito boa com meus alunos, que pra mim, é o que importa! Que eu não estou aqui para trabalhar para colega, estou aqui para trabalhar pelos meus alunos, e quanto a isso estou bem tranquila, pois a resposta, na verdade não é tu que tem que te dar, a comunidade é que te responde! Os alunos é que te respondem se tu é um bom profissional, ou não! No momento que eles fazem o que tu pede, tanto que eles te solicitam como professor, querem que tu dê aula pra eles... Eles já disseram tudo! Tu não precisa te vangloriar, te achar! Não! Os alunos mesmo fazem esse processo. Isso é uma resposta pelo teu trabalho, pela tua formação, pelo teu empenho. Isso que me leva a continuar ao magistério, é esse retorno que a gente tem. Em tu te dedicar, ganhar pouco, passar trabalho, tu te incomoda, tu te desgasta, pois tu é escoraçada pelo governador, que tu tem que ir pra assembleia brigar pelo teu salário, pois quando estou na sala de aula, nem lembro disso. Se eu ficasse pensando nisso não estava mais no magistério, na verdade, nem tinha entrado! Fico pensando como posso colaborar com essas crianças, com a comunidade, até onde a arte pode levar eles. E a arte pode levar eles longe, muito longe! Em qualquer lugar que eles queiram ir. Então pra mim, se não existisse arte, não tinha mundo pra mim (risos).

Professora 4**Formação, Instituição, ano de conclusão.**

Ornamentista de Interiores – Colégio Municipal Pelotense – Ensino Médio
Licenciatura em Educação Artística – Habilitação em Artes Plásticas – UFPel - 1990
Pós Graduação – Especialização em Educação e Especialização em Arte-Terapia – 2005

Área de pesquisa:**Há quanto tempo trabalha na escola, e quanto tempo tem de experiência profissional?**

Estou na escola desde 1998, e ingressei no estado por concurso em 1994...

Escola onde atua:

Instituto Estadual de Educação Assis Brasil

Endereço da escola:

No centro, Rua Antônio dos Anjos, esquina Gonçalves Chaves.

Nº de alunos na escola:

Nós já tivemos mais de quatro mil alunos, agora não, estamos com três mil, três mil e poucos, eu acredito que em se falando em números, sejamos a maior escola estadual, acho que depois daqui, vem o Cassiano...

Nº aprox. de alunos por turma:

Quando eu contava, tinha em média quinhentos alunos por ano, mas deixei de contar (risos).

Quantas turmas tens hoje?

Eu atualmente tenho: eu trabalho no curso normal, e no ensino médio... três turmas de primeiro normal, com a disciplina de artes. Trabalho com duas turmas do segundo normal com as disciplinas arte e didática da arte, em duas turmas do ensino normal com a disciplina didática da arte, e três turmas no ensino médio politécnico com a disciplina de arte.

Nº aprox. de professores e de professore de Arte na escola:

Sete professores de arte. Entre manhã, tarde e noite, e educação de surdos que nós temos uma professora que trabalha só com a educação de surdos. É um projeto diferenciado para trabalhar com educação de surdos, que são três turmas. No total, já fomos em média cento e setenta e quatro professores, atualmente eu não sei...

A escola dispõe de sala específica para as aulas de Arte?

Não, já tivemos, ela foi transformada em sala de aula. A estrutura desta escola, do instituto, tu vai encontrar essa estrutura em outros lugares também. Este prédio foi construído em 1942, então, o número de salas que temos aqui é bem maior do que tínhamos na construção original, muitas salas foram divididas, muitos laboratórios viraram salas de aula, então, era um espaço bem mais pedagógico. Infelizmente, com o governo tendo que suprir o atendimento, a população aumentando, então, não foram construídas novas escolas, elas foram transformadas. Tinha uma sala, que só ouço falar, que tinha forno de cerâmica, um espaço bem adequado para a arte, claro que dentro do ensino tecnicista, né? Isso deve ter sido até a década de 70, não sei 80, talvez. E eu acho que ela virou refeitório... já tivemos umas salas intermediárias. Não tinham pias, bancadas, eram salas comuns, mas com um espaço diferenciado para dispor melhor o espaço, as cadeiras, mas não haviam pias, bancadas, eram cadeiras tradicionais.

A escola dispõe de material didático específico para as aulas de Arte?

O material é pedido para os alunos. A escola não fornece! E o professor, no meu caso, acabo fornecendo muito material. Se for trabalhar com material diferenciado, né, com certeza que a gente tem que ter esse olhar. Acabo muitas vezes, por trazer o material.

A escola tem laboratório de informática? Os recursos oferecidos pelas novas tecnologias são utilizados nas aulas de Artes? Quais são e como são utilizados?

Nós temos agora, uma sala de informática, maravilhosa! Com mais de trinta computadores, talvez... Só que temos uma dificuldade de utilizar ela. Eu como professora de artes, foram raras as vezes que consegui ir para lá. Sempre foi pedido que tivesse um monitor lá, em função da preservação do material. Agora, atualmente temos uma monitora, e agora, estou tentando organizar este processo... em arte, tenho intenções de estarmos trabalhando com produções, montagens de vídeo, captação de imagens, com intervenções nestas imagens. São intenções, estou conversando com elas, tentar utilizar estes recursos, também. Mas, a princípio, até agora, não tive grandes oportunidades.

@ profess@r utiliza livros didáticos?

Não, livros didáticos existem mais em matemática, português, física, biologia...

Há portadores de necessidades especiais na escola? Como se da (se existe) o processo de inclusão nas aulas de Artes?

Sim. Eu já tive aluno com deficiência visual, e tive alunos com dificuldade de mobilidade, deficiência física. Agora não tenho nenhum aluno eu acho. Até posso ter, mas não enxergo muito as deficiências dos meus alunos. Tenho um aluno, que não tem uma parte de um braço, mas as vezes, esqueço que ele não tem uma parte do braço, não vejo. A escola, no espaço físico, ela tem o espaço adaptado. Quando tem um aluno que tem dificuldade de locomoção, ele vai estudar no térreo, em um prédio anexo, pois este prédio não tem salas de aula no térreo, e se tem rampas para dar acesso e este prédio, para ele ir aos setores da escola, biblioteca... Então, a questão do espaço físico é através de rampas, todos espaços, salas de aula, sala de

audiovisual, refeitórios, todos esses espaços possuem rampa, em caso de aluno cadeirante, ou que tenha dificuldade de locomoção, tem banheiro adequado para isto. Em sala de aula, mesmo trabalhando com meus alunos deficientes visuais, no normal, eu nunca tive dificuldades, pois sempre procurei adequar a compreensão do que a gente estava trabalhando com as limitações deles. Respeitando estas limitações, mas que eles pudessem participar ao máximo. Vivenciar o que era proposto pela atividade dentro da limitação que eles podiam ter.

Que imagens e sons povoam a sala de aula e a escola?

Muitas conversas, as vozes humanas, os corpos, muita música! Tenho visto cada vez mais nossos alunos estar com fones de ouvido, intensamente! Esses produtos da tecnologia... aparecem muito... aí tu tens que saber que é regra, é norma, e até lei o fato de que na escola não é permitido o uso de celulares ou coisa assim. Como em qualquer outra escola. Mas isso não acontece! Com certeza que o aluno vive burlando isso! Tu não está em sala de aula? Tu vai ver isso! Então, a gente vai buscando formas de interagir com isso. Eu até permito que meu aluno fique com fone de ouvido, desde que esteja atento! Por que nosso aluno jovem é aquele que está no computador, com a TV ligada, ouvindo música; e no computador, ainda falando com alguém e jogando, tudo ao mesmo tempo! Eu permito. Se eu sinto que este aluno não está desviado do que a gente está trabalhando, está envolvido, tranquilamente! Senão, eu peço para ele tirar. Mas isto é constante, um eterno diálogo com eles, do uso. Tu vais ver fones enormes, coloridos, (risos)... Sabes que é difícil, mas eu vejo que... esse referencial imagético não parece tão presente. É estranho, estou tentando visualizar. Essas imagens que eles trazem, são dos meios tecnológicos, mas que não da construção desta referência de imagens. Eu vejo muito a referência deles, e muito mais dos meninos, com os *mangás*, com os *grafites*, e das meninas, não tanto. Essa interferência, eu vejo muito mais pelos meninos, muitos *mangás* e muitos *grafites*. E, das meninas, nada.

Que tipos de atividades relacionadas às Artes Visuais no geral são desenvolvidos? Qual é a metodologia desenvolvida?

O meu trabalho é pontuado nos três eixos, até mesmo pela minha aproximação com a didática da arte, sempre, todas essas mudanças dos referenciais curriculares, parâmetros curriculares, foram muito bem vistos; então, meu trabalho é fundamentado na produção do aluno, da interação dele com diferentes produções visuais, que seriam, leituras de imagem, apreciação visual, e também, da contextualização histórica. Isto sempre. Às vezes sou questionada pelos meus novos alunos, quando começo a trabalhar: ah professora, é aula de história ou é aula de arte? Esses dias, entrei em conflito em questão com a metodologia triangular, por que eu achava que eu estivesse vinculando meu trabalho com a metodologia triangular. Eu tenho ainda pouca leitura, a gente começa a trabalhar, e vão diminuindo as nossas leituras. É claro, quando a gente volta para a faculdade, fazendo uma especialização, tu abre esse espaço e começa a ler, mas no cotidiano, tenho muito mais livros não lidos, do que lidos. Eu não paro de comprar, mas não consigo lê-los na íntegra, pois tem muitos livros que comprei, tem uma pilha do lado da minha cama, que tem alguns capítulos lidos... Mas esses dias chegou um questionamento, que digo: ai meu Deus do céu! Preciso ler mais para compreender mais. A metodologia triangular, para ela acontecer, tem que haver a interação com a obra, e não com a reprodução... esses dias lendo um artigo, acredito

que da Ivone Richter, trazendo a função da metodologia triangular às vezes com a obra e em outras com a reprodução da obra. Por que infelizmente o acesso à obra é muito pouco. Eu sempre tento, pelo menos uma vez por ano ir com meus alunos ao museu. Às vezes eu os encaminho, elaboro uma ficha de leitura, em função da exposição que está no museu, de onde ir, e eles têm que dar o retorno. A gente trabalha previamente aqui com algum material, para fazer uma provocação e, quando não se consegue, ou em função de carga horária, da disponibilidade deles... Ano passado pra ir a Bienal com meus alunos, eu corri atrás para lotar um ônibus, em todas as turmas que eu tinha, e foi corrido! Mesmo assim, foram trinta e poucas alunas, era turma do normal, e no mais, foi a irmã da aluna, a mãe da aluna, outra professora, para poder lotar o ônibus.

Meio ambiente, multiculturalismo, cultura visual

Eu acho que a cultura visual deve estar presente no ambiente da sala de aula. Devemos usar esta referência como instrumento de educação. Que eles saibam interagir tirando proveito. Que eles possam realmente estar lendo e decodificando e fazendo suas interpretações e direcionando todo este entorno que chega muito invasivo, forte e, a gente não consegue dizer não... nós temos aqui na escola o projeto de meio ambiente, mas ela sempre surge no cotidiano, por que nós vamos interagir, sim com obras de arte, produção contemporânea que trate da função do meio ambiente.

Os alunos são participativos em aula, realizam as tarefas propostas?

Já tive produções fantásticas dos meus alunos, e com o médio eu tenho mais dificuldades, até mais, por que não trabalho com eles com uma continuidade. Dou aula para eles em um ano, em que não os conhecia, e a gente não da continuidade... esse ano no médio, tenho duas aulas, antes tinha uma, e menos se fazia...

Quais os conteúdos desenvolvidos? Os PCNs da área são observados?

Eu uso, e ali tem muita coisa boa. Tem coisas que tem tu que repensar. Até mesmo ele se contradiz, o próprio PCNs, que às vezes ele coloca, principalmente a função da apreciação artística, onde ele coloca uma referência, em um ponto, de fazer uma leitura formal da obra, e em outro contexto ele traz que tu tem que sair desta leitura formal. Então, ele meio que se contradiz, mas eu uso. O meu plano de trabalho, meu plano de ensino, é baseado nos PCN. A arte infelizmente tem isso, por um lado poderia ser ótimo esta liberdade para o professor definir como vai trabalhar, mas o problema é que isso muitas vezes se repete, o professor acaba trabalhando o mesmo conteúdo com todas as séries, todas as etapas do ensino. É complicado isso. O que dificulta também, quando o aluno vem de outra escola, e aí, não está vendo o mesmo conteúdo, ou já viu o conteúdo. E esta vendo a mesma coisa. Então isso traz dificuldade. Não funciona como na matemática, português, que tem seus conteúdos específicos para cada etapa do ensino.

Que repertório artístico é levado às crianças? O repertório cotidiano é valorizado? Como?

Num primeiro momento, o que eu começo a fazer com eles? Sempre, é uma prática minha. Principalmente com turmas novas, é claro. Faço sempre com eles, um olhar sobre o histórico da arte. Então, eles sempre de alguma maneira, no início do ano, turmas que não foram minhas ainda, começamos de uma forma acelerada, não fazemos leitura de imagem da obra, nós fazemos uma leitura do período, tentando entender esse período, começando lá na pré-história, tentando entender o homem, como era o sujeito neste período... Como eu gosto e trabalho muito com arte contemporânea e arte moderna... adoro arte contemporânea. Só que eu também trabalho com o médio, aqui pelo menos... a arte moderna e contemporânea... mas, vou trazendo na contextualização deles, as produções para eles poderem usar, as linguagens da arte contemporânea. Então, eu começo lá na pré-história para eles compreenderem quem era o sujeito e, por que aquela obra está ali. Parece, às vezes, que muitos alunos pararam lá no renascimento. E a arte e a produção artística de qualidade é aquela que demonstra uma qualidade técnica, um perfeccionismo que reproduz a natureza, e para eles desconstruírem e aceitarem que um retângulo com quatro linhas amarelas, tem um significado, teve um significado. Eu falo de uma obra lá do Mondrian, do período da guerra. Então eu digo: para que eles tenham esta compreensão e essa aceitação, eles precisam ver essa evolução. O que fez Mondrian construir aquela imagem? Ou, de repente o Hélio Oiticica fazer um objeto em homenagem a um ladrão do Rio de Janeiro. Então, para eles terem essa compreensão, eu tento fazer. Que a arte é um reflexo daquilo que a gente está vivendo! O artista se apropria de toda a cultura, da natureza, a informação do ambiente da natureza, das culturas que está inserido e transforma aquele material que ele está construindo, a produção dele. Um olhar dele, sobre este mundo dele. Eu faço com meu aluno esse olhar cronológico, para ele ter a compreensão.

Quais livros/autores são utilizados pel@ profess@r?

Que atividades extraclases são promovidas na escola e na sala de aula? São realizadas saídas de campo, visitas a museus, etc...?

Atualmente temos um grupo, chamado Alma Pampeana, que é um grupo de dança folclórica do Rio Grande do Sul, que o professor que coordena está um pouquinho triste, pois a maioria dos alunos que participavam se formaram ano passado, então ele está resgatando. Tínhamos uma banda até o ano passado... está desativada por que faltou alguém que fizesse, talvez a regência... e só, temos atividades de dança, mas é uma professora que utiliza o espaço e que trabalha, faz um trabalho diferenciado para as alunas da escola. Mas é um trabalho particular. Mas as meninas que frequentam, pagam nas aulas de dança. Ela só utiliza o espaço da escola...

Como é realizada a avaliação? Em que momento? De que instrumentos @ profess@r se utiliza para realizar a avaliação dos alunos?

Na minha avaliação, eu digo sempre para eles: é continuada, depende do interesse deles, da participação deles, e eu vou avaliar a partir da produção deles. Eu tenho que ver a forma como ele trabalha e a evolução que ele está tendo com esse trabalho... Muitas vezes pode acontecer de eu dar a mesma nota para um aluno que fez um

trabalho muito bom, em função de manipulação com material, domínio da técnica, e de um outro que não teve um trabalho tão bom com relação da manipulação de material e domínio da técnica. Mas para ele, para o que ele vem produzindo, ele evoluiu muito. Mas eu vou avaliar mais, é se ele conseguiu desenvolver e atingir os objetivos propostos... A proposta lançada era tal, se ele conseguiu, então, desenvolver esta proposta, eu vou avaliar em cima disso. Não faço prova! Os trabalhos são avaliados pela produção deles. Às vezes são pesquisas, também, eles vão pesquisar algum período histórico, algum artista, para interagir com a produção de algum artista. Tem que apresentar, se faz seminário. Esses dias, em sala de aula com os pequenos, com o sexto ano, estava até com o PIBID, aí um menino falou algo que me chamou atenção: da função de estar ali para ouvir. Não! O aluno está aqui e tem que saber ouvir e tem que saber falar. Eu cobro muito isso dos meus alunos. Eu tenho dificuldades as vezes no médio, que eles sabem falar coisas que não estão envolvidas com a aula. E eles têm uma dificuldade muito grande de participar. Eu preciso que vocês falem e que não fiquem em silêncio. Mas eu quero que vocês falem sobre o que a gente está discutindo! Podem falar bastante que eu vou ficar quieta para ouvir enquanto vocês estiverem falando. Como eu quero que vocês estejam ouvindo quando eu estiver falando. Cada um no seu momento para a gente se compreender e poder se comunicar.

Em teu ponto de vista, quais seriam as prioridades para a formação de professores e em especial aos professores de arte para melhor atender crianças e jovens na atualidade?

Eu acho que o conhecimento é essencial, falo comigo que, na minha formação eu pouco tive de arte contemporânea, eu posso dizer que tive praticamente nada e, no entanto, adoro trabalhar com meus alunos com arte contemporânea. Eu tive que ir atrás e até hoje, tenho que ir atrás, muito pouco sei, e continuo indo atrás. Necessitando a cada hora, a cada dia, a cada ano eu descubro algo novo para eu investigar e buscar um certo domínio, e poder trabalhar com meus alunos também. E provoca-los também. Mas eu acho que falta muito, além do conhecimento. Um conhecimento muito contextualizado, principalmente dentro da nossa área, por que, era final da década de 80, e não trabalhava com as produções que estavam acontecendo, isto é incabível, né? Falar da arte, mas sobre aquilo que já aconteceu, e não direcionar com o que estava acontecendo, fazer com que a gente saiba interagir com essas produções, é meio complicado. Mas proporcionar ao máximo, vivências no ambiente em que tu vai desenvolver teu trabalho. Agora, atualmente trabalhando com o PIBID, às vezes, vejo algumas colocações dos alunos que demonstram bem, a ausência de experiência neste ambiente educacional, que são falas em cima de fundamentações teóricas, de tudo o que foi feito em laboratório... isso, é algo essencial, ser formado por professores que foram educadores. Se estão formando professores para o ensino básico, então, que tenham sido professores do ensino básico, que conheçam esta realidade... saíram da graduação e foram direto para universidade... mas isso com certeza falta, esta experiência do profissional que está lá formando, deste ambiente, o conhecimento é a prática são essenciais. Eu tive algo na minha formação, que me qualificou muito, que foi a professora Miriam Anselmo, ela nos proporcionou, primeiro, ela tinha a humildade de dizer que nunca tinha entrado em uma sala de aula, a experiência dela era as salas de aula das academias. Mas ela nos proporcionou a experiência como professores, e intensificou e qualificou muito o trabalho de quem trabalhou com ela nestes projetos, que foi muito legal. Então, interagíamos com

professores de escolas públicas, como também projetos que interagem com crianças da rede pública... eu vejo que agora os alunos chegam para um estágio em ensino médio, onde cinco aulas bastam? Dez aulas bastam? Que formação isto vai contar como experiência? Então, não tem como ele se envolver com um trabalho neste período, vai ter que dar algo meio que fragmentado...

Qual a função da arte/educação escolar na contemporaneidade?

É ruim às vezes formar um conceito assim. Mas eu acho, que a arte, ela está para provocar o aluno perante o mundo em que ele vive. Para desestabilizar, eu acho, esta maneira meio que formatada que nós temos, uniformizada. E eu acho que a arte tem que desestabilizar este uniforme. Eu vejo e eu penso com meus alunos, provoca-los a serem mais críticos. E a arte tem que provocar o aluno a ser mais crítico e mais perspicaz, a ter um olhar diferenciado ao que acontece no cotidiano, né? A formular um repente, ser mais argumentativo, a elaborar uma narrativa sobre algo, através da interação com as diferentes produções e, saber também, organizar suas próprias ideias, e isso, é consequência da elaboração do próprio conceito de onde ele está inserido... eu utilizo nas minhas aulas o diário de bordo, e é difícil quando eu trabalho com uma turma dois anos, o resultado já é um pouco diferenciado no segundo ano, mas no primeiro é complicado. Por que eu queria que eles usassem aquele instrumento como organização das próprias ideias deles, do raciocínio, né? Do pensamento. Então, começa muito descritivo no início, e no final, é que eles vão rompendo isso, mas é complicado, alguns já, desde o início conseguem romper, e eles fazem um espaço mais reflexivo daquilo que eles estão trabalhando, conhecendo, e produzindo, né? ... ainda fica muito fragmentado né? Mas, eu acho que a arte, ela tem que estar aí para desestabilizar, para provocar o aluno a ser mais reflexivo, a interagir mais no seu próprio espaço, a ser mais paciente. Por que é isso que ela faz. Eu não, não deixo de enxergar como um agente social.

Outras funções na escola, gestão, coordenação? Quais? Colocam a arte/educação em evidência?

Não, sempre fugi disso. Até poderia propor, se um dia tivesse coordenação da área de arte, até mesmo para estar mais próxima dos demais professores da área de arte. Mas não, sempre fui professora de arte. Ou, como atualmente, com a didática da arte, mas, como muitos professores, já acabei trabalhando com relações humanas... pois a maioria dos professores não tem concurso para isso, então são os professores que acabam, em um momento, trabalhando em todas as áreas, eu acho (risos).

Como tu vê a educação no Brasil, hoje?

Muito...Ai! Às vezes, eu tenho medo de dizer algumas palavras, assim. Me vem uma palavra, mas fico com medo, até por que, pelo momento em que estou dizendo, tem muita reflexão né? Mas deu uma vontade, muito, falsificada né? Pois estamos querendo aparentar algo que não estamos conseguindo construir. Não consigo ver uma continuidade, uma reflexão sobre esta educação. Estão vindo projetos para diferenciar e qualificar, mas parece que eles não conseguem ser efetivados. Eu falo até mesmo desta proposta do ensino médio politécnico, que agora surgiu especificamente no Rio Grande do Sul, mas seria uma transformação em nível nacional, até. Não com a politecnia, mas com um médio que aproximasse o aluno ao mundo do trabalho. Não de

uma forma técnica, mas fazer com que ele interagisse mais neste mundo, né? De uma forma bem diversificada, e é muito complicado! Há teoria, mas não há efetivação. É um projeto muito interessante, mas ao mesmo tempo, instituições mantenedoras, não proporcionam com que ele se construa realmente, né? Fica muito em cima do administrativo, e o pedagógico fica em segundo, terceiro ou quarto plano. Eu tenho essa preocupação, pois o Brasil ainda está correndo atrás da quantidade e fingindo estar correndo atrás da qualidade. Infelizmente! É triste, eu fico triste em falar isso, mas eu não vou jogar fora a palavra esperança né? Eu espero que melhore. Vou continuar dizendo isso, eu acredito. Se vai melhorar ou não, isso eu vou deixar, não vou refletir! Mas eu digo aos meus alunos: eu dependo deles. Eu vou envelhecer agora, e vou depender deles. Das escolhas deles, profissionais, das ações que estiverem no mundo. De que forma eles estarão interagindo no mundo? Eu vejo que a escola não está fazendo muito para que nós possamos ter alunos menos alienados. Me preocupa isto. A gente sabe que até em função do momento político, no período da ditadura, em função de todo o contexto repressivo, eu acho que as pessoas acabavam sendo mais questionadoras, mais impulsivas, mais produtivas, mais reflexivas e mais conscientes, pelo próprio meio. Que a gente queria transgredir toda aquela censura né? todosempecílios que nós tínhamos. E parece que agora o aluno não está sendo provocado a ser questionador, a ser reflexivo, e simplesmente ele acaba aceitando o que lhe é imposto ou, o que chega até ele, sem muita reflexão, então, me preocupa isto. Eu vejo isto, não só em função do ensino básico, mas também no ensino superior, profissionais em formação com uma ausência de ética e responsabilidade muito grande, que me assusta. Ações que às vezes acontecem e que chegam a nós através da mídia, e muito não chega até nós, né? Que me assusta! Então, profissionais que estarão cuidando de tudo, da administração de nosso governo né? Da nossa saúde, da educação, da nossa segurança, de tudo que é área. Me preocupa isso. Parece que a preocupação maior está na quantidade, que o índice do INDEB, né? Aumente lá! E que diminua o número de alunos na escola. Mas e aí? Com que qualidade? E, temos que lutar ainda, para termos o mínimo de valorização profissional.

Como professor qual o teu papel na sociedade hoje? Como tu te vê como professor?

Ai! Eu digo sempre: eu tenho uma relação muito forte com aquilo que eu faço! Às vezes, até demais! É complicado isso, por que às vezes, eu renego certas coisas que também deveriam ser prioridades pra mim, em função desta minha responsabilidade com aquilo que eu faço. Isso às vezes me preocupa, pois me faz refletir e, até esquecer esta palavrinha: esperança! No sentido de que: por que será que estou fazendo isso? Pois faço com uma responsabilidade muito grande! ...Ah, me perdi até agora! Me emocionei até! Eu acabo fazendo até mais do que eu deveria! Ai, vou ter que começar de novo! Eu me emocionei, comecei a pensar em várias coisas, cobranças que me fazem em função do meu trabalho, né? Às vezes me faz pensar se devo continuar, ou não! Mas aí, a gente esquece...e finge que acredita nesta palavrinha, a esperança, e que tem uma intenção. Eu valorizo demais o que faço, por que eu preciso sentir satisfação e realização em ver como uma pessoa, na maioria das vezes, uma profissional de sucesso, no sentido de poder me realizar em sala de aula. Eu tenho uma preocupação muito grande, em fazer com que meus alunos possam pensar de uma maneira diferente do que eles chegaram pra mim no início do ano. Que eu consiga provoca-los a serem mais sensíveis a todas as coisas que eles acabem se envolvendo em seu cotidiano, através da arte. Então, nisso eu me cobro muito. Eu sofro quando eu

vejo que não consigo fazer, quando eu não vejo esta mudança. Mas me realizo muito, quando eu vejo a mudança, por mínima que seja esta mudança. Às vezes da vontade de abandonar. Às vezes a gente meio que se cansa. Vê que a gente está fazendo sozinho e, será que serve para alguma coisa né? Tem algum significado. Mas aí, ai... ai não vai... que coisa séria, não era pra fazer isso, acho que não vai funcionar, acho que é o *stress* do cotidiano (muita emoção). Mas quando passa, assim, algum tempo, ..ai, deixa eu respirar, acho que não vai dar! Deixa eu respirar! Acho que eu vou escrever isso para ti (risos). É complicado tu rever os alunos, no normal acontece muito isso. Meu Deus, não vou falar! Não vai dar Jaison (choro e risos). Até mesmo, por que a gente não faz isso mesmo! A gente trabalha, trabalha, trabalha e não para pra ver isso aí... então...(risos). Tu faz com que a gente pare para pensar no papel que a gente tem e que a gente exerce, e às vezes a gente não toma consciência disso (choro). Ai, como tu é chato! Ai que droga! Nunca imaginei! O mal é que, quando falaste isso, aquilo tudo consegue se transformar! Eu lembrei de uma vez, também, é claro, que chorei! Teve uma turma do curso normal, em que eu era professora homenageada... ai droga! E aí, eles, elas, a mensagem que elas tinham colocado... acho que vai ter que ser por escrito (muita emoção). A mensagem que elas tinham colocado no convite... ai horrível! Me sinto horrorosa chorando!... elas tinham colocado no convite: agradecendo por eu ter conseguido fazer com que elas pudessem ler o mundo de uma forma diferente. Ano passado, acho que vou levar para o resto da minha vida, talvez eu me aposente e volte a trabalhar com os pequenos... eu fui ano passado, tive a oportunidade de levar meus alunos, da escola onde a Cristiane trabalha, eu fui com a pré escola e com o primeiro ano no MALG, na exposição do Iberê Camargo. Eu fui abençoada, pois estava trabalhando com eles com Iberê, e aí veio a exposição do Iberê para cá: ai que maravilha! Vamos ter que dar um jeito. Eu lembro de uma situação, que parece que foi no ano anterior, os alunos tinham ido fazer uma visita tanto no museu, no MALG, quanto no museu histórico da Baronesa, e as professoras vieram assim, apavoradas em função dos alunos interagindo no espaço, parece que quase assim destruindo, aquilo de mexer em tudo, pulando, mexendo e etc. Eu fui com essas duas turmas, interagi com eles, até nem foi a mediadora que estava lá, ela tentou, mas tomei conta do espaço e eu que fiz a mediação com eles. Até pelo espaço, e eram duas turmas razoavelmente grandinhas, e nós trabalhamos separadamente. Interagi primeiro com o pré, depois com o primeiro ano. E nós tínhamos ali, alunos que não paravam quietos, alunos que na escola, em sala de aula brigavam, que tinham problemas disciplinares complicados, de repente eles encantados e dando o retorno de tudo aquilo que tu estava trabalhando em sala de aula, a compreensão, a interação deles, a fruição que eles tinham com a produção do Iberê era encantadora. A própria diretora que eles estavam compreendendo coisas, visualizando coisas que ela não conseguia visualizar. Então, eu gostaria de continuar trabalhando com eles né? Pois eu vejo, que todos nós, na realidade, nós seres humanos, temos essa possibilidade, ou talvez seja uma habilidade inata de interagir com o mundo, de explorá-lo, de investiga-lo, só que parece que a escola rouba isso! A criança vai perdendo essa percepção, essa reflexão, essa investigação. E a arte acaba provocando isto, ela faz isso. Então, não sei se eu consigo contribuir de alguma forma para a sociedade, mas, às vezes (muita emoção)... Não sei se eu contribuo. Às vezes sou meio egoísta e individualista, e vou te dizer por que: às vezes vou para a sala de aula buscando esta realização. Eu preciso ver que eu consigo transformar um pouco o meu aluno, e saio frustrada quando vejo que ele sai do mesmo jeito que chegou. Mas eu saio encantada quando eu percebo esta transformação, essa modificação, que meus objetivos foram atingidos.

